

# alavaneia

CGTP-IN

ANO 2 N.º 17 JULHO / AGOSTO DE 1978

PREÇO 15500

ENCONTRO NACIONAL DA CONSTRUÇÃO CIVIL

12 A 20 DE AGOSTO  
SEMANA  
DO  
EMIGRANTE



EXCLUSIVO



- A QUESTÃO PALESTINIANA
- CPUSTAL
- ORGANIZAÇÃO SINDICAL DA AMÉRICA LATINA



EMIGRANTES PORTUGUESES NO IRAQUE

RECUPERAÇÃO CAPITALISTA  
AMEAÇA COMETNA E CORAME



CUBA  
FESTIVAL INTERNACIONAL  
DA JUVENTUDE

# alavancada

CGTP-IN

ÓRGÃO MENSAL DA CONFEDERAÇÃO GERAL  
DOS TRABALHADORES PORTUGUESES  
— INTERSINDICAL NACIONAL

Rua Vitor Cordon, N.º 1, 2.º — LISBOA

DIRECTOR: JOSÉ ERNESTO CARTAXO

## LEIA NESTE NÚMERO:

Editorial	2
1.º Encontro Nacional da Construção Civil e Madeiras	6
Legislação do Trabalho	8
Emigrantes portugueses no Iraque	9
Sindicatos da Celulose, Papel, Gráficos, Cartomagem e Trabalhadores na Imprensa constituem uma nova Federação	11
Aljustrel: O dia do mineiro	12
XI Festival Internacional da Juventude e dos Estudantes	14
Conflitos Laborais: Cometa	16
A Semana do Emigrante	18
Encontro dos Sindicatos Agrícolas do Norte e Centro	19
Entrevistas em exclusivo, com dirigentes da CISA e da CUPSTAL	20
Formação sindical	23
Conflitos Laborais	24
Os 5 anos olímpicos	26
A saúde na União Soviética	28
Poesia	29
Conferência Nacional de Organização Sindical	40

Teatro • Cinema • Artes Plásticas • Desporto • Passatempo •  
Notícias e Comentários • Em directo com os leitores, etc.

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA VÍTOR CORDON, N.º 1, 2.º, LISBOA  
COMPOSTO E IMPRESSO NA RENASCENÇA GRÁFICA, SARL  
DISTRIBUIÇÃO: C.D.L. — CENTRAL DISTRIBUIDORA LIVREIRA

## Contra uma a força e a u

**A**S classes trabalhadoras e outras camadas mais desfavorecidas do Povo Português têm vindo a ser altamente lesadas com uma forte diminuição do poder de compra, o que afecta gravemente as suas condições de vida.

Segundo os últimos dados fornecidos pelo Instituto Nacional de Estatística, o aumento médio dos salários em 1977, foi de 13 por cento e dos preços em 27,7 por cento o que determinou uma baixa no poder de compra dos trabalhadores, calculada em 11 por cento.

Neste ano de 1978, a situação agravou-se a um ritmo ainda mais vertiginoso. Com efeito, no curto período de meio ano, sofreram aumentos substanciais os preços de água, electricidade, gás, transportes, pão, arroz, óleos alimentares, margarina, leite, pescada congelada, carne bovina, cerveja, tabaco, fosforos, táxis, telefones, etc., etc. E outros foram já anunciados e estão em preparação o mais grave dos quais é, sem dúvida, o do aumento das rendas de casa. No que toca aos salários, milhares e milhares de trabalhadores continuam a aguardar, desde 1977, se não mesmo de 1976, a actualização das tabelas salariais dos seus contratos colectivos.

Mais de um milhão de reformados vêm-se traídos por não verem atendidas as suas reivindicações, e, mesmo os aumentos prometidos, apesar de serem insuficientes para cobrir apenas, a subida do custo de vida. Entretanto, verificada, continuam por concretizar.

Quanto aos impostos, interessa dizer que foram principalmente aqueles que atingem os trabalhadores — Imposto Profissional e Imposto de Transacções — os que mais aumentaram este ano.

Esta política está a criar obstáculos insuperáveis à resolução da crise e económica que o nosso país atravessa, já que nunca será o continuo agravamento das já difíceis condições de vida dos trabalhadores, que se ganhará a sua adesão para a patriótica tarefa da recuperação nacional, que, sem eles, é impossível.

Por outro lado, e tal como sempre a CGTP-IN tem denunciado a diminuição continua do mercado interno, bem como a adopção de medidas contrárias aos interesses dos pequenos e médios empresários — desvalorização do escudo, aumento das taxas de juro, limites à concessão de crédito —

# Uma política de suicídio

## a unidade dos trabalhadores



que está a provocar um preocupante aumento de falências de empresas, diminuição do investimento e consequentemente, a subida do desemprego. Segundo dados fornecidos pelo Serviço Nacional de Emprego, o ritmo de aumento dos desempregados é este ano, superior. Em mais de 40 por cento, ao verificado no ano passado.

As forças reacçãoária e fascistas, congregadas com todas as forças de direita, desenvolvem, neste momento a vários níveis, acções concertadas com o objectivo de obter novas cedências que tornem ainda mais contrária aos interesses do nosso povo e do nosso país a política que tem sido seguida.

Esta situação é resultante da política de cedências contínuas às forças da direita e da reacção, que a CGTP-IN reviu e denunciou, e o seu claro agravamento, é também consequência da entrada para o Poder do partido político que representa os interesses dos exploradores que escravizaram o nosso povo até ao 25 de Abril — aqueles que mais se têm oposto ao regime democrático.

As forças reacçãoárias e fascistas apesar de completamente isoladas pela popu-

lação portuguesa, continuam aberta e impunemente, a conspirar e a provocar contra a ordem democrática.

Mas tais atentados clarificam, perante todo o povo português, a verdadeira natureza, de tais forças, e quais as consequências que advirão para o nosso país, se elas voltassem a reconquistar o poder político. A acção decidida dos trabalhadores portugueses e do seu Movimento Sindical, tem garantido a defesa das mais importantes conquistas da Revolução, tem contribuído para evitar uma mais acentuada deterioração das condições de vida do Povo português e será suficientemente forte e capaz para se opor aos desígnios das forças reacçãoárias e fascistas.

Todas as pessoas, organizações e órgãos de Poder reconhecem o esforço patriótico dos trabalhadores de compreensão, para com as dificuldades nacionais. Mas tal compreensão sempre esteve e está ligada à confiança de que essas dificuldades serão ultrapassadas pela manutenção, consolidação e desenvolvimento do que os trabalhadores consideram a garantia do seu futuro: a defesa do poder de compra, a melhoria das condições de vida, a defesa dos seus direitos, e liberdades, a Reforma Agrária, as nacionalizações e o controlo operário — instrumentos imprescindíveis para a concretização da opção socialista, consagrada na Constituição.

A manutenção da actual política e por maioria de razão o seu eventual agravamento — através de mais cedências às forças que sonham com o regresso ao passado — é absolutamente insustentável para os trabalhadores portugueses, pondo em perigo a liberdade, a democracia e a independência nacional.

O reforço da unidade e organização dos trabalhadores portugueses, a sua participação entusiástica e criadora nos trabalhos preparatórios da Conferência Nacional de Organização é a tarefa fundamental do presente momento.

A mobilização e determinação na luta pela satisfação global das reivindicações do Plenário de 4 de Fevereiro, com o consequente desenvolvimento de todas as acções que tenham por finalidade melhorar as condições de vida do povo trabalhador, continua a ser a forma válida para defender os nossos direitos, e interesses de classe, defender as conquistas da Revolução e tornar possível a sociedade socialista consagrada na Constituição.

edi  
to  
rial

# Edições **alavanca** CGTP-IN



CONFEDERAÇÃO GERAL DOS  
TRABALHADORES PORTUGUESES  
INTERINDUSTRIAL NACIONAL

**DELIBERAÇÕES DO CONGRESSO  
DE TODOS OS SINDICATOS**

1. MANIFESTO
2. CADEIRO REINDICATIVO
3. RESOLUÇÃO

## 01/ DELIBERAÇÕES DO CONGRESSO

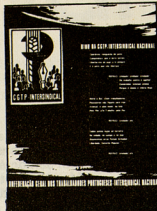
Manifesto, Caderno Reindicativo,  
Resolução ... Preço 2250

# FORMAÇÃO SINDICAL



## 02/ FORMAÇÃO SINDICAL

(1.ª edição) 6 tomas para estudo,  
com 130 págs. ... Preço 10800



## 03/ POSTER PARA 1978

Poster com hino da CGTP-IN ...  
2400



## 1/ PROGRAMA DE ACÇÃO

Aprovado no Congresso de Todos os  
Sindicatos ... Preço 7850



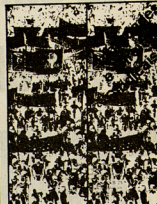
## 2/ CONTRATAÇÃO COLECTIVA E POLITICA DE SALÁRIOS

Um volume oratonado, com 280  
págs. ... Preço 61000



## 3/ SE O PACOTE 2 FOR APLICADO

2.ª EDIÇÃO ... Preço 15800



## 4/ LIBERDADE E DIREITOS SINDICAIS

Lei Sindical como vida.  
Projectos: CGTP-IN, PPD/PSD, PCP.  
Decreto-Lei 1215-B/75.  
Textos da Constituição e da Con-  
vulção do OT ... Preço 31000



## 5/ POSIÇÃO DA CGTP-IN FACE À SITUAÇÃO SOCIAL E POLITICA

Medidas de acção adoptadas para  
defesa dos interesses dos trabalha-  
dores ... Preço 10800



## 6/ ESTATUTOS DA CGTP-IN REGULAMENTO DO CONSELHO GERAL

Contém o organograma do Movimento  
Sindical ... Preço 7850



Edição especial, inteiramente dedicada às grandiosas comemorações do 1.º de Maio de 1978 em todo o País, do Minho aos Açores

Reconte e envie para  
Confederação Geral  
dos Trabalhadores  
Intersindical Nacional,  
Rua Victor Gordon,  
N.º 1 2.º LISBOA 2.

Nome \_\_\_\_\_  
Morada \_\_\_\_\_  
Localidade \_\_\_\_\_  
Profissão \_\_\_\_\_

Desejo assinar a Revista ALAVANCA a partir do N.º \_\_\_\_\_

Desejo adquirir os livros N.ºs \_\_\_\_\_

Para o meu pedido pagamento envio Esc. \_\_\_\_\_ Soz. \_\_\_\_\_

em cheque N.º \_\_\_\_\_ / Vale de Correio N.º \_\_\_\_\_

Continente Semestral 85500 Anual 165800  
Ilhas Semestral 130800 Anual 260800  
Estrangeiro Semestral 250800 Anual 500800

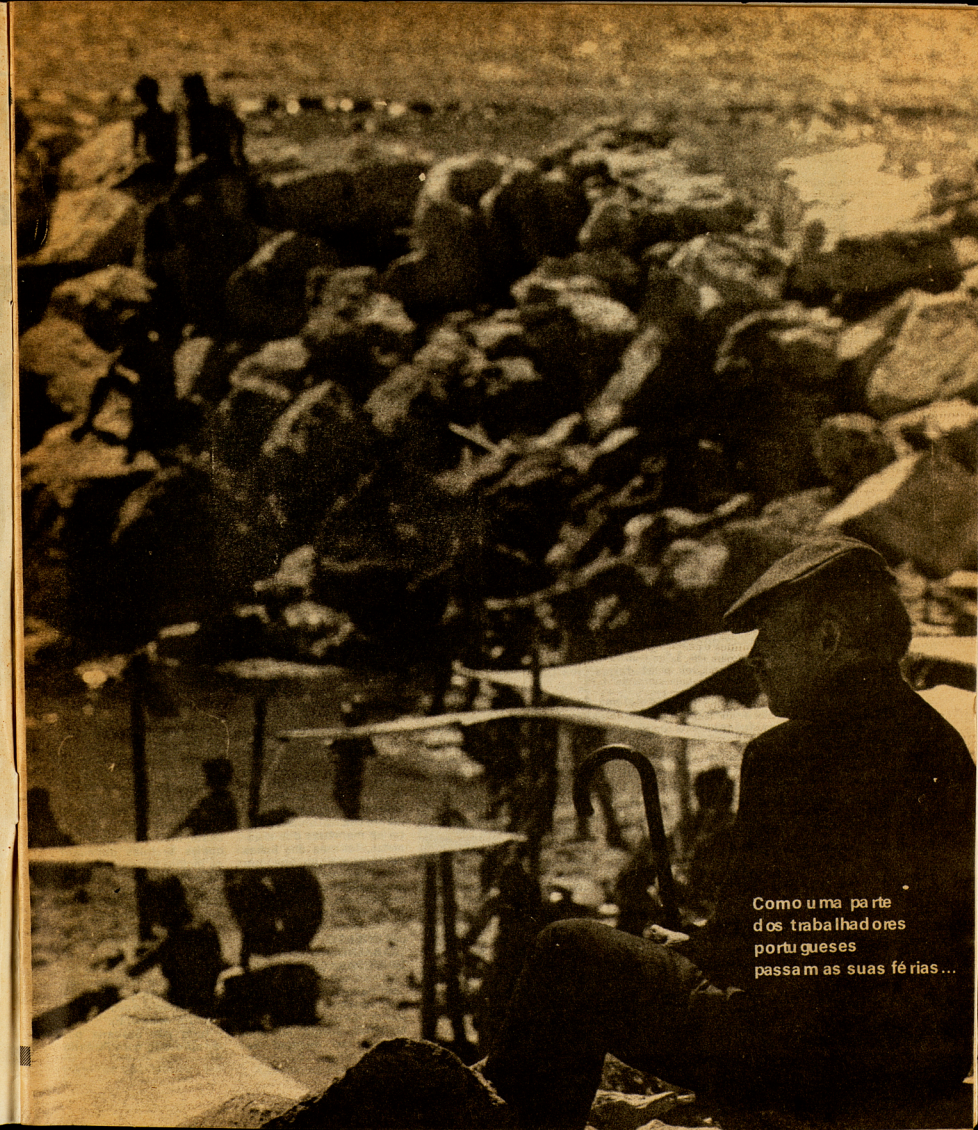
# alavanca CGTP-IN

## ÓRGÃO CENTRAL DA CGTP-IN

## A REVISTA DE TODOS OS TRABALHADORES

AL  
ento

el-  
às  
no-  
pio  
o  
os



Como u ma parte  
dos trabalhad ores  
portu gueses  
passa m as suas fé rias...



## 1.º ENCONTRO NACIONAL DA CONSTRUÇÃO CIVIL E MADEIRAS

# SINDICATOS DEFINEM ESTRATÉGIA COMUM

A realização de um Congresso dos sindicatos do sector constitui uma das principais conclusões do 1.º Encontro da Federação Nacional dos Sindicatos da Construção Civil e Madeiras, realizado no passado mês em Lisboa.

Os delegados das estruturas representativas da classe manifestaram a necessidade de prosseguimento da reestruturação sindical do sector, com a continuação das fusões, e a urgência de avançar no processo de verticalização.

A actuação firme contra os contratos a prazo, a definição de uma política geral de contratação para o sector, e o reforço da vigilância em relação a um maior controlo da Previdência pelos trabalhadores, foram algumas das deliberações de um encontro que reflectiu bem as preocupações dos trabalhadores da construção civil em colocarem aquele sector ao serviço da economia nacional.

Construção Civil e Madeiras realizou-se no passado dia 17 de Junho, nas instalações da Voz do Operário, em Lisboa.

Nos trabalhos participaram 235 delegados em representação dos mais de 300 mil trabalhadores daqueles sectores, tendo também estado presentes 125 convidados.

O 1.º Encontro Nacional da ventanagem concreto dos

problemas do sector, a fim de dotar as estruturas representativas dos trabalhadores de uma melhor capacidade de argumentação e de intervenção na discussão das questões que se prendem com a construção civil.

—A análise do trabalho sindical desenvolvido naquele sector, o estudo da actuação do patronato em tudo o que se refere aos di-

reitos dos trabalhadores, a análise da situação económica das empresas e a definição de linhas de contratação coerentes com as orientações gerais do Movimento Sindical, foram alguns dos objectivos perseguidos pelas organizações promotoras do Encontro.

No decorrer dos trabalhos, os delegados participantes pronunciaram-se acerca da necessidade de

reestruturação da actividade sindical do sector, quer a nível da empresa, quer a nível dos sindicatos, quer mesmo a nível da própria Federação, para que ela possa desempenhar eficazmente o papel que lhe cabe.

Reforçar a unidade dos trabalhadores da construção civil através da discussão democrática entre todos os delegados dos vários pontos do País, no sentido da defesa do movimento sindical unitário contra as manobras dos cisionistas, foi uma das linhas de força de um Encontro que, por detrás de si, tinha já um intenso trabalho de organização, esclarecimento e dinamização.

### UM INTENSO TRABALHO DE PREPARAÇÃO

A ideia da realização de um Encontro dos Sindicatos da Construção Civil e Madeiras surgiu no ano passado no decorrer de

uma reunião realizada em Coimbra, convocada pela CGTP-IL, e à qual compareceram os sindicatos do sector.

Nessa altura, foi apontado como data provável para a realização do Encontro, o princípio deste ano.

No entanto, e em virtude do empenhamento de esforços colocados na realização da fusão entre a construção civil e as madeiras, o encontro acabaria por ser adiado.

Reunidos em Janeiro deste ano, sindicatos daqueles sectores definiram os moldes em que se deveria levar à prática a futura do Encontro, tendo mandado a Federação dos Sindicatos da Construção Civil e Madeiras para a elaboração dos documentos que iriam servir de base a toda a discussão. Entretanto, foram também estabelecidas as formas de participação no Encontro e o seu respectivo funcionamento.

Tudo isto acabaria por ser aprovado num Plenário

da Federação realizado em Fevereiro, que aprovou também a ordem de trabalhos do Encontro.

No decorrer de reuniões realizadas no dia 2 de Março, no Norte, e no dia 3, no Sul, procedeu-se à distribuição dos documentos-base para discussão. A partir daí iniciaram-se debates e efectuaram-se plenários de delegados sindicais, visando o seu apetrechamento para uma maior dinamização das tarefas preparatórias do Encontro.

As conclusões apuradas a nível de cada distrito foram aprovadas em plenários distritais e servirão de base para a feitura dos documentos finais do Encontro.

Todo este trabalho estava programado de molde a terminar a 30 de Abril, realizando-se o Encontro no dia 20 de Maio. Só que a agudização da luta do sector da construção civil pelo seu Contrato Colectivo e a marcação da paralisação de meio-dia para 18 de Maio, obrigaria ao adiamento do Encontro.

O trabalho desenvolvido na preparação do encontro foi, já de si, positivo, sendo de destacar a feitura de um inquérito, nessa altura realizado, e que permitiu que se ficasse com uma imagem do sector bastante esclarecedora, constituindo um ponto de partida para a fundamentação de muitos pontos dos documentos-base de discussão.

A ordem de trabalhos do 1.º Encontro da Federação da Construção Civil e Madeiras, aprovada no Plenário de Fevereiro, consistia a análise da situação económica dos dois sectores, do estudo de questões relacionadas com a Previdência e a Segurança, a discussão da reestruturação sindical dos sectores, e o debate dos problemas que se prendem com a situação social dos trabalhadores da construção civil e com as suas reivindicações.

De acordo com uma proposta aprovada no início dos trabalhos do Encontro, foi alterada a forma de funcionamento do mesmo, por forma a contemplar as orientações apontadas pelas conclusões dos plenários distritais dos sin-



dicatos, no sentido de permitir uma melhor discussão dos temas propostos pela ordem de trabalhos.

No decorrer do Encontro verificaram-se 102 intervenções de delegados e foram aprovadas numerosas moções incidindo sobre problemas de contratação colectiva, habitação, saúde, etc.

Os documentos — base apresentados à discussão foram durante esta bastante alterados, no sentido do seu melhoramento e do seu enriquecimento.

Os trabalhos decorreram em ambiente de debate fraternal, que tornou possível a ultrapassagem de divergências pontuais, e a construção de uma ampla unanimidade.

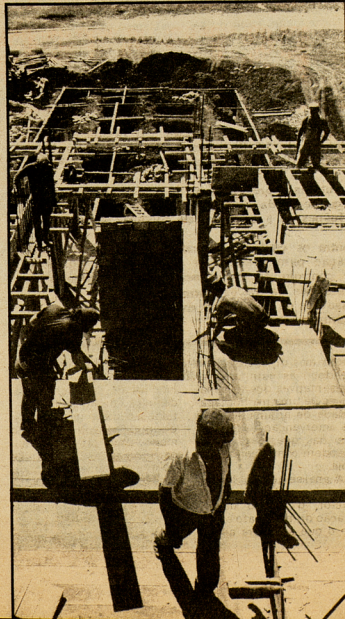
#### CONGRESSO MARCADO PARA O PRÓXIMO ANO

De acordo com uma proposta surgida na secção que se debruçou sobre os problemas de organização, o Encontro aprovou a realização, até meados do próximo ano, de um Congresso dos Sindicatos da Construção Civil e Madeiras.

Na linha do reforço da unidade sindical e do combate aos cisionistas, o Encontro aprovou, além do Congresso, uma série de medidas urgentes que passam pela fusão dos sindicatos destes sectores, pela verticalização sindical e pela realização de todo um trabalho de dinamização dos trabalhadores da construção civil e madeiras.

Apostou-se para a neces-

sidade de um melhor aproveitamento da capacidade técnico-administrativa dos sindicatos, que deverá passar pela utilização colectiva de instalações e equipamentos, e pelo reforço da própria Federação dos Sindicatos da Construção Civil e Madeiras.



At través dos documentos aprovados, os trabalhadores indicam as principais medidas que consideram necessárias para a recuperação e revitalização económica do sector, nomeadamente para a «aplicação de um programa financeiro adaptado às realidades e necessidades sociais», e «nó em função dos capitalistas e promotores-empregadores»; chama-se à atenção para o facto de as comissões administrativas de numerosas empresas interencionadas se encontram ao serviço dos grandes capitalistas, e de a sua acção se orientar por forma a criar condições para o regresso dos antigos patrões.

Os delegados dos trabalhadores, presentes na Voz do Operário, deliberaram enveredar por uma acção firme contra os contratos a prazo, manifestando-se favorável à definição de uma política geral de contratação para os sec-

tores da construção civil e madeiras.

#### LEVAR AS CONCLUSÕES À PRÁTICA

A participação dos trabalhadores daqueles sectores na elaboração da legislação respeitante à Segurança Social e à gestão da Previdência a todos os níveis encontra-se entre as principais reivindicações aprovadas no decorrer do Encontro.

Os delegados participantes defenderam a necessidade de um reforço da vigilância e da organização dos trabalhadores, de molde a conseguir um maior controlo da Previdência.

Foi também exigido que a Inspeção do Trabalho a todo o sentido, obrigando os patrões a cumprir as PRTs e as convenções colectivas de trabalho em vigor, e no sentido de intervir nos casos em que se verificarem atropelos aos direitos dos trabalhadores.

Defendendo o Serviço Nacional de Saúde, o Encontro salientou que a sua «universalidade obrase assegurada se o Estado adoptar uma política de financiamento do sistema que não tenha como ser suportada pelos trabalhadores, em benefício de uma minoria privilegiada».

Foi também considerado que o Serviço Nacional de Saúde, para que aponta a Constituição, pressupõe uma participação organizada da população em todos os escalões dos serviços de saúde.

Terminado o 1.º Encontro Nacional da Federação dos Sindicatos da Construção Civil e Madeiras, é preciso agora levar à prática as suas conclusões, na luta do dia-a-dia na empresa, no combate pelo Contrato Colectivo, ou na participação efectiva na vida sindical.

Mais do que nunca, é urgente o reforço da organização sindical dos sectores da Construção Civil e Madeiras.

É só esta perspectiva que ganha ainda maior importância a realização do Congresso que as estruturas representativas dos trabalhadores daqueles dois sectores deliberaram realizar no próximo ano.

# A PARTICIPAÇÃO DAS ORGANIZAÇÕES DOS TRABALHADORES NA SUA ELABORAÇÃO

**N**ÃO é de agora a reivindicação do Movimento Sindical Unitário para que o Governo dê cumprimento ao disposto na Constituição da República quanto à participação das organizações de classe dos trabalhadores (Comissões de Trabalhadores e Associações Sindicais) na elaboração da legislação do trabalho. Tal posição corresponde ao imperativo claramente expresso nos Arts. 56, alínea d) e 58, n.º 2 alínea a) do texto constitucional.

Om é sabido que, embora por forma que nem sempre atende as justas e fundamentadas posições das organizações de classe dos trabalhadores (pode não mesmo dizer-se que só parcialmente as satisfaz...), a Assembleia da República tem dado cumprimento, ao menos formalmente, aos preceitos constitucionais acima referidos. Simultaneamente, é também sabido que, sempre que são postas à discussão dos trabalhadores projectos ou propostas de lei, antes da sua discussão e aprovação pela Assembleia da República, sobre matéria jurídico-laboral ou de mais directo interesse para os trabalhadores, tanto as associações sindicais como as comissões de trabalhadores na sua esmagadora maioria tomam posição fundamentada e enviam-na à Assembleia da República.

Contra a prática, formalmente, embora em muitos casos,

da Assembleia da República e ao arripio do disposto constitucionalmente, o Governo tem adoptado sistematicamente um processo de legislar sobre direito do trabalho que marginaliza abertamente as organizações de classe dos trabalhadores.

Na verdade, além de se permitir legislar sobre matéria da competência reservada da Assembleia da República sem para tanto dispor de autorizações legislativas (questão que neste momento não desenvolvemos), o Governo tem-se esquivado à simples divulgação dos projectos de decretos-lei que tem na forja sobre matéria de relações de trabalho, o que é condição indispensável para assegurar a participação efectiva das organizações de classe dos trabalhadores. Nalguns casos, tem mesmo legislado sem prévio anúncio da intenção

de o fazer sobre certas matérias.

Non obstante o que se deixa dito, permite-se o Governo referir, no preâmbulo de diversos diplomas legais sobre matéria laboral, que foram consultadas as organizações dos trabalhadores, sem que, no entanto, se esclareça nem sobre o processo de consulta, nem sobre as organizações de classe que se pronunciaram, nem sobre o sentido das posições por estas assumidas. Além disso, em nenhum dos casos em que tal menção é feita no preâmbulo de decretos-lei a CGTP-IN foi previamente consultada sobre o texto dos diplomas, o que dá bem a imagem da dimensão que tal hipotética participação terá tido.

Perante esta situação de facto consumado e que repetidamente se tem visto confrontado, o Movimento Sindical Unitário, quer em



conjunto, quer ao nível de cada associação sindical, tem erguido o seu protesto, exigindo do Governo o respeito pela Constituição. Além disso, tem por diversas vezes dirigido a outros órgãos de soberania e outras entidades públicas exposições em que dá conta da situação existente e reclama a tomada de medidas que ponham cobro a este reiterado, e sem dúvida intencional, desrespeito pela Constituição.

Pelo seu interesse, da entre outras posições concordantes com a exigência do cumprimento do dispositivo constitucional em matéria de participação das organizações dos trabalhadores na elaboração da legislação do trabalho, referimos a posição que o Provêto de Justiça tem tomado neste assunto.

Com efeito, a referida entidade tem considerado que pelo Governo deve ser seguida a prática nesta matéria adoptada pela Assembleia da República, isto é, a divulgação prévia do texto dos projectos de decretos-lei do Governo sobre

questões de direito do trabalho. Mais tem entendido o que não existe m razões objectivas que impeçam a adopção de tal procedimento.

Como condições mínimas a preencher pelo Governo, designadamente pelo Ministério do Trabalho, que garantam a autenticidade da participação das associações sindicais e das comissões de trabalhadores, considera o Provêto de Justiça as seguintes:

— Anúncio público do propósito de legislar sobre determinadas matérias;

— Fixação de um prazo razoável para as organizações de classe dos trabalhadores se pronunciarem sobre essas matérias;

— Elaboração de um registo das posições recebidas que permita que sejam tomadas em consideração e comprou o respeito pelas normas constitucionais;

— Registo dos pontos de vista expressos verbalmente em audiência por associações sindicais e comissões de trabalhadores.

Se mesmo estas normas mínimas, como tudo indica e confirma, continuam a ser sistematicamente ignoradas pelo Ministério do Trabalho, duas questões têm que ser postas, forçosamente.

A primeira, a de saber qual o valor constitucional da legislação do trabalho que continua a ser publicada pelo Governo com manifesto desrespeito da Constituição quanto à participação de associações sindicais e comissões de trabalhadores na sua elaboração.

A segunda, a de saber quando e como o Ministério do Trabalho, abandonará, neste particular, uma prática de que o mínimo que se pode dizer, é que é prepotente e arbitrário, tanto mais quanto é certo ser envolvidas e atendidas as associações patronais (para não falar já na ingerência externa) numa matéria sobre a qual a Constituição nem expressa nem implicitamente prevê que sejam consultadas.

Tem a palavra o Ministério do Trabalho.





Quando se põe a questão de se saber se a emigração é um mal ou um bem para o País, a resposta deve ser objetiva e lúcida: — A Emigração é um dos piores males que enferma qualquer nação. Porque a emigração só é possível e desejável quando no próprio país não há as condições necessárias de trabalho e de vida para absover a grande riqueza que é a força do trabalho dos homens!

Ante o quadro de privações e de miséria nos seus lares, os trabalhadores portugueses desempregados «embarcam» de imediato na primeira oportunidade que possam oferecer-lhes, de trabalho, no estrangeiro, a maior parte das vezes sem saberem ao certo em que condições de trabalho e de vida têm de sujeitar-se em terras totalmente estranhas, na língua, como nos costumes.

Foi o que recentemente aconteceu com um grupo de portugueses que há pouco tempo foi forçado a regressar na a média da sua terra, vindos do Iraque, após dois meses de estadia nesse país, em condições absolutamente desumanas... o que os forçou a um regresso prematuro à terra de onde haviam abalado, cheios de esperança por terem encontrado, enfim, onde trabalhar.

# DURAS EXPERIÊNCIAS DE EMIGRANTES POR UGUESES NO IRAQUE

Foi assim que estiveram na nossa redacção José Feliciano Bataíha, encarregado de construção civil, de 44 anos; João Alves Dias, carpinteiro, de 30 anos; António Manuel dos Santos Ramalho, carpinteiro, de 36 anos; e Fernando Jesus Gonçalves, carpinteiro, de 42 anos.

O relato que nos fizeram da sua odisseia naquele país do Médio Oriente, de uma congénita miséria, leva-nos a perguntar: Como é possível que, em plena Revolução democrática, deste Portugal de Abril, libertada já da escravizadora e repressiva fascista, possam ainda verificar-se casos de tão flagrantíssima maldade com trabalhadores portugueses que, por ainda não terem condições de trabalho e de vida na própria terra, se vêm forçados, a emigrar, não importa para onde?

## A farsa de um contrato

Contratados por uma firma com sede em Lisboa, a Sociedade Constitutora Luso-Suica, SARL, dirigida por alemães, segundo eles nos disseram, esta sociedade não é nem mais nem menos que uma ramificação, ou sucursal, ou lá o que é, do grupo Polinsky e Zeeilner, Petrochemical Complex Nº 1, cujo centro de actividade é em Basrah, no Iraque. Também nos disseram esses emigrantes que



Os emigrantes regressados do Iraque falam a «Alavanca»

esta última firma está a construir de conta de um consórcio americano de construções.

O compromisso/contrato que obriga os trabalhadores emigrantes a uma estadia mínima de 6 meses assinala que, se por qualquer motivo eles tiverem de regressar antes desse prazo à sua terra, as despesas de avião e outros originadas com a ida e volta dos emigrantes terão de ser suportadas por estes, visto o trabalho ser-lhes pago em Portugal.

São já numerosos os casos desta natureza verificados com essa firma, a Sociedade Con-

stitutora Luso-Suica, que está servindo de veículo a uma emigração da riqueza dos braços portugueses, que não oferece um mínimo de garantias, nos lugares de trabalho para onde são «exportados». Acusam esses trabalhadores que tais contratos não passam de simples papéis sem importâncias nem nenhuma garantia, pelo que dizem ser uma viagem em que têm caído numerosos trabalhadores portugueses. Porque, na realidade, nada do que fica estipulado nesses papéis é respeitado quando no lugar do trabalho e, mesmo, durante a

própria viagem de ida para tão distantes terras. Enquanto que nestes contratos se diz que os emigrantes têm direito a hotel e à alimentação, após a sua chegada ao Iraque, assim como ao transporte por avião de Bagdad, a capital, até ao lugar de trabalho, em Basrah, distante 700 quilómetros da capital, a realidade é bem outra. São metidos, à chegada, numa espécie de baracão, sem alimentação, e depois transportados, como gado, em camions sem nenhuma condições para o transporte de pessoas, nesse tão longo percurso. Em segui-

da, são metidos em campos abarrotados, cercados de arame, autênticos campos de concentração, de onde só podem sair com uma autorização especial.

## Como se fossem prisioneiros

Para maior segurança dos interessados na mão-de-obra escrava portuguesa, os responsáveis dessa firma, logo à chegada, apossam-se dos passaportes dos emigrantes, o que na prática equivale a dizer que, a partir dessa ocasião, os trabalhadores e emigrantes portugueses passam a ser como autênticos prisioneiros dessa malfadada organização, visto que não podem, mesmo que quisessem, ir à cidade mais próxima desse acampamento, que fica a 30 quilómetros.

O trabalho de construção é feito em pleno deserto, sob um calor torrificante. E queixam-se todos eles que a alimentação é a pior que viram em toda a sua vida. A carne que lhes davam, na maior parte língua de camelo, era quase sempre podre. De tal maneira, que muitos deles só de vê-la sentiam vômitos. E alguns estiveram mesmo bastante doentes, pois, cheios de fome, viam-se obrigados a comer para se poderem aguentar. Muitas vezes, a com-

da era carne podre com arroz ao alampão e à mesma comida ao jantar, de maneira que todos eles emagreceram nesses escassos meses bastantes quilos, como, por exemplo, um deles que perdeu 10 quilos e meio, outros 8 ou 5 quilos. Era um autêntico inferno, a vida nesse campo, a que, a exemplo do que ouviam falar, classificaram como um «campo de morte lenta».

Quando alguém reclamava contra a má comida, contra a falta de higiene, contra a maneira áspera e brutalhada como eram tratados, eram, regra geral, despedidos e reinviados para as suas terras, descontando-lhes depois no final das contas as despesas que a «sociedade de malfeitores» tinha feito com a vida deles. Ou, então, antes de chegarem a esse extremo, quando era a primeira reclamação, sofria-se como que um castigo, que se resumia num trabalho mais duro ou no deterioramento, ainda mais, da alimentação.

## Onde está a protecção aos emigrantes?

A nossa pergunta porque não se iam quejar ao óbereu português ou a qualquer outra entidade portuguesa no Iraque, disseram-nos que para aquelas bandas do Iraque não há qualquer autoridade portuguesa que possa proteger os nossos emigrantes. Nunca vimos, ou sabemos, da existência de qualquer pessoa que representasse as autoridades portuguesas.

Quando lhes perguntámos se já sabiam que essa firma tinha lido problemas idênticos com outros emigrados portugueses que antes deles estiveram a trabalhar no Iraque, responderam-nos que sim, que já tinham ouvido falar nisso. Mas que nunca tinham suporto que na realidade era tão mau como diziam.

«Além do mais, compreende, em casa nem tinhamos oito tostões para um pãozinho. E a fome é a miséria obriga os portugueses de emigrantes a aceitar a miserável oferta de trabalho que lhes apareça».

«Tiraram-nos o passaporte, logo à chegada. E só nos deram no dia em que nos víamos

embora. Mas veja as dificuldades que nos colocaram: o sem o passaporte, não podíamos ir ao Banco a cambiar dinheiro, de que muitas vezes precisávamos para ajudar na comida. O trabalho era muito duro, derivado ao sol, que era muito quente, e à má comida, como já dissemos. E o tratamento que tinham com a gente também era muito mau».

## Comida imprópria para animais

«Nem a qualquer animal se dava a comida que nos davam. E o local de trabalho era mesmo numa espécie de deserto.»

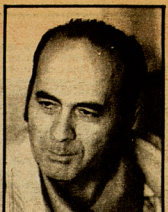
«Um outro desses emigrantes

«De tudo, o pior era a comida. Vinha podre, a maior parte das vezes com bichardas, cheia de moscas e vermes. Comia aquilo, por causa da fome. Mas que sempre a vomitava. Nos dois meses que lá trabalhei, vi-me muito arto devido da saúde, por causa dessa maldita comida. Havia lá uma médica iraquiana, a quem nos queixámos da comida. Mas a dificuldade de compreender a língua impossibilitou-nos o entendimento. Um intérprete, indiano, que falava inglês e que era um bomde confiança dos patrões da firma, disse ao médico que quando lá fosse algum operário, que o despachasse depressa, porque perdiam tempo de trabalho. Isto contou-nos um iraquiano, que se fez nosso amigo e que nos deu alguma coisa de francês. E se queixámos ir ao outro médico, que não o da companhia, tinhamos de pagar tudo, consulta, medicamentos, transporte e descontar-nos as horas que perdíamos em ir ao médico. Atoe-ci de uma vista. Levaram-me ao hospital. O meu estado era grave e o médico disse que tinha a vista infectada, queimada e que teria de ser operado dali a dois ou três anos.»

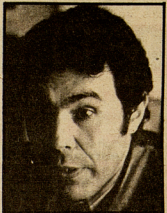
Também quisemos saber se a Sociedade de Libos tinha a algum representante directo dos trabalhadores. Disseram-nos que há lá um engenheiro que é o intermediário entre nós e a firma, isto é, entre nós e a firma americana que tomou esses trabalhos, os quais em-



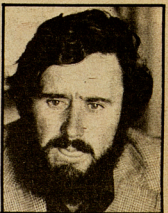
António Manuel dos Santos



José Feliciano Batalha



Fernando Jesus Gonçalves



João Alves Dias

o nosso País, melhor, pois muita falta temos dele. Mas tem-se reclamado contra a situação que os trabalhadores emigrantes encontram no Iraque, e o Governo nada tem feito no sentido de melhorar essa situação.

O que se precisava era que o Governo mandasse fazer um inquérito, sobre o «engajamento» de trabalhadores à Luso-Suíça. Porque a nosso ver são os safades e estúpidos, dessa forma, a matar, lentamente os trabalhadores portugueses que para lá vão.

«Quando se reclama contra a falta de água, ou contra a má comida, castigam-nos e ficam na caserna, sem ganhar, 8 ou 10 dias, a sofrer, ou a ser despedido. E como não tinhamos os passaportes, não podíamos sair dali, dessa espécie de campo de concentração, onde ficávamos como se fôssemos prisioneiros. Com esta é a quarta vez que emigro. Estive em Marrocos, na Arábia Saudita e em Moçambique. Em nenhuma dessas partes sofri o que sofri no Iraque».

## Com a faca e o queijo nas mãos

«Isso é uma espécie de canção. Estão a fazer uma vigília perante o Governo português, pois há a impressão que esses contratos são falsos. De tal maneira, que se a Luso-Suíça entender dizer que não que Iraque um trabalhador português qualquer matou uma pessoa, chega-se cá e é preso como criminoso. Nós não temos um Governo à altura para dar a protecção devidas. Diz-se, e é verdade, que quando mais dinheiro trouxermos para

dizer bem aquilo, quando isso tudo é um puro engano! Tal acontece também com esse jornal que há por aí, que é do sr. Maia Cordeiro não sei quê, e que é o braço direito da Sociedade Luso-Suíça. Ainda que dizer que não a meu carma não que pediu um pouco mais de pão, que era o que melhor se podia comer, deram-lhes 3 dias de castigo, e mandaram-nos embora para Portugal. Não se podia reclamar mesmo nada».

«Nós somos capazes de dizer tudo isto ao Governo. Que a gente falando a verdade é a verdade, não mereço castigo. Esse tipo, Maia Cordeiro não dá comunicados para os jornais a dizer coisas e coisas, para servir de isca aos trabalhadores portugueses. Mas nós, alertamos os nossos patrícios, a que não se deixem ir no bote, que não queiram ir para lá para não sofrerem o que nós sofremos».

«Os alemães pagam à Luso-Suíça, em marcos. O nosso dinheiro quando chega até nós, é em escudos. Ora isso, a nosso ver, é uma espécie de roubo que se faz ao Governo português, ao nosso País».

«Ous saber se nos faziam um seguro, com a garantia de voltarmos para Portugal, responderam, que se morrêssemos por lá, lá ficariam em enterro. E por causa do clima do período de injeção de água um indivíduo por muito não sabe seja, ao fim de dois dias, os nossos patrícios, a contrair graves doentes. Por custoso e por muito mais que tinhamos para contra que a conselheira dos nossos patrícios, a por-se-me a pau com essa Sociedade Luso-Suíça e não embarcarmos nessas viagens em que nos embarcámos».

Comentários para quê? O que fica dito ilustra bem quanto de espírito safador possui o povo português, quando se vê sem trabalho para ele para os seus filhos, e tem de ir trabalhar em todas as propostas vindas do estrangeiro, com vontade de lado e sem reverir, já que, mesmo após 4 anos de Revolução de Abril, com um Governo de maioria socialista a comandar o País ainda é preciso que os portugueses se vendam, vendam a sua força de trabalho, para se manterem ali, quando mais diversos países, com regimes instáveis do homem, elemento imprescindível na propriedade de toda a qual-

## Métodos fraudulentos

«Os patrões alemães utilizam um método especial para atrair os emigrantes, que é o de dar 20 ou 30 contos a 4 ou 5 indivíduos escolhidos por eles, que vêm cá para fora,

## SINDICATOS DA CELULOSE, PAPEL, GRÁFICOS, CARTONAGEM E TRABALHADORES NA IMPRENSA

# CONSTITUEM UMA NOVA FEDERAÇÃO

O crescimento do Movimento Sindical Unitário é uma grande realidade no nosso País. Agora, verificou-se mais uma prova, nesse sentido, com a constituição da Federação dos Sindicatos dos Trabalhadores das Indústrias de Celulose, Papel, Gráfica e Cartonagem.

Foi em 18 de Junho último que, nas instalações do Inatel, em Coimbra, esse facto constituiu uma prova mais do desenvolvimento do Movimento Sindical Unitário, para reforço dos trabalhadores ligados a esses ramos industriais, e que são para cima de 40.000. Constituíram esta Federação dos Sindicatos da Celulose, Papel, Cartonagem, Gráficos e dos Trabalhadores na Imprensa.

Este Plenário Constituinte decorreu em ambiente de grande participação e compreensão, com um manifesto espírito unitário, num largo consenso de propostas diferentes, mas todas elas apontando para o reforço da Unidade, tão necessária num momento em que os divisionistas se esforçam em meter cunhas entre os trabalhadores, com o nítido objectivo de enfiá-los a classe operária.

O ambiente e a vontade unitária demonstrados neste Plenário garantem a vitória para as forças que lutam pela unidade sindical, na defesa intransigente da classe trabalhadora, de que a CGTP-IN é a fiel e grande intérprete.

Estiveram representados neste Plenário Constituinte 146 delegados sindicais e de Comissões de Trabalhadores, 70 dirigentes sindicais, 10 sindicatos participantes, 1 sindicato convidado, 4 federações, 5 Unições e Armando Teixeira da Silva membro da Comissão Executiva do Sec. Nac. da CGTPIN que interveio no final dos trabalhos caracterizando a actual situação político-sindical exortando os trabalhadores do se-

tor ao reforço da sua unidade e organização para melhor defenderem os seus interesses e direitos e as conquistas da Revolução.

Depois de lidos e discutidos o Projecto de Constituição da Federação, assim como o Programa de Acção e os Estatutos, tais documentos foram aprovados por unanimidade e aclamação. Este Federação propõe-se basear o seu Programa essencialmente nas defesas das conquistas de Abril, consagradas na Constituição da República, na consolidação da Democracia, na defesa do poder de compra e na melhoria das condições de vida dos trabalhadores.

Procedeu-se depois à eleição para o Secretariado da nova Federação, referente ao triénio de 1978 a 1980, tendo sido eleitos, por unanimidade e aclamação, os seguintes camaradas sindicalistas:

Ernesto António Marques Gonçalves da Silva, do Sindicato dos Trabalhadores Gráficos dos Distritos do Porto, Bragança e Vila Real; Horácio Tavares Marcelino, do Sindicato dos Trabalhadores na Imprensa; Jaime Marques Machado e João Joaquim Cifka Cas-

tais, do Sindicato dos Trabalhadores Gráficos do Sul e Ilhas Adjacentes; Joaquim de Jesus Silva, do Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias de Celulose, Papel, Cartonagem e Afins (Zona Sul); Júlio Jorge dos Santos Diogo, do Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias de Celulose, Papel, Cartonagem e Afins (Zona Norte); e Marcos Leonel Pinto de Sousa, do Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias de Celulose, Papel, Cartão Canelado, Sacos de Papel e Afins, dos Distritos de Aveiro, Braga e Viseu. Como suplente ao Secretariado foi eleito o camarada Alberto Pereira Gandareza, do Sindicato dos Trabalhadores Gráficos do Minho.

O Programa de Acção, documento muito bem elaborado e objectivo, insere as suas linhas gerais:

A batalha pelo Reforço da Unidade e pela melhoria da organização.

— A luta pelo desenvolvimento e aperfeiçoamento da contratação colectiva;

O esforço necessário para uma informação sindical correcta e actual, prevendo-se a edição de uma publicação periódica;

O estabelecimento e a dinamização dos trabalhadores acerca da Segurança Social, Saúde, Higiene e Segurança no Trabalho;

— Esforços no sentido de pressionar para que a Reestruturação da Imprensa seja uma realidade, para que seja dado um maior apoio à Imprensa, pelo direito ao trabalho e pela participação dos trabalhadores na reestruturação da informação, através das suas organizações de classe;

— Contribuição para o reforço da poderosa cor-

rente unitária;

— Lutar pelo fim da exploração do homem pelo homem e por uma sociedade socialista.

Houve uma intervenção do Secretariado eleito, que, depois de saudar todos os presentes e seus representantes, disse que saudava o representante do Secretariado Nacional da CGTP-Intersindical Nacional, suporte máximo da Unidade que hoje aqui viemos reforçar e, por seu intermédio, todos os trabalhadores do nosso País, confiantes na força, unidade e organização, com as quais havemos de construir a sociedade mais justa que a Constituição da República Portuguesa aponta: a sociedade socialista.

Das moções enviadas à mesa, todas elas aprovadas, realçamos algumas passagens:

«De repúdio enérgico pelas acções divisionistas e cisionistas dos grupelhos antidemocráticos comandados pelo grande capital e alertar todos os trabalhadores para os perigos da divisão sindical».

«Exigir medidas, por parte do Governo, no sentido da reintegração dos desocupados da AMBAR e repudiar as atitudes repressivas e divisionistas da entidade patronal desta firma».

«Solidarizar-se com a luta dos trabalhadores da Informação pelo direito ao trabalho, solicitando a tomada de medidas energéticas contra os órgãos de Informação fascistas, bem como contra algumas personalidades que nos órgãos estatizados veiculam opiniões e conceitos fascizantes e colonialistas».

«A necessidade de acesso de todos os portugueses

à saúde e aos meios de prevenção, diagnóstico e tratamento de doenças, que são um direito consagrado na Constituição da República, a qual expressamente aponta para a sua consagração através da criação de um Serviço Nacional de Saúde, universal e gratuito, apoiando a iniciativa do Ministro dos Assuntos Sociais de impulsionar a breve instituição do S.N.S.».

«Afirma a preocupação e inteiro repúdio da classe pela permissão do regresso do ex-almirante Américo Tomás, ex-presidente fantoches fascista, sem que se faça justiça».

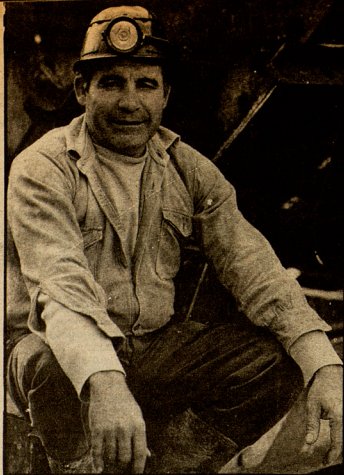
«Saudar o órgão de Soberania que proclamou a inconstitucionalidade da Lei das Comissões de Trabalhadores e, também, em especial os deputados do Povo que, na Assembleia da República, soberanamente, nesta Assembleia a não reconfirmar esta lei».

Por fim, houve a seguinte proposta, também aprovada por unanimidade:

«Considerando que o dia de hoje representa um marco histórico na vida de todos os trabalhadores que esta Federação unitária, propomos que este dia seja comemorado todos os anos através de plenários ou outro meio que seja achado mais conveniente».

Foi, portanto, uma excelente jornada de fortalecimento da unidade sindical, verificada num amplo ambiente de fraternidade de classe, esta em que foi constituída a Federação dos Sindicatos dos Trabalhadores das Indústrias de Celulose, Papel, Gráfica e Cartonagem, e Trabalhadores na Imprensa.

## O DIA A DIA DO MINEIRO

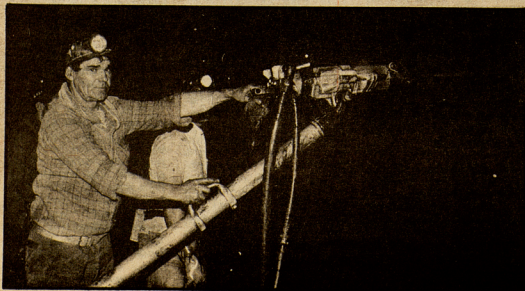


A reportagem da «Aavanca» desceu às minas de Aljustrel. A câmara fixou aquilo que constitui o dia-a-dia do trabalhador mineiro.

Trabalho duro, que exige de homens e máquinas muito mais do que seria legítimo. Ser mineiro é, ainda hoje, em Portugal, uma das mais arriscadas e mal pagas profissões. Deficientes condições de segurança no trabalho, de

assistência médica, de medidas de higiene, são constante na vida destes homens.

Descer ao poço da mina, percorrer as galerias de extração e fixar rostos na película fotográfica (a 270 metros de profundidade) foi a missão do repórter. Porque é lá, bem no fundo da mina, que decorre o dia-a-dia do mineiro, porque é ali que a vida palpita e a morte, tantas vezes, ocorre.





# XI FESTIVAL INTERNACIONAL DA JUVENTUDE E DOS ESTUDANTES

O Verão cubano, que é sinónimo de calor e sol tropical, contrará este ano com a alegria esufizante da juventude aliada à seriedade de uma geração jovem que luta pelos seus direitos em todo o Mundo.

Ele contrará, além do mais, com o ritmo e o colorido de uma grande festa que durante nove dias inundará as ruas de Havana num espírito de solidariedade, amizade e de desejo de paz universal.

O XI Festival Internacional da Juventude e dos Estudantes, que pela primeira vez se realiza no continente americano, inaugurar-se-á no próximo dia 26 e nele participará cerca de 20 mil pessoas, entre delegados, convidados e jomaaalistas de todo o mundo.

# SOLIDARIEDADE, AMIZADE E DESEJO DE PAZ UNIVERSAL

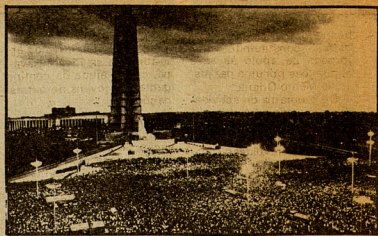


Cada uma das jornadas compreendidas entre 26 de Julho e 5 de Agosto serão dedicadas a temas relacionados com as aspirações da juventude e os seus objectivos de luta.

A palavra de ordem central do XI Festival: «Pela solidariedade anti-imperialista, a paz e amizade» presidirá ao acto de inauguração, o qual constará de um desfile pelas principais ruas da capital cubana, de uma cerimónia oficial, e de um grandioso espectáculo artístico e desportivo.

Mais de oito mil e quinhentas pessoas, em representação das delegações participantes no Festival Internacional da Juventude, percorrerão um trajecto de cerca de três quilómetros, ao compasso da sua música folclórica, até desembocarem no estádio «Latinoamericano», onde se desenrolará a cerimónia oficial de abertura do Festival.

Nessa mesma noite será aberto o «Bazar da solidariedade», no qual os delegados poderão adquirir objectos de artesanato e outros artigos representativos dos países participantes. Este «Bazar»



Havana, a Praça da Revolução

funcionará numa grande avenida de Havana, ao longo de um traço com cerca de um quilómetro de comprimento.

Será dado, entretanto, início às festas ao ar livre, aos bailes e outras actividades culturais e recreativas do Festival, as quais se estenderão por vários dias, em diversos pontos da capital cubana.

A 29 de Julho começarão as iniciativas de carácter político, estudantil, infantil e desportivo, subordinadas ao tema da «Solidariedade com a luta dos povos, dos jovens e dos estudantes da África do Sul, Namíbia, e Zimbábwe, pela independência nacional, contra as manobras do imperialismo e pela total liquidação dos regimes racistas e do apartheid».

A discussão dos problemas que afectam os jovens no mundo contemporâneo, será tema de debate profundo em seis centros de discussão política.

Nesse mesmo dia, serão inaugurados o Centro Internacional dos Estudantes, que funcionará na Universidade de Havana, o Centro Internacional das Crianças,

no acampamento de pioneiros «José Martí», localizado na praia de «Tanara», situada a este da capital.

Neste acampamento de pioneiros desenrolar-se-á, até ao dia 4, a «Festa do Verão», na qual participará um numeroso grupo de pioneiros de vários países, entre os quais milhares de cubanos.

Dentre as actividades programadas para este dia, pode ser destacado o início do Festival de Cinema Juvenil e a abertura do Tribunal Internacional «A Juventude acusa o imperialismo».

Com uma cerimónia especial, será também inaugurada a «Fonte da Juventude», obra que representa a Flor do Festival e que ficará com um símbolo e uma recordação permanente deste grandioso encontro da juventude mundial.

## A alegria da juventude na luta pela paz

O terceiro dia do Festival Internacional da Juventude será dedicado à solidariedade com os povos, os jovens e os estudantes ára-

bes,  
lestine,  
jornada  
aspiran  
ta no  
Do  
des p  
consta  
da d  
mártir  
na.

Os  
de m  
sanu  
ração  
tema  
qual  
partic  
mónia  
naga  
fas cis

A n  
tas or  
tés de  
(CDR)  
da cap  
Ser  
re de  
a lécio

# A P P

E  
nal da  
grand  
mobil  
O  
consti  
te ala  
zação  
OCTP  
colect  
dante  
nal de  
res-E  
etc. et

em 31  
de en  
forma  
foi ne  
guesa  
p  
de se  
do Po  
nos p  
Encar  
Nacio

bes, em particular da Palestina, constituindo uma jornada de apoio às suas aspirações por uma paz justa no Médio Oriente.

Do programa de actividades previstas para este dia, constará também uma velada de homenagem aos mártires da revolução cubana.

Os esforços da Juventude em favor da paz, do desarmamento e da cooperação internacional será o tema do dia 31, durante o qual os jovens delegados participam numa cerimónia em que serão homenageados os lutadores antifascistas.

A noite, assistirão a festas organizadas pelos Comités de Defesa da Revolução (CDR) em todos os bairros da capital cubana.

Será também no decorrer desse dia que se realizará a inauguração do Palácio Central dos Pioneiros,

recentemente construído no parque «Lenin», nos arredores da cidade de Havana, com a ajuda de contingentes de jovens de outras nações.

O primeiro dia de Agosto será dedicado à efectivação de uma jornada de solidariedade com a juventude da América Latina e das Caraíbas, em especial para com a luta dos jovens chilenos.

Nesse mesmo dia, grupos de delegados realizarão excursões às praias situadas a este da capital, visitando uma ilha que passará a ser chamada de «Ilha da Juventude». A região em que ela se encontra localiza-se a cerca de 140 quilómetros a sul da capital, foi cenário de um rápido desenvolvimento económico graças ao trabalho de milhares de jovens cubanos.

## A despedida, na praça da revolução...

O programa de actividades do sexto dia do festival prevê a celebração de um encontro entre os participantes e uma representação das mulheres cubanas (FMC).

O tema que presidirá a este dia será o da luta da juventude pela independência nacional, o desenvolvimento da cooperação e o estabelecimento de uma nova ordem económica internacional.

O dia de 3 de Agosto será dedicado à análise dos problemas dos estudantes dos países capitalistas e à sua luta contra a crise económica e o poder dos monopólios.

No dia seguinte, dia da Juventude cubana, será proclamado em Cuba o Código das Crianças e dos

Jovens, aprovado depois de ter sido sujeito a uma profunda discussão pelo povo cubano. Aquelle documento tem por fim estimular a educação das jovens gerações, de acordo com as normas gerais da sociedade cubana, incentivando nelas o cumprimento dos seus deveres de cidadãos. O Código garantirá o livre desenvolvimento da personalidade da camada mais jovem da população de Cuba.

A alegria da juventude, a sua certeza na vitória será a sua das constantes do festival. Através de variadas formas e em diversas manifestações, ela será uma constante ao longo dos dias que durar aquele grande encontro de jovens de todo o mundo.

As várias delegações levarão a Havana a melhor da música folclórica e Polti-

ca dos respectivos países, e também neste campo estarão certos que o Festival constituirá uma recordação indelével para quantos nele puderem participar.

Haverá ainda um grande carnaval cubano, durante o qual, ao som dos tambores, das guarachas e das rumbas tropicais, se realizará um desfile de carros alegóricos, por entre o feérico das luzes e das cores, e a alegria solidária do povo cubano e dos jovens delegados participantes no festival.

A Praça da Revolução, cenário de históricas concentrações populares, servirá de cenário às festas de encerramento deste magnífico encontro de jovens de todo o mundo. Uma palavra de ordem marcará esta sessão: «Até ao XII Festival, por novas vitórias dos povos, jovens e estudantes, Cuba diz-vos adeus».

# A JUVENTUDE PORTUGUESA PRESENTE EM HAVANA

Em Portugal, a preparação do XI Festival Internacional da Juventude e dos Estudantes transformou-se numa grandiosa jornada unitária que, de norte a sul, do País mobilizou mais de 40 mil jovens.

O Comité Nacional Preparatório, que, à partida, era constituído por 101 organizações, foi sendo sucessivamente alargado até agrupar no seu seio cerca de 200 organizações, englobando o Departamento da Juventude da CGTP-IL, os departamentos de juventude dos sindicatos, colectividades de cultura e recreio, associações de estudantes do ensino secundário, médio e superior, a Coordenadora Nacional das Estruturas Unitárias dos Trabalhadores-Estudantes, a Associação Académica de Coimbra, etc., etc.

Cerca de 500 organizações e estruturas, participando em 38 Comités de Apoio ao CNP (regionais, locais, ou de empresa) e estendendo-se ao longo de todo o país, formaram, como que a ossatura da organização que foi necessário erguer para dinamizar a juventude portuguesa para os ideais do XI Festival.

Pretendendo saber como decorreu todo este trabalho de sensibilização dos jovens trabalhadores e estudantes do Portugal Democrático para uma participação activa nos preparativos do Festival, o «Avanço» ouviu José Encarnação e José Moreno, ambos integrantes do Comité Nacional Preparatório.

**ALAVANCA** — Para que possamos situar toda esta questão, seria útil que começássemos por nos falar do modo como decorreram os trabalhos de preparação do XI Festival em Portugal.

**José Encarnação** — À partida, quando foi constituída a CNP, traçou-se um largo conjunto de iniciativas a realizar. Destas iniciativas deve ser realçado o Festival Nacional da Canção Política, que se realizou a 12 de Maio no Pavilhão dos Desportos em Lisboa, e que contou com a presença de mais de 5 mil jovens. Ao Festival concorreram 73 canções divididas por 60 intérpretes, entre solistas e grupos musicais. Destas 73 canções, o júri seleccionou 9, as quais foram apresentadas no Pavi-



lhão, tendo sido escolhidos para em Havana representarem a juventude portuguesa no Festival Internacional da Canção Política o Carlos Paulo e o conjunto «Trovoantes».

Para além desta grande iniciativa, foi realizada uma Exposição Nacional de Jovens Artistas onde foram apresentadas dezenas de obras, tendo algumas delas sido escolhidas para serem expostas em Cuba.

No dia 18 de Julho realizou-se um festival desportivo, em Lisboa, no Estádio Universitário, o qual contou com a participação de milhares de jovens.

É de referir ainda que foram desenvolvidas iniciati-

vas a nível de todo o país, as quais seria exaustivo enumerar aqui. Os números provisórios de que dispomos indicam-nos que nestas iniciativas participaram mais de 40 mil jovens.

Convirá aqui assinalar que a delegação portuguesa é constituída por 55 por cento de jovens trabalhadores, 30 por cento de estudantes, 7 por cento de crianças e 8 por cento de elementos constituintes da representação cultural.

## A participação portuguesa

**ALAVANCA** — De que modo se irá processar a

### participação portuguesa no Festival Internacional da Juventude e dos Estudantes?

José Moreno — A delegação da juventude portuguesa parte para Havana consciente da responsabilidade que lhe advem da sua participação num acontecimento deste género, e irá tentar — quer no programa político, quer no cultural — representar condignamente o Portugal Democrático.

No que se refere ao programa político, iremos participar nos « meetings » de solidariedade, nos centros de discussão da juventude, e em várias dezenas de comissões que discutirão os mais diversos temas.

A juventude portuguesa manifestará em Havana a sua solidariedade para com os povos em luta contra o imperialismo, o colonialismo, o neocolonialismo e o «apartheid» sauda a especialmente a juventude dos países socialistas, dos países africanos de expressão portuguesa que recentemente conquistaram a sua independência, sauda a juventude heroica do Chile, do Brasil e de outros países onde impera a exploração fascista e manifesta a sua opinião sobre problemas candentes da humanidade, como os problemas da paz, do desarmamento, da cooperação internacional e das liberdades e dos direitos humanos nos países onde impera a exploração capitalista.

Uma preocupação central da delegação portuguesa será a divulgação da realidade do novo Portugal de Abril, e das históricas conquistas do nosso povo. Ela tudo fará para, com base na sua própria experiência, discutir com outros delegados, de outros países do mundo, os problemas que mais afectam a jovem geração.

Quando ao programa recreativo e cultural, e no que se refere ao Festival Internacional da Canção Política e ao Encontro Internacional da Canção Popular, estarão presentes em Cuba, como foi já referido, o Carlos Paulo, e o «Trovante», tendo o Comité Nacional Preparatório convidado também, e especialmente, o Carlos Paredes, a Luísa Basto e o Ary dos Santos, que integraram o júri do

Festival realizado no Pavilhão dos Desportos.

Está também prevista a participação portuguesa na Exposição Internacional dos Jovens Artistas, na Exposição Internacional do Cartaz Político, etc.

Um aspecto a realçar é que, quando no dia da abertura do Festival a nossa delegação desfilar pelas ruas de Havana, falará ao som da Grândola Vila Morena».

### A força da solidariedade internacional

**ALAVANCA** — Que importância tem para a juventude portuguesa a realização de um Festival deste tipo?

**José Encarnação** — Este Festival é a maior iniciativa jamais realizada no plano da juventude e dos estudantes, em todo o mundo, a qual irá contribuir — como já contribuíram os anteriores — para o reforço da luta dos jovens e dos estudantes, pela edificação de uma sociedade mais justa.

Este Festival, tal como o seu lema aponta «Pela solidariedade anti-imperialista, a paz e a amizade», irá contribuir para uma melhor aproximação entre a juventude e os estudantes de todo o mundo, das mais diversas condições de existência.

É de salientar que este Festival é uma iniciativa amplamente unitária, que contará com a participação de jovens social-democratas, católicos, comunistas, cristãos, socialistas, democratas-socialistas, etc. Este Festival é de facto unitário, não só pelo leque de participações, mas pelo trabalho de preparação e organização do Festival, desenvolvido em todo o mundo.

A Juventude e os estudantes portugueses entendem bem a importância de organização deste tipo pois já no Festival anterior, que se realizou em Berlim em 1973, a juventude portuguesa teve a oportunidade de sentir a solidariedade da juventude e dos estudantes do mundo inteiro para com a sua justa luta contra o fascismo.

## CONFLITOS LABORAIS

### ● COMETNA

## “A EMPRESA É VIÁVEL, PRODUTIVA E PODE GARANTIR SALÁRIOS E EMPREGO”

A questão que envolve os cerca de 2 mil trabalhadores das três unidades fabris da Cometa (Amadora, Lisboa e Palmela), o Governo e os seus representantes, constitui um caso. Mas um caso, dir-se-á.

Todavia, neste caso, como em muitos outros, de resto, há uma lição comum a retirar. É que a política de recuperação capitalista prosseguida pelo Governo PS/CDS não é respeitadora do que está consignado na Constituição, não defende os interesses dos trabalhadores e lesa, em última análise, os próprios interesses da economia nacional.

Naturalmente que, com premissas desse tipo, temos que convir dos efeitos nefastos para a nossa economia, consequências das exigências do FMI (leia-se do imperialismo, do capitalismo), da indefinição do papel da banca nacionalizada e da (in)capacidade mobilizadora do Governo (deste Governo) no campo da produção. Vejamos porquê.

Sendo o Controlo Operário uma arma legal de luta e de defesa dos trabalhadores contra os patrões reacçãoários, contra os sabotadores, contra o capital explorador, essa arma foi utilizada pelos trabalhadores da Cometa, após o 25 de Abril de 1974. Para defender a empresa da bancarrota para que fora lançada pela má gestão da entidade patronal — 70 mil contos de hipoteca e cerca de 60 mil contos de dívidas à Previdência.

Era a sabotagem económica. Desmascarada a fraude, e depois de democraticamente decidido em



pleno gero de trabalhadores, em 1975, o patrão é afastado dos destinos da Cometa, para em 1976, se verificar a intervenção do Estado (através do IPE), com capital maioritário (cerca de 90 por cento).

### Reconhecer a evidência mas desrespeitar a lei

«A indústria metalomecânica e electrometalomecânica pesada, por se tratar do sector responsável pela produção de bens de equipamento, constitui um sector industrial com parti-

cular importância no desenvolvimento económico do País» (...). «Entre as empresas em que o Estado detém essa posição avulsa, pela sua dimensão pelas actividades análogas ou complementares a que se dedicam, a Cometa, a Equipetna, a Mompom». Neste extracto do Despacho Normativo para o Ordenamento da Metalomecânica Pesada do Sector Maioritário do Estado, emanado e assinado pelos ministros das Finanças e do Plano (Vitor Constanção) e da Indústria e Tecnologia (Carlos Melancia) em 31 de Março, mais não se faz



do que reconhecer a evidência.

Que o referido sector necessita que sejam definidas as linhas de orientação e as acções a levar a cabo para a sua concretização, disso não restam quaisquer dúvidas aos trabalhadores. Mas há regras e há leis que vinculam governantes e governados. Leis e regras democráticas que o Governo não ampuia.

Por isso, e porque são os culpados responsáveis das leis democráticas o comunicado conjunto das Comissões de Trabalhadores das empresas Sorefame, Equipetal, Cometa e Mompur de 14/4/78, refere que os trabalhadores «repudiam a atitude dos órgãos do Poder pelo desprezo a que votaram os trabalhadores não permitindo a sua participação nos problemas que directamente lhes dizem respeito (...)

O Governo decidiu, mas esqueceu, «desrespeitando escandalosamente», o que se encontra escrito na Constituição da República, no art.º 55.º, alíneas d) e e), onde se lê, relativamente aos Direitos das Comissões de Trabalhadores, que a estas cabe «intervir na reorganização das unidades produtivas e a retribuir, na estruturação da regulação do trabalho e nos planos económicos e nacionais que contemplem o respectivo sector».

## Um direito constitucional

Volvidos dez dias, e sem que o preceito transcrito da Lei Fundamental fosse cumprido pelos órgãos do Poder, os representantes dos trabalhadores, reunidos em 24/4/78, emitiram novo comunicado conjunto, no qual consideram que o referido despacho carece de elementos que permitam avaliar quais os encargos económicos e sociais que poderão advir de um tipo de organização como a apontada pelo referido despacho (...)

No sentido de poderm

informar os trabalhadores que manobram decidiram criar o GIUE (Grupo de Trabalho para o Ordenamento das Empresas), que solicitou reuniões com o IPE, com o Ministério da Indústria e Tecnologia e com o Ministério das Finanças e do Plano.

De uma maneira geral, a posição assumida por qualquer destas entidades não forneceu aos representantes dos trabalhadores quaisquer elementos que pudessem clarificar as dúvidas ou questões apresentadas, à excepção da assumida pelo secretário de Estado da Energia e Industrias de Base, eng.º Rocha Cabral, que «confirmou a ideia de que compete às administrações das empresas verificar a viabilidade daquele despacho, e adiantar-nos ainda, que «o acompanhamento do estudo por parte das CTs deverá ser realizado através de documentação fornecida pelas respectivas administrações, como direito constitucional que lhes assiste».

## Quem está a manobrar a banca nacionalizada?

Ora, até à data desta redacção, os representantes dos trabalhadores não tinham recebido qualquer documentação por parte da administração.

E se o eng.º Rocha Cabral afirma, igualmente, que o «Ministério da Indústria e Tecnologia não tomaria quaisquer decisões sem que previamente fossem ouvidos os trabalhadores das quatro empresas», qualquer coisa não bate certo!

Há, de facto, neste caso, muitas contradições. Se não, atentemos em mais uma. A Cometa, como as outras três empresas referidas, devem ser, também, no consenso do eng.º Rocha Cabral, «colocadas, como grandes empresas que são, ao serviço da economia nacional».

A Cometa (e só nos referimos a ela neste particu-

lar) é uma empresa com projecção nacional e com projecção internacional.

No primeiro caso, porque grande parte da produção daquela empresa se destina ao sector básico da nossa economia. No sector internacional a Cometa é importante, pois, pelo menos 30 por cento da sua produção tem vista à exportação, retendo, no momento, cerca de 700 mil contos de carteira de encomendas.

Todavia, os trabalhadores da Cometa viram-se forçados a recorrer à greve, para obterem um direito inalienável: o direito ao salário. Porquê?

Por um lado, para o mercado interno, porque alguns fornecedores deixaram de fornecer. «Pensamos que há, no fundo, afirmam elementos da CT da Cometa —, uma tentativa de boicote político, não directamente à Cometa, mas às empresas nacionalizadas».

Por outro lado, a nível do mercado internacional, onde alcançaram projecção e credibilidade devido à alta qualidade da sua produção, assistem, da parte dos mercados tradicionais (EUA, Inglaterra, etc.) a uma forma de boicote, no sentido de exigências desca-

bidadas de perfeição; as encomendas vindas dos países estrangeiros não se realizam por entraves verificados a nível dos serviços burocráticos (cartas sem resposta durante meses); e, finalmente, que mercados potenciais como os das ex-colónias não têm sido contemplados, devido a uma desastrosa política governativa.

Nestas condições, ao que vem a banca nacionalizada ao assunto?

## Acordos com o FMI igual a corte de créditos

Pois bem, acontece que a administração da Cometa a apresentou uma proposta de viabilização ao Banco de Fomento Nacional. Constituiu-se um grupo de

trabalho com representantes desse banco, do MIT e do MFP, que fez o estudo dessa proposta, garantindo o apoio financeiro à tesouraria da Cometa até Dezembro, prazo estabelecido para ultimar o contrato de viabilização.

Só que, entretanto, a banca não tem cumprido. O dinheiro que entra na tesouraria da empresa, correspondente ao aumento de capital social avançado pelo IPE (são largos milhares de contos) é imediatamente absorvido («desviado») para pagamentos de encargos financeiros e de materiais.

Equacionada por um elemento da CT, a questão põe-se assim: «O IPE investe; a banca come-o; depois diz-se que não há dinheiro para pagar os salários».

Exemplificamos: os salários de Abril foram pagos aos trabalhadores, mercê do aumento de capital social com que o IPE iria avançar; todavia, a banca só empresta esse dinheiro, tendo como garantia o aumento de capital social. Chega-se, assim, a situação de em Maio todo o dinheiro que deveria entrar na tesouraria ser, antes disso, imediatamente retido na banca.

Por isso os trabalhadores recorrem à greve e, por isso, pensamos que «não basta fazer despachos bem intencionados; é preciso que eles sejam cumpridos». Dai a concluir que «a atitude

da banca está directamente dependente das concessões feitas ao Fundo Monetário Internacional, com o inevitável corte de créditos às empresas do sector nacionalizado», não é preciso muito.

É esta a marcha desastrosa da política de recuperação capitalista conduzida pelo Governo.

## Um apelo à luta

Odesespero e a desmobilização não são características das classes trabalhadoras de Portugal e de todo o mundo. Por isso aqui vos deixamos o apelo à luta, justa e realista, formulado pelos camaradas da Comissão de Trabalhadores da Cometa.

«Alertamos todos os trabalhadores de empresas onde haja a possibilidade de exercerem o Controlo Operário que se empenhem em detectar as irregularidades das administrações que, cada vez mais, desprezam os órgãos dos trabalhadores. É preciso não esquecer que as administrações passam, mas que os trabalhadores ficam».

«Alertar igualmente para as terribéis consequências que a greve pode trazer para as empresas e para a população, a atitude da banca, que deveria estar ao serviço do povo e nunca ao serviço dos interesses do grande capital».

«Por último alertar o Governo no sentido de acordar com a política prosseguida só conseguirá desconfiança dos trabalhadores. Este mês estamos sem perspectivas de nos serem pagos os salários. Lembremos ter de recorrer à greve para obter os nossos salários, que são um direito inalienável, mas a isso nos vemos forçados».

«Os trabalhadores não são culpados da má estruturação da empresa. Nós sabemos que a justiça está do nosso lado e que, portanto, a nossa luta é justa e realista. Consideramos que a empresa é viável, que é produtiva e que pode garantir salários e emprego».

CONFLITOS  
LABORAIS

Como vai sendo tradicional, após a vitoriosa «Revolução dos Capitães de Abril», todos os anos, na altura das férias de Verão, a CGTP-IN organiza manifestações de trabalhadores emigrados, que se traduzem por comícios, sessões de convívio, actividades culturais e desportivas, etc. Este ano, esta organização incide sobre uma «Semana do Emigrante», que vai de 12 a 20 de Agosto próximo, durante a qual haverá muitas sessões de convívio, canto livre, colóquios e outras actividades. As localidades principais onde este ano estas sessões se efectuam são, entre outras:

**LISBOA**, em 12 de Agosto, no Pavilhão dos Desportos, às 21 horas, sendo a responsabilidade desta organização a cargo da USL/CGTP-IN. Espectáculo de variedades, com canto livre, etc.

**FIGUEIRA DA FOZ**, durante todo o dia 15 de Agosto, com espectáculo de variedades, colóquio e canto livre, a partir das 19 horas, na Associação Naval 1.º de Maio, sob a responsabilidade da US/CGTP-IN.

**PÓVOA DE VÁZEM**, no dia 19 de Março, às 21 horas, no Pavilhão Ginásio desportivo, também sob a responsabilidade da US/CGTP-IN. Haverá canto livre, colóquio e variedades.

Além destas manifestações de solidariedade e de convívio entre trabalhadores portugueses emigrados e não emigrados, outras há que merece a pena realçar.

**VISEU**, dia 12 de Agosto, às 21 horas, no Auditório da Feira de S. Mateus. Colóquio sobre a emigração (U. S. Viséu/CGTP-IN).

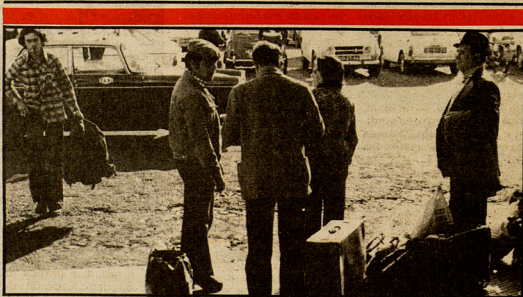
**NIZA**, dia 12 de Agosto, no Largo da Feira, durante toda a jornada, manifestações desportivas e artísticas (U. S. Portalegre/CGTP-IN).

**PRAIA DE VIEIRA DE LEIRIA**, dia 13 de Agosto, às 17 horas. Festa-Convívio (U. S. Leiria/CGTP-IN).

**SESIMBRA**, dia 15 de Agosto, na Sociedade Musical Sesimbraense (U. S. Setúbal/CGTP-IN).

**ROSÁRIO** (Almodôvar), dias 18 e 19 de Agosto, festa-convívio, com a colaboração

# 12 A 20 DE AGOSTO A SEMANA DO EMIGRANTE



**NA UNIDADE DE TODOS OS TRABALHADORES  
PORTUGUESES (DENTRO E FORA DO PAÍS)  
A CONSTRUÇÃO DO FUTURO!**

ração da U. S. Beja/CGTP-IN.

Estão em preparação outras manifestações de convívio, espectáculos e colóquios para os trabalhadores portugueses emigrados, em férias no seu nosso País. Entre eles, no distrito de Faro, de que até ao momento em que escrevemos não temos elementos concretos, com a colaboração da U. S. Faro/CGTP-IN.

Não todo o interesse em realçar, para conhecimento dos nossos camaradas emigrados, que vêm a férias ao seu/ nosso País, o nome da maior parte dos artistas que darão a sua prestimosa colaboração nestas festas-convívio. Aqui vão eles: Adriano Correia de Oliveira,

Ary dos Santos, Brígida Vitor Jara, Carlos do Carmo, Carlos Paulo, Chico Montemor, Deolinda Maria, Fernando Tordo, Grupo G.E.F.A.C., Idália Maria, João Fernando, Jorge Vaz de Carvalho, José Jorge Letria, Manuel Freire, Paula Abril, Os Galés, Tino Costa e Zeca Afonso. Farão a apresentação nalguns destes espectáculos: Marie Eufémia e Lús Filipe Costa.

Como se sabe, a CGTP-Intersindical Nacional efectuou, sobre o delicado problema da Emigração portuguesa, em 14 de Agosto de 1976, em Coimbra, um Encontro Nacional, com a participação de Associações de Emigrantes de todo o mundo. Neste Encontro,

multas foram as conclusões a que se chegou e os Cadernos Reivindicativos aprovados em diversos países de emigração portuguesa, que a CGTP-Intersindical Nacional fez chegar às autoridades competentes.

Lembramos, aqui, algumas passagens desses documentos, para melhor elucidação dos trabalhadores portugueses:

As conclusões tiradas desses encontros e os cadernos reivindicativos, aprovados em diversos países e enviados às autoridades competentes, as condições de trabalho e a exploração de que são vítimas os Trabalhadores Portugueses Emigrados, os re-

centes acontecimentos dos trabalhadores expulsos da Venezuela em situação desumana, os trabalhadores portugueses contratados em Portugal para trabalhar na Arábia Saudita e no Iraque, prova-nos que, no fundamental, o Encontro de Coimbra e as reivindicações dele aprovadas, continuam actualizadas e a pedir a justiça das reivindicações que têm vindo a ser feitas.

As divisas enviadas pelos Emigrantes devem ser aplicadas em projectos de desenvolvimento equilibrados e harmoniosos do País, de modo a permitir a abertura progressiva de novos postos de trabalho, pôr termo à necessidade da emigração e fazer regressar progressivamente os Emigrantes que assim o desejarem.

Transcuremos, a seguir, a Saudação que o secretariado da CGTP-IN endereçou agora aos nossos compatriotas emigrados que vêm passar as férias a Portugal:

O Secretariado da CGTP-IN saúda os Trabalhadores Portugueses Emigrados e deseja a todos os que por esta altura se encontram entre nós no gozo de merecidas férias uma estadia agradável em fraterno convívio com os seus familiares e amigos.

A CGTP-IN, fiel aos princípios de classe consignados no Programa de Acção aprovado no Congresso de Todos os Sindicatos, reafirma que os Trabalhadores Portugueses Emigrados são e continuarão a ser considerados pelo Movimento Sindical Português como irmãos de classe.

A CGTP-IN reafirma aos Trabalhadores Portugueses Emigrados toda a solidariedade activa na defesa dos seus interesses e o apoio às suas justas reivindicações e a sua disposição de continuar, como até aqui, a bater-se na unidade de todos os Trabalhadores por um Portugal mais próspero onde cabam todos os Portugueses.

A unidade de todos os Trabalhadores na defesa das liberdades e do regime democrático consagrado na Constituição forjará o Regresso e o Futuro.

Saudações Fraternais,

16 DE JULHO EM COIMBRA

# ENCONTRO DOS SINDICATOS AGRÍCOLAS DO NORTE E CENTRO

Seis sindicatos de trabalhadores agrícolas do Norte e Centro, reunidos no Porto em 14 de Maio de 1978, decidiram convocar um Encontro de Sindicatos Agrícolas dos Distritos de Braga, Bragança, Castelo Branco, Coimbra, Guarda (em formação), Leiria, Porto, Vila Real e Viseu, para o dia 16 de Julho em Coimbra.

Neste encontro, serão discutidos democraticamente os problemas, as aspirações e as reivindicações dos assalariados agrícolas.

Em dezenas de reuniões em quintas, aldeias e lugares, com a participação de um número muito significativo de trabalhadores, foi discutido um Projecto de «Caderno Reivindicativo dos Trabalhadores Agrícolas», e feitas propostas enriquecedoras do projecto inicial.

No encontro de Coimbra, de 16 de Julho, participam, como delegados, todos os dirigentes e delegados sindicais dos sindicatos já referidos, e ainda os trabalhadores agrícolas eleitos para este fim em reuniões realizadas nas quintas, aldeias e lugares.

agrícolas do Norte e Centro lutam pela jornada de 8 horas, com descanso aos domingos e feriados, com pagamento das horas extraordinárias conforme a lei. Exigem ainda o cumprimento do salário mínimo nacional para o sector — 4600\$00 mensais ou 22\$20 à hora, a partir de 1 de Abril deste ano, com aplicação desde os 16 anos de idade, lutando pela igualização do salário mínimo para todos os trabalhadores.



## Pela conquista do leia de trabalho

De acordo com o Projecto de Caderno Reivindicativo que serviu de base para discussão, os assalariados agrícolas do Norte e Centro e as suas organizações de classe têm, como principais frentes de luta, a conquista de Leis de Trabalho que garantam Contratos de Trabalho para todos os assalariados agrícolas e a publicação de uma Portaria de Regulamentação de Trabalho para o Sector Rural, elaborada com a partici-

pação das organizações sindicais. No campo da Contratação, os sindicatos agrícolas avançam já com uma campanha de luta por Contratos de Trabalho em quintas e aldeias. Foram já entregues Contratos de Trabalho na Quinta da Avelada (Penafiel), na Quinta do Hospital, de Penafiel, na Quinta da Bouça (Lousada) e na Quinta da Tapada, prevenindo-se o seu alargamento a outras quintas e aldeias.

## Horário de trabalho e salários

Quanto a horário de trabalho, os assalariados

## Direito ao trabalho e previdência

O direito ao subsídio de desemprego, a proibição dos despedimentos sem justa causa e o cumprimento da lei sobre terras incultas ou mal aproveitadas, são também objectivos de luta constantes no Projecto de Caderno Reivindicativo, bem como a integração de todos os assalariados agrícolas no regime geral da Previdência, sem que isso provoque aumentos de encargos não suportáveis pelos trabalhadores do campo.

## Direito ao ensino e à saúde

O ensino, a qualidade de vida e a saúde, merecem também uma referência especial no projecto de Caderno Reivindicativo que tem vindo a ser discutido no Norte e Centro; maior implantação de escolas primárias, organização de

campanhas de alfabetização e cursos nocturnos, criação de bibliotecas nas Casas do Povo, representação dos trabalhadores agrícolas nas autarquias, cobertura médica das zonas rurais e a prática de um Serviço Nacional de Saúde que chegue a todas as aldeias e seja gratuito, são outras tantas frentes de luta constantes no projecto referido.

## Reforço da organização sindical

Só com o 25 de Abril os assalariados agrícolas puderam organizar-se nos seus sindicatos. Com a solidariedade do Movimento Sindical e do Movimento Sindical do Porto, através do seu Departamento Agrícola, foram criados sindicatos que cobrem, no momento, praticamente todo o Norte e Centro do País.

No passado dia 30 de Abril, foi constituído, em Mirandela, o Sindicato dos Trabalhadores Agrícolas do Distrito de Bragança, depois de inúmeras reuniões

preparatórias nas aldeias do Distrito.

Neste momento, encontra-se em formação, no Distrito da Guarda, o Sindicato Agrícola daquele Distrito.

Depois da constituição de Sindicatos Agrícolas no Norte e Centro, segue-se todo um trabalho de sindicalização dos trabalhadores, eleição de delegados sindicais e coordenação da acção dos sindicatos, para além da necessidade de dotar as novas organizações sindicais de meios técnicos e humanos que possibilitem o desenvolvimento de uma acção sindical verdadeiramente eficaz. Para isto, têm os trabalhadores agrícolas contado com o apoio e a solidariedade do Movimento Sindical Português, que naturalmente irá e terá que continuar!

Uma forte organização de classe dos assalariados agrícolas do Norte e Centro, para além de constituir uma necessidade real dos próprios trabalhadores do sector em luta por melhores condições de vida e trabalho, é factor importantíssimo no reforço da unidade e da organização dos trabalhadores portugueses e do seu Movimento Sindical Unitário!



Aspecto da Assembleia Constituinte do Sindicato dos Trabalhadores Agrícolas do Distrito de Bragança em 30 de Abril de 1978

## Entrevistas em exclusivo

# "A QUESTÃO PALESTINIANA É UMA QUESTÃO NACIONAL PARA TODOS OS POVOS ÁRABES" AFIRMA GHARBAHUI AHMED DA CISA

**ALAVANCA** — Mais uma vez, e recentemente, os sionistas invadiram o Sul do Líbano, tentando aniquilar a luta do povo palestino. Gostaria de saber — sendo certo que a CGTP-IN desde sempre apoiou a luta do povo da Palestina pela ocupação da sua pátria — qual é o ponto de vista da CISA no que respeita a esta invasão e como pretendem apoiar e iniciar a luta do povo palestino.

**GHARBAHUI AHMED** — Para nós, dos sindicatos árabes e, muito particularmente, da Confederação Internacional dos Sindicatos Árabes, a luta do povo palestino é uma luta prioritária. Porque? Porque para todos os povos árabes e para as classes trabalhadoras árabes, a questão palestina é uma questão nacional. Não é o problema de um povo amigo, com o qual nos solidarizamos, mas é uma questão nacional, para cada povo árabe, tanto quanto o é para o povo da Palestina. Todas as organizações progressistas, sindicais e políticas, no mundo

árabe, adoptaram este ponto de vista; e adoptaram-no, particularmente, a partir de 1974 e 1975, data em que todas estas organizações criaram uma Frente de Participação na luta do povo palestino.

Os sindicatos foram os

primeiros e as classes trabalhadoras árabes ofereceram-se, voluntariamente, para o combate militar, mas com uma condição: de que fossem os combatentes palestinos a pedir a sua participação armada na luta.



**ALAVANCA** — Essa condição já foi, alguma vez, preenchida?

**GHARBAHUI AHMED** — Até este momento os combatentes palestinos não receberam voluntários do mundo árabe.

Esta é a única razão pela qual não há milhares e milhares de árabes, provenientes de organizações progressistas, no campo de batalha. Eles estariam ali presentes se as organizações palestinas, a Organização de Libertação da Palestina (OLP), em particular, tivessem formulado esse pedido.

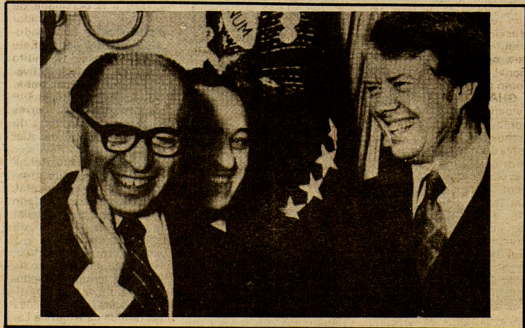
Portanto, quando dize-

mos que somos solidários para com a luta do povo da Palestina, isso não significa o mesmo que diz certa propaganda eleitoral: «que os árabes falam, mas não apoiam».

Nós estamos à disposição da resistência palestina para enviar milhares de voluntários, imediatamente. Até ao momento, os combatentes palestinos são auto-suficientes, no ponto de vista de armamento e de meios dos seus direitos nacionais, e alcançaram vitórias, porque o Exército israelita, apesar do apoio da força do imperialismo internacional e em particular pelas forças armadas americanas, não pôde fazer o que queria.

**ALAVANCA** — Esta é, aliás, uma constante de todos os movimentos de libertação: as forças imperialistas dispõem de um grande potencial bélico, mas, apesar disso, não são capazes de alcançar vitórias contra as lutas de libertação dos povos.

**GHARBAHUI AHMED** — Exactamente. E é dentro desse espírito que tenho vindo a abordar este assunto e que o Movimento de Libertação da Palestina alcança grandes vitórias, sozinho, sem os voluntários árabes. É repetido que, se a Resistência Palestina abrir a porta do voluntariado, haverá milhares e milhares de trabalhadores e



de re-  
apresen-  
te.

No  
são d  
arma  
bem  
ram  
arme  
dos.

Inf  
mesm  
amig  
áraba  
ma co  
tomar  
são. M  
tégia  
com  
re-am  
rizaçã  
rialism  
as for  
nada  
se po

O f  
não h  
ameri  
jogo q  
do, co  
dência  
invasã  
feita  
nistas,  
indire  
ricano

Por  
ralmen  
ta dist  
so me  
o resp  
povo p  
direito  
do nac  
actual  
dirigid  
Há

Proseguimos neste número da «ALAVANCA» a publicação, em exclusivo, de mais duas entrevistas com representantes de organizações sindicais estrangeiras. Na primeira, Gabbahui Ahmed, da Confederação Internacional dos Sindicatos Arabes (CISA), aborda questões relacionadas com a luta de libertação do povo da Palestina, esclarecendo a posição assumida pela organização de trabalhadores, que representa, sobre este assunto.

O nosso segundo entrevistado é Pedro Grante, Secretário-Geral do Comité Permanente de Unidade Sindical dos Trabalhadores da América Latina (CPUSTAL), que nos dá a conhecer importantes aspectos da problemática sindical latino-americana e, em particular, da situação dramática do povo de Porto Rico, donde é natural, subjugado pelos interesses do capital n.º-americano.



## PEDRO GRANTE À «ALAVANCA»

# «A CPUSTAL É A ORGANIZAÇÃO SINDICAL MAIS IMPORTANTE DA AMÉRICA LATINA»

mos que somos solidários para com a luta do povo da Palestina, isto não significa o mesmo que diz certa propaganda eleitoral: «que os árabes falam, mas não apóiam».

Nos estamos à disposição da resistência palestina para enviar materiais de voluntários, imediatamente. Até ao momento, os combatentes palestinos não são auto-suficientes, no ponto de vista do armamento e de defesa dos seus direitos nacionais, e alcançaram vitórias, porque o Exército israelita, apesar de apoiado pela força do imperialismo internacional e em particular pelas forças armadas americanas, não pôde fazer o que queria.

**ALAVANCA** — Esta é, aliás, uma constante de todos os movimentos de libertação: as forças imperialistas dispõem de um grande potencial bélico, mas, apesar disso, não são capazes de alcançar vitórias contra as lutas de libertação dos povos.

**GHARBAHUI AHMED** — Exactamente. E é dentro desse espírito que tenho vindo a abordar este assunto e que o Movimento de Libertação da Palestina alcança grandes vitórias, sozinho, sem os voluntários árabes. E repito que, se a Resistência Palestina abrir a porta do voluntariado, haverá milhares e milhares de trabalhadores e

de revolucionários, que se apresentarão imediatamente.

No que respeita à invasão do Líbano, pelas forças armadas sionistas, digamos claramente, elas foram apoiadas pelas forças armadas dos Estados Unidos.

Infelizmente as pessoas, mesmo entre os nossos amigos e mesmo no mundo árabe, tentam ver o problema como se fosse Israel a tomar, por si só, esta decisão. Mas não, é uma estratégia preparada de acordo com o imperialismo norte-americano; e sem a autorização expressa do imperialismo norte-americano, as forças armadas sionistas nada poderiam fazer, não se poderiam mexer.

O facto de se dizer que não há acordos com os americanos, para nós é um jogo que estava já preparado, combinado com antecedência. A verdade é que a invasão do Sul do Líbano, feita realmente pelos sionistas, é uma invasão feita indirectamente pelos americanos.

Por isso, exigimos, naturalmente, a retirada imediata das forças sionistas e, ao mesmo tempo, exigimos o respeito pelos direitos do povo palestino; isto é, o direito de edificar um estado nacional autónomo que, actualmente, só pode ser dirigido pela OLP.

Há, infelizmente, que fa-

zer uma especificação: é que os governos árabes não cumprem com o seu dever nesta matéria.

**ALAVANCA** — Essa informação estende-se a todos os governos árabes? O que quer, exactamente, dizer com as suas palavras?

**GHARBAHUI AHMED** — Há uma razão muito simples que as explica; é que muitos Estados árabes são governados por forças reacçãoárias, feudais e da alta burguesia, estreitamente ligadas ao imperialismo americano, ao imperialismo mundial e, por seu intermédio, encontram-se ligadas, igualmente, ao sionismo.

**ALAVANCA** — Isso não que respeita aos governos reacçãoários. Mas há, também, os outros governos que, no panorama internacional, são considerados como progressistas.

**GHARBAHUI AHMED** — Evidentemente que eu, em nome dos trabalhadores árabes, só posso dizer que estes últimos governos também não cumpriam o seu dever. Porque está muito bem fazerem-se reuniões em Trípoli, em Bagdade ou em Argel, fazer-se uma série de discursos contra o presidente Sadat, que causou danos enormes à causa árabe, aquando da sua viagem a Jerusalém, mas, ao mesmo tempo, esses governos, nos nada mais fazem. E essa é a natureza da pequena burguesia, que não faz mais

do que declarações retumbantes, quando se trata de criar acordos provisórios, que duram três ou quatro meses.

**ALAVANCA** — Refere-se à Frente de Rejeição?

**GHARBAHUI AHMED** — O que se convencionou chamar Frente de Rejeição, isto é, o acordo estabelecido entre os quatro governos ditos progressistas no panorama internacional não cumpriu mais com os seus deveres do que os governos reacçãoários árabes.

A solução está, em primeiro lugar, na unidade das forças progressistas árabes e, depois, na unidade das forças patrióticas árabes. Crio que existe uma teoria muito justa, sábia e científica que considera o Movimento de Libertação Nacional Árabe, no seu conjunto, como um movimento que deve ser apoiado globalmente, que deve estabelecer a sua unidade na acção, porque, globalmente, ele é anti-imperialista e anti-sionista.

Tudo o que possa criar lutas internas neste Movimento Nacional, por vezes baseado-se em histórias que se passam noutro país, não sendo causadas pela luta de classes desse mesmo país, são graves erros, que enfraquecem a Frente de Libertação Nacional Árabe.



inicialmente, estiveram presentes 14 organizações sindicais e organizações do outro tipo, representando vários milhões de trabalhadores da América Latina.

A CPUSTAL tem vindo a desempenhar um trabalho permanente de unidade de todos os trabalhadores da América Latina, trabalho esse que deu frutos extraordinários, uma vez que logo desde a sua fundação, se uniram à CPUSTAL outras organizações sindicais. E, agora, podemos dizer que a CPUSTAL é a organização sindical unitária mais importante da América Latina.

Por outro lado, a CPUSTAL trabalha intensamente contra o colonialismo, imperialismo e todas as formas de opressão do homem; lutamos igualmente contra o fascismo e conduzimos campanhas activas para alcançar a libertação dos presos políticos que existem em vários países, principalmente no Chile, Uruguai, Paraguai, Guate-

mala, Porto Rico e outros.

A nossa organização, consciente da necessidade de unidade em todo o mundo, mantém relações de solidariedade muito estreitas com a Federação Sindical Mundial (FSM), a cujo Congresso assistimos no passado mês de Abril, em Praa.

Neste momento, a CPUS-TAL tem a sua sede permanente na Cidade do México e esperamos vir a realizar uma série de conferências regionais na América Central e nas Caraíbas, onde serão discutidos todos os problemas destas regiões e os meios de apoiar todos os movimentos que lutam pela liberdade, pelo progresso e pela paz, na América Latina.

**ALAVANCA** — Nós sabemos que o companheiro é porto-riquenho. Sabemos, igualmente, que é muito dramática a situação que vive o povo do teu País, particularmente os trabalhadores. A CGTP-IN participou, já, numa Conferência de Solidariedade para com o Povo de Porto Rico. Por isso gostávamos que contasse aos nossos leitores um pouco da situação que ali se vive.

**PEDRO GRANTE** — Estamos a atravessar, em Porto Rico, uma situação muito difícil e muito complicada, uma vez que, nas últimas eleições, ganhou um partido político de tendência fascista, que quer anexar Porto Rico aos Estados Unidos.

Neste momento, o imperialismo norte-americano lançou uma ofensiva com vista à anexação de Porto Rico, que constitui, já, o último bastião que lhes resta na América Latina e nas Caraíbas. Presentemente, fizeram-se estudos geológicos em Porto Rico, que demonstram a existência de petróleo no nosso subsolo e nos mares que nos estão próximos. Por isso, travamos uma grande batalha no sentido de que esse petróleo, no caso de existir, venha a ser património dos porto-riquenos. Mas há companhias norte-americanas de petróleo que que-



rem obter os contratos de exploração...

O governo actual lançou uma campanha brutal contra o Movimento Sindical progressista, acusando-nos de sermos comunistas...

**ALAVANCA** — É, pois, óbvio, que em Porto Rico, a unidade sindical ainda não é uma realidade. Qual tem sido, nesse sentido a política adoptada pela CPUS-TAL?

**PEDRO GRANTE** — Com efeito é lamentavelmente, o Movimento Sindical em Porto Rico está muito dividido. Temos em Porto Rico a AFL-CIO, que não tem muita influência, mas que investe grandes somas de dinheiro e que é um instrumento de penetração do imperialismo norte-americano no nosso País.

O Movimento Reunido, que represento e de que sou Secretário-Geral a CPUS-TAL — tem uma política de unidade sindical ampla, abrangendo todos os sectores do sindicalismo, e aspiramos a criar um movimento de unidade na acção, embora neste momento não existam, ainda, condições para criar uma unidade orgânica.

No que respeita à situação política do País, nos últimos anos tem vindo a aumentar a influência dos movimentos de esquerda e estamos a conseguir criar

na classe trabalhadora a consciência de que a única via para Porto Rico é a independência e o socialismo. Todavia, esta é uma luta muito difícil, uma vez que os partidos que governaram nos últimos anos têm muito poder, muito dinheiro e gozam do apoio do governo dos Estados Unidos.

**ALAVANCA** — Os países «em vias de desenvolvimento», sujeitos normalmente às condições impostas pelo imperialismo, debatem-se com graves crises económicas e sociais. Porto Rico, não é, por certo, excepção à regra.

**PEDRO GRANTE** — Em

Porto Rico a situação económica e social é, de facto muito grave. O desemprego atinge os 30 por cento do total da força trabalhadora; somos um País onde a inflação continua a aumentar; o programa de industrialização do governo parou; a agricultura está em crise. O Povo vive praticamente de uma ajuda económica que chega através do governo dos Estados Unidos, a todos os Estados e territórios pobres. Por isso mesmo, podemos dizer que a revolução não surge, uma vez que estes mecanismos constituem um travão para as lutas.

Por outro lado, Porto Ri-



co é obrigado a importar cerca de 80 por cento dos produtos que consome. Quer dizer que somos uma sociedade de consumo. Esperase, ainda, que a situação económica de Porto Rico se agrave nos próximos anos e não se sabe como o governo irá resolver estes problemas, relativos ao desemprego e à inflação...

Temos também um problema muito sério de criminalidade, de drogas e, agora, temos mais um a juntar a estes. É que a indústria turística está quase totalmente dominada por investidores norte-americanos e eles também, naturalmente, dominam o plano gangsterismo norte-americano.

Outro aspecto, desta crise de Porto Rico, diz respeito à juventude, que tem poucas esperanças de conseguir obter uma educação que preencha as suas necessidades. Cerca de 40 por cento da população jovem está sem estudar.

Há que referir, igualmente, que as indústrias básicas se encontram controladas pelas multinacionais, e que as que empregam um grande número de trabalhadores se dirigem a mercados de salários baixos como o são os de São Domingos, Haiti, Filipinas e outros.

Este é, pois, um resumo da situação no nosso País.

## FORMAÇÃO SINDICAL

NOVA  
FRENTE  
DE  
TRABALHO:



# CURSOS BÁSICOS DE FORMAÇÃO SINDICAL

Com vista a lançar uma nova frente de trabalho, o Departamento de Formação Sindical da CGTP-IN, levou a efeito, a partir de 15 de Junho de 1978, quatro Cursos Básicos de Formação Sindical, com a duração de 4 dias, cada.

Esta iniciativa teve origem na necessidade de dar o máximo de formação possível aos novos dirigentes eleitos no decorrer do ano de 1977 que, como se sabe, foi fértil em eleições sindicais (11).

Nestes cursos básicos foram abordados seis temas da maior importância para um dirigente sindical:

- Noções de economia
- Evolução da economia portuguesa
- História do movimento operário
- Conquistas da Revolução

- Organização
- Legislação de trabalho

Tendo cada um destes cursos a participação de 25 elementos, passaram por eles, 100 dirigentes sindicais de Lisboa e do Porto, uma vez que três das séries se realizaram em Lisboa e uma delas no Porto.

O principal objectivo dos cursos é o de preparar o maior número possível de dirigentes para a difícil e árdua prática sindical, de modo a que, mais eficazmente, possam responder às múltiplas tarefas que o dia a dia lhes impõe.

No futuro próximo está o Departamento de Formação Sindical da CGTP-IN a pensar em alargar os cursos básicos a todos os distritos do Continente e das Ilhas, tornando-os mais intensivos e de maior duração,

incitendo-os junto dos Sindicatos, Unões e Federações, onde os cursos serão destinados, exclusivamente, aos delegados sindicais.

Numa perspectiva de futuro, mas a médio prazo, a CGTP-IN tem em vista a abertura duma Escola de Formação Sindical para, deste modo, estar apta a responder, mais prontamente, às exigências que se impõem na formação dos militantes sindicais.

Os camaradas do Sec. Nacional da CGTP-IN responsáveis pelo Dep. de Formação Sindical consideram que se impõem um saldo positivo, servindo igualmente como um incentivo para os participante, no sentido de considerarem como frente de batalha prioritária, a formação sindical, nos seus Sindicatos.

## CONTAS DA CGTP-IN

Em cumprimento da deliberação tomada no Plenário da Interindustrial Nacional de 30 de Dezembro de 1975, vimos apresentar o «Balancete de Receitas e Despesas» relativo ao 1.º trimestre de 1978.

### RECEITAS

Quotizações em atraso	3.686.405\$50
Quotizações 1978	3.386.362\$40
Solidariedade ADE	14.610\$50
Actividades Normais	1.452.023\$60

Saldo (negativo)	8.539.402\$00
	872.231\$40
	9.411.633\$40

### DESPESAS

Secretariado	320.152\$50
Despesas Administrativas	992.704\$90
Pessoal	2.344.589\$60
Unões Distritais	3.440.978\$40
Unões Locais	242.516\$00
Actividades Normais	1.979.156\$90
Actividades Programadas	91.535\$10

9.411.633\$40

## MULHERES



### NESTE NÚMERO:

- AS MULHERES TÊM MEDO DE SAIR À NOITE
- OS HOMENS DO CASARÃO
- POR QUE HÁ PROSTITUIÇÃO

A venda  
o n.º 3  
25\$00

CD a distribuição

## CORAME



A CORAME-Constructora Metálica, Lda., é uma empresa do sector metalomecânico, com instalações em Santa Iria de Azóia, e que emprega cerca de 320 trabalhadores.

A 25 de Abril existiam já na empresa delegados sindicais metalúrgicos, e a primeira Comissão de Trabalhadores foi eleita logo em Maio de 1974.

A CORAME estava então nas mãos de um grupo de capitalistas que, de há longa data, viviam do tráfico de armamento, fazendo lucros chorudos com a guerra colonial, e ganhando bom dinheiro com outros conflitos internacionais.

Para essas negociações dispunham da SAPREL, e ainda lhes sobrava tempo para irem investindo noutros sectores.

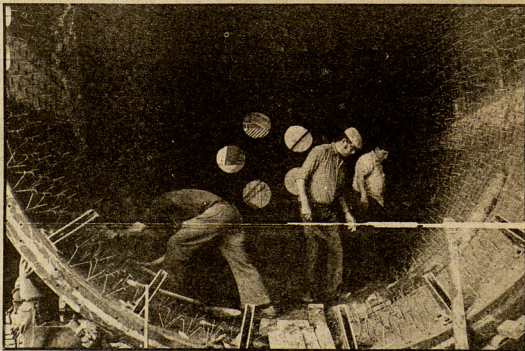
Deste modo nasceu em 1953 a CORAME.

A crise do capitalismo internacional teve nesta empresa os seus reflexos e, assim, o eclodir da revolução de Abril veio encontrar esta empresa numa situação económica difícil.

Por isso mesmo, a luta dos trabalhadores da CORAME orientou-se fundamentalmente para a manutenção dos seus postos de trabalho.

Após a constituição da Comissão de Trabalhadores foi apresentado um caderno reivindicativo que, para

## CONFLITOS LABORAIS



além de algumas reivindicações de ordem salarial e social, assentava essencialmente na exigência de aplicação de uma série de medidas de organização e investimento que pudessem assegurar a sobrevivência da empresa.

Entretanto, e apesar de todas as promessas, o caderno reivindicativo — a excepção dos aspectos salariais, nunca foi cumprido pelo patronato.

Iniciava-se uma fase da vida daquela empresa que iria ser marcada pelas cons-

## PATRÕES SABOTARAM TRABALHADORES RECUPERARAM E O GOVERNO? QUE VAI ELE FAZER?

Recuperação capitalista é uma expressão que para os trabalhadores portugueses tem um significado bem concreto e real de ameaça de destruição das suas conquistas, de miséria e de desemprego.

Por todas as formas os trabalhadores têm sabido lutar, afirmando a sua disposição em não permitir que as alianças governamentais, os jogos de gabinetes e as chantagens do imperialismo, lhes retirem aquilo que a sua determinação e organização conseguiram conquistar.

O cerco em volta das empresas intervencionadas vai-se apertando. As forças do capital não podem aceitar a usada que os trabalhadores manifestaram ao não assistir passivamente ao desmembramento e falência das empresas.

O patronato reacção procura destruir, por todas as formas, o que de positivo os trabalhadores conseguiram realizar.

Mas os trabalhadores estão atentos.

O principal sócio, Carlos S. Nogueira, só não consumou a sua saída para o estrangeiro por, a 17 de Abril de 1975, ter sido impedido pelas autoridades, à última da hora, e já no aeroporto, de abandonar o país.

### Das fraudes do patronato ao esforço dos trabalhadores

Prestando a todo o custo defender os seus postos de trabalho, que as manobras da administração punham em causa, os trabalhadores da CORAME viram-se na contingência de ocupar as instalações onde «funcionava» a gerência da empresa.

Uma sindicância então efectuada pelo Ministério das Finanças pôs a nu algumas das fraudes que os patrões da SAPREL haviam praticado, nomeadamente transferência ilegal de divisas.

Em duas novas inspeções à escrita da SAPREL foram detectadas fraudes que atingem cerca de duzentos e oitenta mil contos.

Carlos S. Nogueira, que acabaria por conseguir sair ilegalmente do país, encontrava-se, actualmente, na situação de desertor, pois ele é um antigo oficial da marinha.

zação de novas encomendas.

Paralelamente, dava-se início a estranhas operações de venda das posições dos sócios da SAPREL à própria SAPREL, por quantitativos bastante acima do que as quotas podiam valer, pretendendo eles realizar o máximo dinheiro.

Claro que o significado de tudo isto acabaria por se tornar claro quando a família Nogueira, detentora do capital da SAPREL, começou a abandonar o país.

Em re-  
so que  
Tribuna  
se que  
do par  
Pereira  
especia  
PIDES.  
Neste  
lhadores  
a preens  
mores  
inte-  
Setemb  
se desi  
gem qu  
tiça pel  
do na  
seus po  
na defes  
cional.  
Derro  
nóbras  
sava m  
e econ  
elas cor  
rar um  
mendas  
1978, se  
contos.  
Parale



AM

portugue-  
as suas  
a dispo-  
netas e  
organi-  
s forças  
o não  
que de

Carlos S.  
ara o S.  
de Abril  
impedido  
o último  
porto,  
s.



Em relação a um processo que contra ele corre no Tribunal da Marinha, note-se que acaba de ser nomeado para o julgar o juiz Hugo Pereira Barata, por de mais especializado em absolver PIDES.

Neste momento, os trabalhadores da CORAME, apreensivos perante os rumores de que a empresa se intervencionada desde Setembro de 1976, iria ser desintervenionada, exigem que lhes seja feita justiça pelo esforço despendido na manutenção dos seus postos de trabalho e na defesa da economia nacional.

Derrotando todas as manobras do patronato que visavam o estrangulamento económico da empresa, eles conseguiram assegurar um caderno de encomendas que, em Abril de 1976, se elevava a 175 mil contos.

Paralelamente, iniciaram

toda uma série de trabalhos visando um melhor apetrechamento da e empresa com vista a responder às solicitações do mercado, dotando-a de condições que lhe permitam fazer frente às dificuldades, garantindo não só os postos de trabalho existentes, mas abrindo ainda perspectivas para a criação de novos lugares de trabalho.

A nave de caldeiraria foi aumentada de 100 para 145 metros, sendo alçado o caminho de rolamento de 6 para 8 metros, e dotada de duas pontes rolantes, uma de 20 toneladas e outra de 10, duplicando-se portanto a capacidade das outoras aí existentes.

Paralelamente foi montada na CORAME uma outra ponte rolante de 10 toneladas e aumentada a capacidade das já existentes.

Procedeu-se à aquisição de uma caldeira de alta capacidade de enrolamento

e de outra maquinaria, tendo sido executada a terraplanagem de terrenos da empresa visando a sua melhor utilização. Neste momento está em curso uma série de obras, e outras ainda arrancarão brevemente, aguardando-se que uma grande gama de material seja entregue pelos fornecedores, e estando previsto para breve o arranque das obras de construção de uma nave de Marcação/Pré-Fabrico, de uma nave de Mecânica e do edifício da Decapagem.

Para a execução destes investimentos a CORAME tem vindo a contar com um financiamento do Banco de Fomento Nacional, no montante de 32 mil e seicentos contos.

Depois de concluídas estas obras, a área coberta da zona de produção ficará aumentada em cerca de 50 por cento, o que com o novo equipamento, permitirá dobrar a capacidade de produção da empresa e criar novos postos de trabalho.

## CONFLITOS LABORAIS

### A CORAME deve estar ao serviço da economia do País

Os trabalhadores da CORAME têm defendido sempre para a empresa soluções que são incompatíveis com a sua entrega aos ex-patrões que a abandonaram, depois de a sabotarem.

Ainda recentemente, eles manifestaram a esperança de que as soluções por eles propostas pudessem ainda vir a ser consideradas, com a inclusão daquela empresa no sector público, agregada à EQUIMETAL ou à SOREFAME.

Só assim, consideram eles, ficaria defendido o esforço de recuperação desenvolvido pelos trabalhadores, e defendido o dinheiro investido (com financiamento do Banco de Fomento), para além de ficarem salvaguardados os 320 postos de trabalho.

Manifestando a sua disposição de contribuir activamente para a recuperação económica do País, os trabalhadores não poderão aceitar a devolução da empresa a aqueles que sempre se exploraram, e que agora se preparam para receber, de mão beijada, os frutos da recuperação capitalista.



## BREVES

### Não à entrega do Judico Fialho aos ex-patrões

O plenário nacional dos trabalhadores da empresa conserveira Judico Fialho exigiu que aquela empresa seja transformada numa empresa pública ou numa empresa com capitais mistos do Estado e dos trabalhadores.

Numa moção aprovada por unanimidade, os trabalhadores repudiaram «todas e quaisquer tentativas» de devolução da empresa aos antigos patrões, advertindo, desde já, para os perigos que tal solução implicaria.

### Paralisação na Cometa

Os trabalhadores da Cometa, das fábricas e serviços administrativos de Lisboa, Palmela e Amadora, a cuja luta fazemos referência mais desenvolvida noutro local efectuaram, no passado dia 8, mais uma paralisação de trabalho protestando contra o atraso no pagamento dos salários do mês de Junho, ainda não liquidados.

### Trabalhadores Têxteis discutem aumentos

Promovidas pela Federação dos Sindicatos dos Trabalhadores Têxteis, têm vindo a realizar-se reuniões em que aqueles trabalhadores se têm debruçado sobre o reajustamento das tabelas salariais.

O projecto de aumentos agora em discussão, delimitado no II Congresso Têxtil, assinala que, mesmo que as reivindicações dos trabalhadores venham a ser aceites, nem assim será totalmente reposto o poder de compra que os trabalhadores tinham há um ano.

É isto enquanto não fixados aumentos de ordenados da ordem dos 50 por cento para os ministros!



# OS CINCO ANÉIS OLÍMPICOS

Todo o mundo sabe que os próximos Jogos Olímpicos se realizarão na União Soviética, em 1980. Arquitetos, engenheiros, treinadores, e economistas, e empregados de serviços, pintores, meteram mãos à obra. Muitos deles, como tantos dos nossos leitores quiseram saber onde e quando, as diferentes disciplinas viram a luz do dia, quando se tornaram modalidades olímpicas. As Edições «Sovietski Khoudojnik» publicaram um álbum de postais ilustrados, que constitui uma resenha histórica de algumas destas modalidades desportivas. Esperamos que esta «mini-enciclopédia» olímpica vos agrade.

## Luta

Foi no ano 708 A. C. que os lutadores participaram pela primeira vez nos Jogos Olímpicos. Na velha Rússia os lutadores enfrentavam-se nas feiras. Ivan Poudubny, um filho de camponês, conquistou o título de campeão do mundo de luta greco-romana, durante seis

anos consecutivos. Ficou conhecido, como o rei dos campeões. Presentemente na luta, existem três disciplinas olímpicas: Luta greco-romana, luta livre e judo. A luta greco-romana figurava no programa dos primeiros Jogos Olímpicos modernos de Atenas.



## Bobsleigh

Apareceu pela primeira vez na pequena estação de Saint-Moritz, na Suíça. Um grupo de estudantes americanos e ingleses descia alegremente as montanhas, sobre um grande tronco de madeira, dirigível. O bobsleigh actual parece-se mais com um carro de corridas

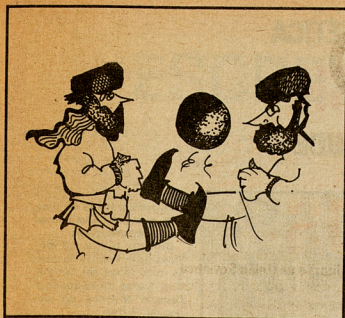
do que com um tronco; ultrapassa mesmo os 100 km/h. A pista se que um trilho de gelo que serpenteia pelo flanco de uma montanha. O bobsleigh tornou-se desporto olímpico em 1924, no decreto dos 1.º Jogos Olímpicos de Inverno em Chamoni, França.

## Basquetebol

O Pok-ta-pok, jogado pelos Incas, pelos Astecas e pelos Maias, há 2500 anos é o antepassado do basquetebol. O terreno era então cercado por um muro de pedra. Em duas extremidades opostas estavam fixados dois anéis de madeira, para os quais os jogadores atiravam uma bola de borracha. Só era permitido utilizar os joelhos, as ancas e os cotovelos. O pai do basquetebol moderno é James A. Naismith, professor de cultura física nos Estados Unidos. Esta disciplina tornou-se num desporto olímpico em 1936, nos Jogos de Berlim.

## Futebol

Em Roma, praticava-se um jogo deste género, chamado «esferomaquia». «Proibimos, em nome do rei, e sob pena de prisão, de jogar de hoje em diante ao futebol», pode-se ler num documento do século XII, num decreto de Eduardo II, rei de Inglaterra. O futebol figura no programa olímpico desde os Jogos de Paris, em 1900.



## Egrima

A arte da arma branca remonta à Antiguidade. Ramsés II mandou disputar um torneio de esgrima para celebrar a sua vitória sobre os Líbios. Estávamos no século XII A. C. As competi-

ções modernas desenrolam-se por três disciplinas: florete, espada e sabre. A esgrima é uma disciplina olímpica desde os primeiros Jogos de Atenas em 1896.

## Hóquei

No século XVI podiam-se ver nos arredores de Amsterdão respeitáveis burgueses movimentando uma bola sobre o gelo, com a ajuda de um estico. O hóquei sobre o gelo data de 1860, ano em que os soldados de infantaria britânicos que estacionavam no Canadá, começaram a movimentar

uma lata de conserva sobre o gelo, durante as suas folgas.

A lata foi rapidamente substituída por um pequeno disco de borracha. Em 1879 foi redigido um regulamento para o hóquei. Esta disciplina foi introduzida em 1920, nos Jogos Olímpicos de Anvers.

## Corrida

Este é considerado como o mais antigo desporto olímpico. A primeira distância foi de 192 metros. O próprio Heráclito, diz a lenda, terá medido com os seus passos esta distância. Por ocasião dos primeiros Jogos Olímpicos, os concorrentes corriam sobre uma pista do estádio, em direcção ao altar de Zeus.

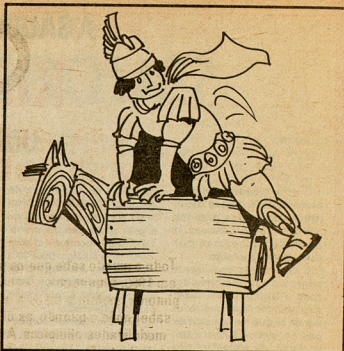
Ao vencedor cabia a honra de ascender a chama. Nesta disciplina, contam-se hoje em dia, três tipos de distâncias: os 100 e os 200 metros; os 800 e os 1.500 metros; os 5.000 metros, os 10.000 metros e a maratona, 42,195 km. A corrida constitui a disciplina de honra de todos os Jogos Olímpicos modernos.

## Boxe

Na «Ilíada», descreve como conhecido um combate com os punhos. Os gregos conheciam os exercícios com a «pera», com o «saco» ou combate com a sombra. Em 688 A. C., o combate com os punhos figurava no programa dos jogos. As regras actuais do boxe datam de 1867 e o boxe é um desporto olímpico desde os III Jogos de Saint Louis, em 1904.

## Hóquei em campo

Jogos do mesmo género foram praticados na Grécia, em Roma, na Pérsia e na Índia. O jogo, nas suas formas actuais deve-se a pastores franceses que repeliam a bola com os seus cajados recurvados, denominados «hoquets». Os III Jogos Olímpicos adoptaram a Crosse, jogo nacional dos Índios do Canadá. As regras do moderno hóquei em campo foram definidas em Londres por ocasião dos IV Jogos Olímpicos de 1908.



## Ginástica

A ginástica compreendia, ao tempo dos gregos, todo um conjunto de exercícios: corrida, luta, saltos em comprimento, combates com os punhos e lançamentos. O grande filósofo Platão designava depreciativamente como caxos todos os que negligenciavam o trei-

no quotidiano dos seus músculos. A ginástica masculina comporta seis exercícios: exercícios no solo, salto de cavalo, barras assimétricas e trave. A ginástica é uma disciplina olímpica desde os primeiros Jogos de Atenas em 1896.



## Esqui

Os caçadores deslizam pelas encostas das montanhas mundiais de varas pontiagudas e caiaços com pontas recurvadas. Estas pinturas rupestres datam de há 4000 anos. Foram os povos do Norte que inventaram este des-

porto. As primeiras competições oficiais de esqui foram disputadas em 1733, em Cristiania (hoje Oslo). As corridas de esqui figuram nos Jogos desde 1924, data dos primeiros Jogos Olímpicos de inverno de Chamnik.

# A SAUDE NA UNIÃO SOVIÉTICA

## KISLOVODSK

### — UM PARAISO DA SAUDE

É uma cidade situada a cerca de 1000 metros de altitude, perto das grandes montanhas do Cáucaso, e rodeada de colinas por abundante vegetação.

O seu ar e as suas águas minerais são famosas em toda a União: basta dizer que aqui foi feita uma recolha de ar que tem servido de padrão, mesmo a nível internacional, da atmosfera não poluída e de propriedades curativas. A água é conhecida há longos anos e a sua fama chega mesmo aos Estados Unidos, para onde é exportada. A sua composição química em gramas e por litro é a seguinte: Sódio 0,1718, Potássio 0,0167, Magnésio 0,0864, Cálcio 0,4557, Strôncio 0,0080, Ferro 0,0018, Clorine 0,1332, Bromine 0,0003, Sulfato 0,4893, Hidrocarbonato 1,4520, Ácido Bórico 0,0039, Ácido Silícico 0,0238, Fluor 0,0007. Está indicada para as inflamações do estômago, intestinos e vias urinárias, alergias, deficiências cálcicas e, ao mesmo tempo, é uma excelente água mineral de mesa.

Estes prediados, combinados com um clima ameno, fazem de Kislovodsk uma estância de veraneio, de repouso e de cura por excelência.

Rodeando a cidade, emoldurada pelo arvoredo das colinas, podem ver-se dezenas de grandes e harmoniosos edifícios. São os sanatórios.

Para nós portugueses, a palavra sanatório associa-se aos estabelecimentos de cura da tuberculose que tão em voga estiveram nos anos quarenta e cuja razão de existência, infelizmente, ainda se mantém, embora mais atenuadamente.

Mas sanatório, na União

Soviética, não é porreiro de desgraça. Também tem objetivos preventivos da doença e pela promoção da saúde.

Estruturalmente é um conjunto de edifícios (KOPMOC) não ligados uns aos outros e em muitos aspectos autónomos, como é, por exemplo, o restaurante.

Cada um destes «corpos» tem uma capacidade que oscila entre 120-200 pessoas que se distribuem por quartos duplos, amplos, com casa de banho, frigorífico, televisão, rádio, telefone, etc.

Há um edifício para o apoio médico (a cada 50 pessoas corresponde 1 médico) com várias especialidades, equipado com laboratório de análises e radiografias, electrocardiogramas, etc., onde todos os residentes são minuciosamente observados. Os aspectos mais diferenciados estão a ser centralizados num único edifício. Nesse edifício, ou em edifício próprio, existe um sector im-



portantíssimo — o das águas. Aqui se fazem mais de 50 tratamentos diferentes através de banhos, lama, inalacões. Uma das inalacões muito usada é o chamado «cocktail» de ervas (rico em oxigénio) para cura de doenças pulmonares. Doenças do tubo digestivo, fígado, rins, vias respiratórias, artrite, ciática, reumatismo, alergias, pele mesmo de pereoginecológico aqui podem ser tratadas. Mas o que tem dado fama

a Kislovodsk é sobretudo a cura e a prevenção das doenças cardíacas. A água, o ar e as caminhadas, constituem o principal tratamento.

As cinco da manhã, com os primeiros raios de sol, saem também os primeiros caminhantes da «Marcha Curativa», que é mais curta ou mais longa consoante o conselho médico a partir do completo diagnóstico feito nos 3 primeiros dias, que também servem de aclimação.

O percurso vai sendo aumentado pela equipa clínica, consoante os programas conseguidos.

Dois factores muito importantes influenciam a estrutura da Saúde na União Soviética: O primeiro é a falta de mão-de-obra que implica um desdobramento de esforços por parte das autoridades sanitárias para que a população activa não adeça.

O segundo é o problema do desarmamento. Enquanto este não for resolvido, a Segurança Social e a Saúde estão desfalçadas de verbas importantíssimas que poderiam melhorar substancialmente as condições de vida do Povo Soviético.

Todos estes benefícios só são possíveis e concretizáveis porque o Povo Soviético conquistou o socialismo.



etc.

Quem aproveita de toda esta estrutura? Certamente que os trabalhadores.

Durante o ano, 50 milhões de soviéticos passam as suas férias em Sanatórios, Casas de Repouso e Campos de férias, em turnos de 24 dias.

O pagamento da estadia dos trabalhadores vem dos Fundos de Empresa e do Fundo da Segurança Social (a maior parte).

Os trabalhadores têm acesso aos Sanatórios mediante um bilhete que custa entre 150-200 rublos; 20% destes bilhetes são distribuídos gratuitamente aos melhores trabalhadores, como prémio, e aqueles cujo estado de saúde aconselhe a estadia. Nos outros casos, os trabalhadores pagam entre 15 a 30% do custo, sendo o restante suportado pelo Fundo de Empresa e pela Segurança Social. Há Sanatórios para crianças acompanhadas pelas mães. Nesta altura está a ser incrementada a construção de Sanatórios para famílias.

Dois factores muito importantes influenciam a estrutura da Saúde na União Soviética: O primeiro é a falta de mão-de-obra que implica um desdobramento de esforços por parte das autoridades sanitárias para que a população activa não adeça.

O segundo é o problema do desarmamento. Enquanto este não for resolvido, a Segurança Social e a Saúde estão desfalçadas de verbas importantíssimas que poderiam melhorar substancialmente as condições de vida do Povo Soviético.

Todos estes benefícios só são possíveis e concretizáveis porque o Povo Soviético conquistou o socialismo.

Bast...  
que es...  
que se...  
nã crã...  
condiç...  
nantes.

Neco...  
um des...  
e a um...  
daquilo...  
pensa...  
cesso o...  
forma...  
emanci...

À beira d...  
o homem...  
sentado...  
A ombra...  
o homem...  
sentado...  
Sobre as...  
o homem...  
sentado

Os riach...  
do homem...  
as aves s...  
Mas o hon...  
sentado

Dois boi...  
Ladram e...  
Falam as...  
Mas o hon...  
sentado

Nas encob...  
as cabras...  
As uvas a...  
Nas lâda...  
Enquanto...  
na copa d...  
Mas o hon...  
sentado

# ESCREVER, PORQUÊ?

Bastante mais difícil do que escrever é dizer porque se escreve, definir a necessidade da escrita, caracterizá-la, atribuir-lhe condicionantes e determinantes.

Necessidade inerente a um desejo de comunicação e a um anseio de partilha daquilo que se sente e se pensa, escrever é um processo de intervenção, uma forma de estar na luta de emancipação do homem,

de participar nas tarefas do delinear do amanhã e do desabrochar do futuro.

Escrever é a vitória e a derrota, exercício nunca conseguido e todos os dias retomado, reinvenção de símbolos, alinhamento de letras, ereção de palavras: quase um doloroso exercício de transmutação de ideias, vivências e sentimentos para uma folha de papel que lentamente vai sendo substituída na sua

virgindade, submissa ao nervosismo da mão.

Não já estéril procura de equilíbrios fonéticos, mas desafio, aposta, luta interior, raiva sentida, despedaçar de absolutos, procura de sorriso por detrás dos vultos, busca de poesia nos olhos de uma criança, nas mãos calosas de um operário, ou nas rugas que se instalaram no rosto de um velho.

A arte está por dentro daquilo que o homem fabrica,

desde o artifice que produz um poema ao que planta as sementes, ao que constrói as casas, ao que funde o ferro no quase inferno de um alto-forno.

Tudo isso é poesia evadindo-se dos manuais de estilo e das confrarias poéticas, existindo na força dos que verem o seu suor sobre a flor da esperança e a vivificam com a certeza do futuro.

A poesia brota nos campos quando o trabalhador

res rurais desafiam os grandes senhores da terra. Floresta nos operários que saltam para a cabeça das fábricas. Aponta os canos das espingardas contra o racismo e o «apartheid». É fogo de resistência quando a ditadura se instala, mas não morre estrangulada nas gargantas assassinas pelo terrorismo obscuroantista.

A poesia é tudo isso. E, afinal, quem dela menos sabe, são os poetas...

## SETEMBRO

À beira d'água  
o homem está  
sentado  
A sombra dos castanheiros  
o homem está  
sentado  
Sobre as pedras  
o homem está  
sentado

Os riachos correm  
os pássaros cantam  
as ervas são verdes  
Mas o homem está  
sentado

Dois bois passam  
puxando um carro  
Ladram os cães  
Falam as gentes  
Mas o homem está  
sentado

Nas encostas pastam  
as cabras  
As uvas amadurecem  
nas latadas  
Enquanto o vento  
canta, câncios de embalar  
na copa das árvores  
Mas o homem está  
sentado

Os milhos ainda não  
estão maduros  
Uma criança chora  
Chafurdam os porcos  
nos lameiros  
Mas o homem está  
sentado

O sol queima  
num serôdilo  
meio-dia de Setembro  
O tanoeiro retoca  
a dorça que venderá  
na próxima feira  
Mas o homem está  
sentado

Os miúdos roubam  
cachos de uvas  
Ou vão às maçãs dos  
da Fonte Velha  
E lesto se furtam  
às pedradas do feitor  
Mas o homem está  
sentado

Junto ao fio de água  
entre dois montes  
por sobre as pedras  
à beira do moinho velho  
O homem está  
sentado

Imóvel  
olha os campos em soca-lço  
As courelas  
que brancos caleja dos  
roubaram à serra  
As encostas pedregosas  
onde outrora os guardas  
perseguiam os rebanhos

O homem está  
sentado  
Mas vai levantar-se  
já

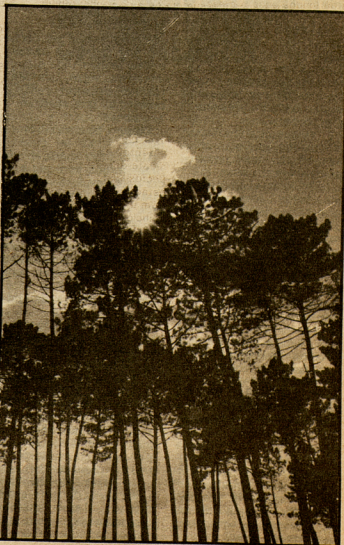
Gita:  
que não é tempo  
de ficar contemplativo  
à beira da vida

que não é tempo  
de se esconder  
por detrás das árvores

que não é tempo  
de ficar parado  
a ver passar os homens

Ponte da Barca, 20 Set. 1977

Rui Dias José





## Teatro

# Teatro independente, popular ... e o mais que adiante se verá

No último número publicamos dois depoimentos sobre TEATRO POPULAR e fizemos um apelo aos camaradas dos grupos de teatro das fábricas, empresas e colectividades para entrarem no debate.

É importante o depoimento dos que, para além da profissão, lutam no campo da cultura.

«Não existe no mundo uma única causa infame a que o imperialismo não dê o seu apoio, da mesma maneira que não há uma única causa justa que ele não combata» (Fidel de Castro).

É e aqui que tudo se joga.

É e aqui que o teatro deve, pode, e tem a obrigação, de intervir. É aqui que se joga muita coisa; a escolha do repertório, o processo de contar uma história (vista por quem? Qual é a óptica? De que lado da barricada está a história? Como reagem os personagens?) O teatro para ser popular tem de estar a viver na província? O teatro é popular porque a óptica da peça é popular, porque o tratamento dos personagens é popular ou não corresponde a uma visão burguesa do povo?

É deve ou não o teatro reflectir o quotidiano de um povo em luta contra a recu-

paração da pitalista?

E onde estão os textos em que operários, camponeses, tenham vida própria em cena, sejam verdadeiros, se debatam com os problemas que assaltam a sua classe?

Como construir esses textos?

Uma nova geração de dramaturgos tem que nascer desta explosão cultural que se verifica no nosso país.

Como construir esses textos que nos falem das lutas do proletariado? Contra todas as receitas, quero arriscar deixar aqui algumas pistas para a construção de textos dramáticos.

Análise do local de trabalho, dos problemas que aí se fazem sentir.

— Discussão.

Elaboração do esqueleto da peça; os passos fundamentais daquilo que se quer dizer.

Trabalho sobre imagens; como dizer só com a imagem do nosso corpo o que se pretende.

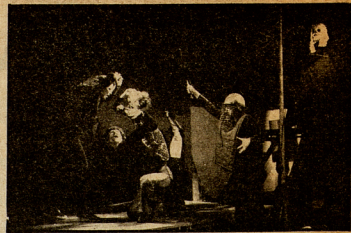
— Improvisações sobre o esqueleto da peça e das imagens criadas de modo a procurar-se o texto que melhor corresponde ao desejado.

— E pronto, aí está uma peça.

CUIDADO, esta «receita» é uma de tipo caseiro, pode servir de modelo, mas não é a única, a melhor. Em teatro, como em tudo, a experiência, a pesquisa, são sempre o melhor, desde que não se abandone a perspectiva do nosso trabalho: a emancipação dos trabalhadores.

Continuaremos esta discussão.

MANUEL MARCELINO



A força da imagem como linguagem teatral (foto cedida por «A Barraca»)

# TEATRO A NÃO PERDER

## LISBOA

A BARRACA — «Zé do Telhado»

Texto: Hélder Costa  
Música: Zeca Afonso  
Encenação: Augusto Boal

ADÓQUE — «Roupa Velha

TEATRO ABERTO: Grupo 4 com «O CASO DA MÁZCZ-NHA MISTERIOSA»

Sátira musical de A. Sobral e Ary dos Santos, música de F. Tordo, Paulo de Carvalho e Pedro Osório. Encenador Rui Mendes.

TRINDADE — Os Cômicos com «EDEN CINEMA»

Texto de Marguerite Duras. Música de Carlos d'Alessio, encenação Fernando Heitor...

VASCO SANTANA — «TEMA E VARIAÇÕES»

Textos de Raul Brandão, dramaturgia e encenação: Luzia Maria Martins.

TEATRO DO B. ALTO: A Cornucópia apresenta «Woyzeck»

de Bachner, encenação: Jorge Silva Melo, dramaturgia: Luis Miguel Cintra e cenografia de Cristina Reis.

TEATRO DA GRACA: — Grupo de Teatro Hoje «PORTA FECHADA»

Texto: J. Paul Sartre; encenação, Jorge Lito-pad.

## ALMADA

CAMPOLIDE — apresenta «AS AVENTURAS DE TILL»

Texto adaptado por Virgílio Martinho, encenação: Joaquim Benite.

## PORTO

ANTÓNIO PEDRO — «FREI LUIS DE SOUSA/ALMEIDA GARRETT»

Encenação: Mário Jaques para o T.E.P.

COOP. DO POVO PORTUENSE: Seiva Trupe «QUEDA DE UM ANJO»

adaptação do romance de Camilo, por F. Luis Soares, encenação de António Montez.

## ÉVORA

TEATRO GARCIA RESENDE

A actividade do Centro Cultural de Évora é para ser seguida com atenção.

## VISEU

A CENTELHA

Apresenta no auditório da Feira «QUATRO DIAS DE VIAGEM»



## Artes Plásticas

# POLÍTICA CULTURAL SOCIALISTA

«**E uma alegria para um artista sentir que necessita dele — no melhor sentido do termo,**» diz Willi Sitte, presidente da União dos Artistas Plásticos da República Democrática Alemã.

Estas palavras dão a exacta medida do abismo que separa o artista integrado numa sociedade socialista, do seu colega que vive e trabalha nas sociedades capitalistas.

**E** FECTIVAMENTE, as sociedades socialistas do Leste europeu seguem, desde a sua implantação no final da guerra, uma política cultural ambiciosa visando transformar o nível intelectual, moral, estético e emocional dos cidadãos. Partem do princípio de que a cultura é um dos pilares sobre os

quais a nova sociedade é construída, estando intimamente ligada ao desenvolvimento económico, ao bem-estar material das populações e à transformação das mentalidades — profundamente afectadas pelas sequelas do nazi-fascismo, pela propaganda anticomunista e pelo cortejo de horrores e destruição causa-

dos pela guerra nos seus países. Assim, desde logo, os Estados socialistas mobilizaram os trabalhadores da cultura para uma gigantesca tarefa de animação cultural revolucionária, apoiada e impulsionada pelas organizações sindicais da classe operária, recém-libertada do jugo capitalista.

Deste modo as artes puderam finalmente penetrar nas empresas, nas fábricas e em todos os locais de trabalho e de ocupação dos tempos livres (entretanto criados), suscitando debates, esclarecimentos e discussões extremamente vivas e fecundas.

Muitos trabalhadores começaram a tomar consciência, através destas intervenções, do sentido renovador que a realidade cultural, nas suas múltiplas formas, trazia à qualidade da vida e à transformação dos seus objectivos, antes condicionados por uma visão egoísta e materialista do seu modo de estar na sociedade; outros descobriam em si próprios capacidades de criação e realizavam obras artísticas insuspeitadas, passando a participar activamente nos colectivos de arte e cultura das suas empresas.

Aquele enorme esforço de animação cultural, que mudou radicalmente as relações de convivência social, continua ainda hoje a ser dinamizado pelas organizações e comissões sindicais, estimulando a capacidade criadora das massas trabalhadoras e da juventude, auscultando as suas necessidades de realização e de função cultural dos tempos livres.

Ao lado dos escritores, músicos, poetas, dramaturgos, cineastas, homens de teatro e da televisão, os artistas plásticos marcam a sua presença no desenvolvimento das relações humanas e culturais e na qualidade de vida dessas sociedades. E os Estados socialistas não abandonaram o artista plástico ao papel decorativo, dependente e marginal que lhe está reservado nas sociedades dominadas

pela burguesia capitalista; para citarmos um só exemplo, basta dizer que a publicidade gráfica dos filmes estrangeiros importados pelos países da chamada Europa de Leste não pode entrar nesses países, estando reservada exclusivamente à criatividade dos artistas nacionais.

Esta medida e outras do género (reveladoras de um

purado sentido de defesa dos valores estéticos próprios) incrementa de tal modo a produção de cartazes publicitários que muitos deles, nomeadamente da Polónia, da Checoslováquia e da Hungria são hoje considerados os de mais alto nível técnico e artístico mundial.

LUIS SUAREZ

## Cinema

### Público cinematográfico:

# SUA ORIGEM E MANIPULAÇÃO NA SOCIEDADE CAPITALISTA

Para que o cinema se impusesse definitivamente como grande e moderno espectáculo de massas um passo decisivo foi dado: a formação de um público que, de início, é na generalidade constituído por uma complexa mistura da classe média burguesa com o proletariado. Contudo, ainda que grandes faixas do proletariado entrem na composição desse público, a verdade é de que o seu corpo social acabará muito em breve, durante os seus processos de evolução, por se afastar de igual modo tanto da grande burguesia como do proletariado. É um corpo social que na realidade oscila entre dois polos: o mundo da burguesia e o mundo do proletariado. Historicamente a formação de tal corpo social é acelerada pelo aparelho burocrático do capitalismo monopolista de estado que necessita de uma grande quantidade de sectores de serviços, concentrados, sobretudo, nos grandes centros urbanos. Nesses centros urbanos se formará o público que aco-

lherá o grande espectáculo de massas que é o cinema. E o núcleo central desse público será constituído por amplas camadas da média e da pequena burguesia.

Foi portanto em função do gosto da classe média que se nivelou o carácter da produção cinematográfica. Com efeito o projecto de vida desta classe, profundamente impregnado de ideologia pequena-burguesa, cobra e procura mesmo imitar o modo de vida da classe burguesa dirigente. Consciente destes ansiosos utópicos, a produção cinematográfica, evidentemente controlada pela classe dirigente, procura apresentar desde o início o modo de vida da burguesia segundo uma perspectiva rosada, alegre e optimista, quando não odiosamente trágica, motivadamente não pública a imitação dos seus bons costumes. Bastaria uma visão superficial da produção norte-americana, sobretudo durante os anos 40 e 50, para constatarmos a abundância de filmes com esta orient-



tação, desde o drama à comédia até ao filme musical.

É evidente que, pela natureza da sociedade capitalista, pelo carácter interessado da sua produção cinematográfica, que pretende cumprir um programa ideológico favorável aos interesses da classe dirigente e ao mesmo tempo alcançar lucros, o cinema transforma-se num poderoso meio de evasão para as massas modernas. As grandes possibilidades de divulgação cultural e de formação política, que o cinema possui, são o contrário das possibilidades da propaganda manipuladora da ideologia burguesa e pela satisfação do lucro, fim último e razão de ser da produção capitalista.

Sendo assim as potencialidades culturais e artísticas do cinema, enquanto verdadeira manifestação democrática de massas, são relegadas para segundo plano e desenvolvem-se em maior escala as suas

possibilidades espectaculares capazes de proporcionar, à generalidade do público, um cómodo e tranquilizante meio de evasão, que o faça esquecer os seus problemas quotidianos. Com efeito, a linguagem compreensível e directa do filme, produz uma atracção e fascinação no espectador que tende a identificar-se totalmente com os personagens e a acontecimentos (na maioria das vezes excepções) habilmente urdidos segundo a óptica e interesse da ideologia burguesa dominante. O filme permite deste modo a cada elemento individualizado do público ver aquilo que ele desejaria ver ou que desejaria fazer. Tudo resulta de um complexo mecanismo psicológico controlado pela produção capitalista, que combina todas as formas de excitação possível, de modo a satisfazer os desejos de divertimento e de fuga do espectador.

Como diria o grande crítico marxista italiano Umberto Barborsa «um mecanismo (o cinema) criado definitivamente com o fim de «divertir» e desviar o público da visão da realidade, constitui por si mesmo uma «defesa de classes». A defesa de classe burguesa é claro.

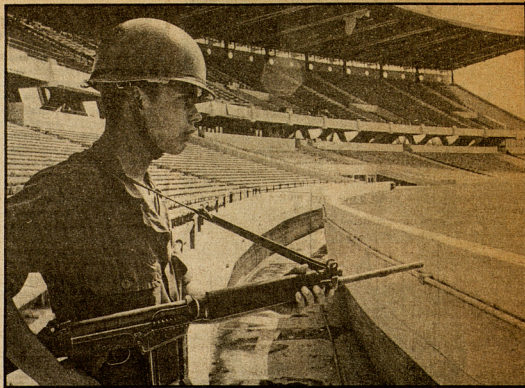
DAVID LOPES

## Desporto

# A VERDADE E A MENTIRA DE UM ESPECTÁCULO DESPORTIVO

O «Mundial» de futebol, na Argentina, chegou a um português através da oportunidade de acompanhar através dos órgãos da Comunicação Social e, em

especial, pela T.V., os momentos mais importantes da competição. Sensivelmente o mesmo que muitos milhões de interessados, espalhados pelos cinco continentes, puderam ob-



servar. Nós fizemo-lo, também. Com a curiosidade natural de quem aprecia encontros de futebol com elevado índice técnico (o que deverá pressupor uma preparação aturada do atleta, a todos os níveis, físico, técnico, e psicológico). Tudo normal até aqui...

É sabido que se trata de um espectáculo desportivo destinado ao entretenimento das massas, cujo poder de comunicação e capacidade mobilizadora vão além do que seria razoável (e até desejável...). Quer isto dizer, que interesses marginais ao próprio futebol conseguem manipular jogadores e público, ao ponto de produzir uma falsa mística, máscara para os objetivos mais recônditos que a «linguagem» do futebol profissional serve, quase sem darmos por isso. E quem quiser falar em desporto (leia-se aqui, futebol profissional...) à margem da política ou de interesses financeiros, teve patente na final do «Mundial», um dos mais flagrantes exemplos do contrário. Lamentavelmente, servindo objetivos adversos ao próprio desporto, e uma economia de sociedade de consumo, aborrevante e exploradora dos

próprios cidadãos a quem se destina.

Toda a máquina publicitária e seus suportes, montados em torno do campeonato, permitiram desenvolver um «concorrenzialismo» verificável entre marcas de produtos (passando pelos próprios equipamentos e bolas), entre os próprios jogadores (candidatando-se a estrelas de primeira grandeza e ao melhor contrato de milhões) e, em última análise, entre nações (pressuopondo sistemas em confronto), deixando transparecer, nalguns casos, um certo nacionalismo, disfarçado de manifestação popular, prejudicial e perigoso para os seus agentes inconscientes.

O delírio (apparentemente natural) manifestado pelos 80.000 espectadores em torno do relvado, parecia mostrar que os triunfos da equipa nacional fora um feito do próprio país, em que o ditador Videla é «senhor todo-poderoso» (ainda que, como todos os ditadores, com pés de barro...). Quem tiver prestado maior atenção, terá escutado as palavras que ecoaram nos altilhanes do estádio, enquanto as câmaras iam focando as cabeças da dita-

dura: «Este campeonato do mundo foi uma prova de civismo e da capacidade de realização de um povo e de um país...» ouviu-se. Capacidade tornada símbolo e arma, que o fascismo argentino tenta apossar-se, tentando fazer crer ao Mundo (por todos os meios que estiveram ao seu alcance) que a Argentina vive na paz e no progresso, tornados forma, apenas pela vitória num «Mundial» de futebol. Mas o mundo não desconhece também que a Argentina vive num sistema de repressão e arbitrariedade, cujos notos, desaparecidos e prisioneiros políticos, eles sim, são o símbolo da resistência e da capacidade de luta de um povo que há de esmagar o sorriso afevelado (mas temeroso) de um qualquer Videla, a quem a Eurovisão não se escusou de dar recorte.

Chamar a si (ao sistema) o éxito final de uma equipa, ou o esforço parcelar das massas trabalhadoras argentinas ao erguerem os lozais da «emulação», é roubar a natureza de um acontecimento que nada deveria ter com as sequelas do fascismo, este mesmo inimigo da verdade desportiva.

ALVARO ESTEVES

Esta quer dizer...  
Claro...  
haverá di...  
dência. S...  
para muit...  
ao loto...  
de gozar...  
O GI...  
fugueses...  
gozar o...  
cações de...  
Acer...  
tações qu...  
a preços...  
ou vigiã...  
médicos...  
teléfono...  
n.º 922, 1...

## VIAJENS

O GITU...  
até ao mé...  
na Madei...  
boa às 2...  
sábados e...  
didades qu...  
semana...  
uma sema...

Os preç...  
na Média...  
acordo com...  
de escolhe...  
zandose p...  
vis, are v...

## UMA SEMANA EM LONDRES

Com per...  
ate ao mês...  
realizam-se...  
com a dura...

Na...  
feito em...  
TAP, num...  
Durante...  
capital ing...  
les nesta e...  
ção de con...  
cidade, con...  
nação da...  
do portugu...  
Para aler...  
da fazer c...  
haverá o...  
de fazer c...



**GITUS**

## TURISMO SOCIAL

Estamos em pleno Verão o que para muitos trabalhadores quer dizer tempo de férias.

Claro que para um grande número de nós, nem sequer haverá dinheiro para as passar fora do local habitual de residência. Sim, que o custo de vida aumenta todos os dias, e para muitos subsídios de férias é uma coisa que se vai esquecendo ao longo do ano, não estando nada quando chega o tempo de gozar as férias.

O GITUS, pretendendo proporcionar aos trabalhadores portugueses a possibilidade de a preços mais baixos poderem gozar o seu direito a férias, organizou um programa de deslocações de que damos resumida referência.

Acerca de tudo o que aqui anunciamos, e de outras solicitações que possam surgir, tal como alojamentos em hotéis a preços mais baixos, ou fretagem de viaturas para excursões ou viagens de grupo poderá camará obter todas as informações no próprio Gitus, na Rua Vitor Gordon, 1, 3.º em Lisboa, telefone 36526877, ou no Porto, na Rua Santa Catarina, n.º 322, 1.º, telefone 380752.

Hampton Court, Oxford, Stratford, Cambridge, etc.

### CIRCUITOS ROMÉNIA-BULGÁRIA

De 13 a 26 de Agosto e de 10 a 23 de Setembro, efectuam-se os Circuitos Roménia-Bulgária, que proporcionarão 15 dias de contacto com a realidade daqueles dois países socialistas, usufruindo das suas belezas, naturais e turísticas.

Os integrantes destas excursões partirão de Lisboa num jacto da TAROM — linhas aéreas romenas — com destino a Bucareste.

No segundo dia será a vez de fazer a viagem de autocarro até Sofia. Depois, o passeio prosseguirá por Plodiv, Burgas, Varna, Olimp, e de novo Bucareste, para logo se partir em direcção a Bacau, Sibova, Brasov, Sinaia, e outra vez Bucareste, para término da excursão e regresso a Lisboa.

Serão 15 dias inesquecíveis, de vistas os locais de maior interesse das cidades percorridas, sempre com guia local falando português ou espanhol. Haverá de tudo um pouco, num circuito em que o mar Negro, o Danúbio, e os Cárpatos, serão as grandes atrações naturais.

O preço desta viagem e estadia de 15 dias por terras da Roménia e da Bulgária é de 17,500.000.

### VIAGENS A MADEIRA

O GITUS está a organizar, até ao mês de outubro estadias na Madeira, com duração de Lisboa as 2,5, 4,5, 5,5, 6,5, sábados e domingos e nas modalidades de viagens de fim de semana, mini-semana e de uma semana.

De preços das deslocações até à Madeira são variáveis de acordo com a duração e o regime em colidido nos hotéis, realizando-se excursões, facultativas, aos vários pontos da ilha.

### UMA SEMANA EM LONDRES

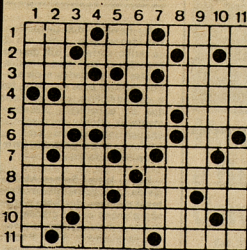
Com partidas aos domingos até ao mês de Outubro estadias realizam-se viagens a Londres com a duração de uma semana.

A viagem de ida e volta é feita em jacto «Boeing» da TAP, num voo especial directo. Durante a permanência na capital inglesa, os participantes nesta excursão terão o ensejo de conhecer de perto aquela cidade, contando com a colaboração de um guia local, falante português ou espanhol.

Para além da possibilidade de fazer compras em Londres, haverá ainda a oportunidade de fazer compras em Londres,

# PASSA TEMPO

PROBLEMA N.º 29



#### HORIZONTAIS:

- 1 Proposição; a rima que se cria no queijo; extremidade do braço (pl).
- 2 Pedulário; nesse lugar.
- 3 Adorar; prego de madeira.
- 4 Aço de dar (pl); na companhia de.
- 5 Alguém; pronome possessivo; as vogais do samba.
- 6 Que não está maduro; não musical.
- 7 Amas; (interjeição) onde se a toam cases.
- 8 Dois mil em romão; de crava; um se cravo; expulsa.
- 9 Extremidade de laçoça (pl); penhascos no mar.
- 10 Tempo do verbo; tr; leve a vista em.
- 11 Partículas descoladas nos veios cósmicos.

#### VERTICAIS:

- 1 A começa rde; que não tem miligão.
- 2 Estar; o desobstar.
- 3 Integro; tanto.
- 4 O mesmo que; ali; gria.
- 5 Edifício.
- 6 Camariteis; pronome pessoal; confiança.
- 7 Commissão unitária; troças.
- 8 Chama; significa voluntária nome nca.
- 9 Governar; povo.
- 10 Animal doméstico (interjeição); provocar com motes.
- 11 Fichas ou assas para desparar em depostas; pelear.

RESOLVE O PROBLEMA? PROCURE AGRORA A FRASE TRANSFORMADA NA SEU CONTEÚDO.

DE MAIOS DADAS COM TEM INMAO CONSTRITOS A  
 MAIOS: 1 - Mado; 2 - Mado; 3 - Mado; 4 - Mado; 5 - Mado; 6 - Mado; 7 - Mado; 8 - Mado; 9 - Mado; 10 - Mado; 11 - Mado.  
 HORIZONTAIS: 1 - Mado; 2 - Mado; 3 - Mado; 4 - Mado; 5 - Mado; 6 - Mado; 7 - Mado; 8 - Mado; 9 - Mado; 10 - Mado; 11 - Mado.

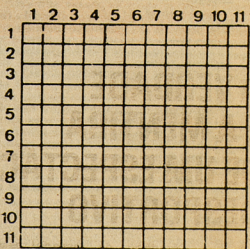
PROBLEMA N.º 30

#### HORIZONTAIS:

- 1 Dia de condutor que ainda não tem a carta há um ano; peso bruto.
- 2 Certo; milva.
- 3 Cmo; cidade de Portugal sede de comelho distrito de Leiria.
- 4 De grande; barco de recreio.
- 5 Compaço; uniformizado.
- 6 Azar; caminhar; essa.
- 7 Nome genérico das pees curidas, usadas no calçado; amies; etc.
- 8 Lentamente.
- 9 Respeitado; a nome de casa aromática.
- 10 Pedra de moído; líquido que serve para lubrificar; que não tem qualidade.
- 11 Pernadas do sbreiro; costuro.

#### VERTICAIS:

- 1 Agrupamento de gado graúdo; notoriedade.
- 2 Aconeto; comad.
- 3 Menciono um texto; pronome indefinido.
- 4 Pessoa que não sabem ler nem escrever.
- 5 Letra que se usa nas frases; nome com qual (interj).
- 6 Esma.
- 7 Organização terrosira que achas desordenadamente em Portugal; momento imaginário.
- 8 De offe; em um escrito; aced.
- 9 Época da vida; cauda.
- 10 Compaço de balho; a esse.
- 11 As apalpas do PS estão traido as suas; cada um do dia cónico da ABIB atribuído as suas.

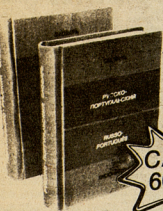


DE MAIOS DADAS COM TEM INMAO CONSTRITOS A  
 MAIOS: 1 - Mado; 2 - Mado; 3 - Mado; 4 - Mado; 5 - Mado; 6 - Mado; 7 - Mado; 8 - Mado; 9 - Mado; 10 - Mado; 11 - Mado.  
 HORIZONTAIS: 1 - Mado; 2 - Mado; 3 - Mado; 4 - Mado; 5 - Mado; 6 - Mado; 7 - Mado; 8 - Mado; 9 - Mado; 10 - Mado; 11 - Mado.

DE NOVO À VENDA  
NO FORMATO DE BOLSO

# DICIONÁRIOS

PORTUGUÊS-RUSSO  
RUSSO-PORTUGUÊS



9000 e 10 000 vocábulos

CADA  
60\$00

CDL a distribuição

## CDL aconselha para as suas férias a leitura dos seguintes livros

- |  |         |
|--|---------|
| <input type="checkbox"/> DEZASSETES INSTANTES DE UMA PRIMA-VERA<br>Julian Semionov | 140\$00 |
| <input type="checkbox"/> A NEBULOSA DE ANDRÔMEDA<br>Ivan Efremov                   | 160\$00 |
| <input type="checkbox"/> A ASCENÇÃO DOS GENERAIS<br>Rodolfo Konder                 | 100\$00 |
| <input type="checkbox"/> HISTÓRIA DE UM VERDADEIRO HOMEM<br>Boris Pasternak        | 120\$00 |
| <input type="checkbox"/> OS PROLETAS<br>Louis Oury                                 | 120\$00 |
| <input type="checkbox"/> SOB O COMANDO DAS TREVAS<br>Rodolfo Konder                | 60\$00  |
| <input type="checkbox"/> OS HOMENS DA COR DO SILÊNCIO<br>Alberto Molina            | 100\$00 |
| <input type="checkbox"/> MISSÃO SECRETA<br>A. Lukine, D. Pollanovski               | 100\$00 |

DESEJO RECEBER OS LIVROS ASSINALADOS COM   
PARA O RESPECTIVO PAGAMENTO ENVIO ESSE  
500 EM CHEQUE/VALE DE CORREIO  
N.º ..... SOBRE BANCO/ESTAÇÃO DE  
CORREIO .....

NOME .....  
MORADA .....  
LOCALIDADE .....

CDL DEPARTAMENTO DE VENDA DIRETA  
AV. SANTOS DUMONT, 67 - C — LISBOA-1

## notícias e comentários

### Grande encontro das mulheres do Distrito de Lisboa

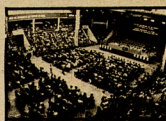
No Pavilhão dos Desportos, em Lisboa, teve lugar, em 2 de Julho corrente, um grande encontro de mulheres. Um dos pontos mais falados e discutidos, durante esse encontro, foi o da difícil condição em que se encontram presently as administradoras dos lares em face ao vertiginoso aumento do custo de vida.

Sob o lema «Somos Mulheres de Abril, que temos um Portugal melhor», decorreu a sessão plenária dessa grande Encontro, em cuja mesa da presidência viam-se: Alice Rocha, do Secretariado da CGTP-Intersindical Nacional; Inácio Lopes, Lurdes de Sousa e Clara Magro, da União dos Sindicatos de Lisboa; Luisa Amorim, Maria José Gomes, Isaura Vieira e Ana Abel, do Movimento Democrático das Mulheres; Maria José Resende, Maria Antónia Rodrigues, Matilde Graça e Fernanda Sobral, da Comissão Unitária das Mulheres; Maria Teresa Horta, chefe de redacção do mensário «Mulheres»; e Genevieve Salvaterra, da Organização das Mulheres de S. Tomé e Príncipe, que chefiava uma delegação deste país africano, convidada especialmente para este Encontro.

Vários foram os temas abordados, nas três secções de trabalho que se formaram: «A mulher na família e na sociedade»; «A mulher e o trabalhador»; «A mulher e o custo de vida». Destas secções de trabalho saíram documentos de notória importância para o movimento das mulheres, nos quais se sintetizam os aspectos e as conclusões mais em destaque nos debates.

Salientou-se que «só numa sociedade em que seja abolida a exploração do homem pelo homem se poderá criar as condições precisas para uma verdadeira emancipação da mulher».

Na Declaração Final, pode ler-se que «as medidas de natureza económica e social tomadas pelo Governo, nomeadamente em 1977 e 1978, tornaram as mulheres, que eram das mais beneficiadas com as



melhorias sociais dos primeiros anos da Revolução, nas principais atingidas com a degradação das condições de vida que actualmente se sofrem».

Este encontro constituiu uma firme e clara denúncia da grave situação em que ainda hoje vive a maioria das mulheres portuguesas.

### Contra o regresso em julgamento de Américo Thomaz

Por mais de uma vez a CGTP-IN manifestou o seu parecer e o seu protesto, a cerca da facilidade de entrada no País, sem julgamento, do ex-chefe de Estado do tempo de Salazar e Castano, Américo Thomaz.

A posição da CGTP-INTIN é a ser contra o regresso impune do ex-chefe de Estado fascista, que serviu e comandou um regime odiado pelo povo, que durante cerca de meio século sofreu as tristes e dramáticas consequências de tal regime.

A cerca desta importante problema, têm chegado à nossa redacção centenas de milhões e outros meios de comunicação, contra o regresso, sem julgamento, do ex-almirante e ex-chefe de Estado fascista, Américo Thomaz.

Como são bastante numerosos os organismos sindicais e outros, assim como de Comissões de Trabalhadores, das mais importantes firmas industriais do nosso País, que se nos têm dirigido, protestando contra o que consideram uma grave ofensa ao Povo Português, em especial aos milhares portugueses, se de facto se vier a consumir o regresso desse figura «histórico» do fascismo em Portugal sem que seja justamente julgado e condenado, we-mo-nos na contingência de se fazer espaço, não podemos mencionar na

nostras colunas, o que deveras lamentamos, pedindo desculpa pelo facto.

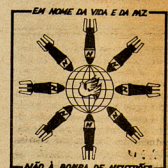
### Intronição no Movimento Sindical

Uma firma que, pelo nome, deve ser de estrangeiros no nosso País, DUN E BRADSTREET, Ltd, está, a pretexto de interesses dúbios, a pedir a Sindicatos de trabalhadores portugueses, informações sobre a vida desses sindicatos, para organização de um ficheiro que, pelos vistos, e em face das perguntas feitas, bastante lhes interessa, como patreões.

Estes Estabelecimentos, que não têm nada de associações, não têm interesse no princípio, normal, justo e compreensível, que o que interessa ao patronato não pode de maneira alguma interessar aos trabalhadores. O Movimento Sindical Unitário acha que é de todo o interesse que os Sindicatos contactados, ou que venham a ser contactados, por essa ou por outra firma com interesses patronais, idênticos aos da firma acima referida, não respondam, caso que pretexto for, a tais inquéritos.

### Contra a bomba de neutrões

A Federação Nacional dos Sindicatos Metalúrgicos, com sede em Lisboa, enviou, em 7 de Junho último, à O.N.U., durante uma Assembleia Geral



desta organização internacional, o seguinte telegrama:

«Sessão Especial da Assembleia Geral da ONU Nova

Yorque protesta  
ba reunião  
da e a  
Pelo  
ração e

### Asses na AN

Reob  
Nacional  
trados, n  
no Porto  
informa  
8 do corr  
Geral Ex  
da A.D.  
pendência  
ordem do  
D. I.  
vos e fins  
Est  
Delegação  
... Co  
de associa

### Grupo dos Sindr

Por in  
mento d  
USP/CGT  
to o Grup  
tos comp  
res de v  
vidade O  
do e an  
vendido-s  
a sua inc  
vas cultu  
indole pe  
orientado  
do «Grup  
tos é o p  
o Grupo  
de Letras  
Porto.

### Anulação dos Sindr

Por dec  
Juiz Civil  
boa, defer  
to de impu  
realizadas  
tudo pelo  
da Assem  
ção dos T  
critério de  
leições p  
dos me  
Toda a  
e posta  
de lista A

de deveras  
ou culpa

Yorque 200 mil metalúrgicos protestam contra fabrico bombas neutras ameaça Humanidade a Paz. Pelo desarmamento. Pelo progresso e cooperação entre todos os povos.

### Assembleia Geral na ANDST

«Acobemos da Associação Nacional dos Deficientes Sinistrados no Trabalho, com sede no Porto, uma nota na qual nos informam que efectuarão, em 8 do corrente, uma Assembleia Geral Extraordinária, na sede do A.D.F.A., Palacete Independência, que teve a seguinte ordem de trabalhos:

Divulgação dos objectivos e fins da Associação.

Estabelecimento de uma Delegação em Lisboa.

« Campanha de angariação de associados.

### Grupo Coral dos Sindicatos

Por iniciativa do Departamento de Tempos Livres da USP/CGTP-IN, formou-se no Porto o Grupo Coral dos Sindicatos composto por trabalhadores de vários sectores de actividade. O Grupo Coral tem vindo a ensaiar há semanas, preparando, num futuro próximo, a sua incorporação em iniciativas culturais e recreativas de índole popular e sindical. O orientador artístico e ensaiador do «Grupo Coral dos Sindicatos» é o actual responsável pelo Grupo Coral da Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

### Anulação de eleições no Sindicato dos Escritórios

Por decisão do Juiz do 1.º Juízo Civil da Comarca de Lisboa, deferido um requerimento de impugnação das eleições realizadas em 26/1/78, apresentado pelo presidente da Mesa da Assembleia Geral do Sindicato dos Trabalhadores de Escritório do Distrito de Lisboa, teor de ser repetidas as eleições para os corpos gerentes do referido Sindicato.

Todavia a direcção «auto-empossada» dos componentes da lista A, ligados à chamada

«Carta Aberta», reusou-se a acatar essa decisão judicial, alegando que agiu a respeito de um acordo que vai intercorrer contra a sentença judicial a ela vinda a lume.

### cresce a influência do Movimento Sindical Unitário

Nas eleições para cargos de corpos gerentes dos sindicatos, nos últimos tempos realizados, têm-se verificado, na generalidade, a vitória das listas unitárias, o que é uma excelente realidade para o reforço, para o alargamento da unidade da classe trabalhadora em geral.

Registamos os últimos resultados de que temos conhecimento, onde se verificou a vitória das listas unitárias, nos Sindicatos de trabalhadores:

Metalúrgicos de Setúbal; Rodoviários e Gageiros do Centro e Sul; Electricistas do Norte; Metalúrgicos de Coimbra; Metalúrgicos de Bragança; Técnicos de Desenho; Trabalhadores das Indústrias de Cerâmica, Cimentos e Similares, do Distrito de Leiria; Operários Corticeiros do Norte; Construção Civil de Santarém, e Sindicato dos Enfermeiros do Sul.

### Em tempo de reclamáda austeridade...

Todos os portugueses sabem que após os «lançamentos» apelos à austeridade lançados pelos nossos responsáveis governamentais, os portugueses, em especial aos trabalhadores, que são as grandes vítimas da tal política, um «duro» de compadrio, muito tem entendido nos seus próprios interesses e nos dos seus colegas de Governo, lançou uma proposta de substancial aumento nos salários do senhor 1.º Ministro, dos srs. Ministros e dos srs. Secretários de Estado, etc., etc., que, uma vez na Assembleia da República, com a coligação actualmente existente, foi naturalmente aprovada. Essa proposta saiu de um dirigente PS e de um dirigente CDS-E, depois disso a vida continua...

A vida continua, é certo, mesmo dura para os srs. Ministros e Subministros, assim como

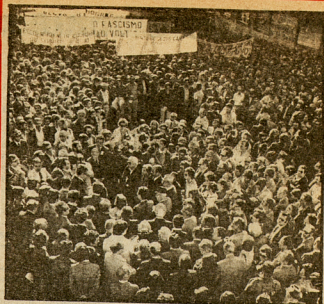
para os outros mandados das grandes empresas. Mais duro, e talvez certo, para a classe trabalhadora, que dia-dia vê o seu poder de compra diminuir assistidamente.

Agora, são os srs. da EDP (Electricidade de Portugal), da dita hierarquia mandatória, incluindo os assessores, que depois de fazerem aumentar, de maneira geral, em 50 por cento, as tarifas de electricidade, que os consumidores têm de pagar, passaram a auferir, grande parte desses srs. «mandados», a «batatela» de 60.000\$00 mensais salários máximos autorizados por lei, num país que se está debalhando com uma crise a todos os títulos dramática...

Em que País de franca injustiça estamos a viver? Quem acode ao Povo sobre o qual, cada dia que passa, pesa a ameaça das crescentes dificuldades da fome e da miséria num País que se diz, e até agora, livre e democrático? Quem terá dito, um dia, que não desejaria para o Povo Português um «socialismo de miúdos»? Que «fartura» tem estado a proporcionar ao Povo Português, em especial à classe trabalhadora do campo e da cidade e do mar, os nossos governantes, para desoirmos do porto em que continuamos a descer, nas dificuldades económicas, vizinhas indesejáveis «a desesperação»? Será uma fartura de miséria a que pretende proporcionar às classes trabalhadoras deste País?

Em este estado de coisas, com tendência a agravar-se dia-dia, em face das pressões nacionais e internacionais para uma recuperação capitalista das riquezas de Portugal, a classe trabalhadora organizada nos seus lugares de actividade profissional, através dos seus Sindicatos, no reforço da Unidade, indispensável para as grandes lutas e vitórias. E o Povo Trabalhador é, em primeira e última análise, a espinha dorsal de todo o Nação, a força real do nosso país. É preciso que os nossos governantes possam ser plenamente entendidos e contentes com o trabalho. E contentem com o trabalhador para a recuperação económica do País. Mas não só o trabalhador português para alguns senhores, e salários de miséria para a grande maioria da população portuguesa que se pode encontrar a despeito disso...

Por favor meditar a quem se dirige...



## Homenagem a Bento de Jesus Caraça

Em 27 de Junho, uma multidão enchia a Rua Almeida e Sousa, em frente ao n.º 68, para assistir ao desceramento de uma lápide que o assinava e a morte, nesta casa, do grande patriota, cientista e antifascista, que foi Bento Jesus Caraça.

Foi um momento emocionante quando, a lápide descolberta, o presidente da Câmara Municipal de Lisboa, Aquilino Ribeiro, proferiu um discurso lembrando a memória do grande cidadão, cientista, pedagogo e lutador antifascista que nesse momento o povo de Lisboa mal justamente homenageava. Seguiu-se o deputado Lino Lima que, num breve mas esclarecedor discurso, lembrou o que foi a vida e a obra, como escritor, pedagogo, cientista e corajoso lutador pela Liberdade do nosso país, de Bento Jesus Caraça. Agredou, em nome da família do homenageado, o filho dessa grande figura desaparecida prematuramente.

No largo do Cemitério dos Prazeres, numa pequena tribuna improvisada para o efeito, falaram sobre a obra e vida do professor, do humanista, do cientista, do escritor, Luís Dias Amado, segundo-se Mário Doriazo, Álvaro Cunha e Mário Soares. Os oradores foram aplaudidos com grande entusiasmo, cada vez que se lembrava de Bento Jesus Caraça tinha sido um polémico do entredomínio político entre os vários antifascistas de tendências diferentes. Paireava na assistência como que o espírito de unidade antifascista de Bento Jesus Caraça, que foi um dos obreros do MUNAF e, depois do MUD, o que levou a multibão a gritar, em várias ocasiões: Unidade, Unidade!

Apoiando uma proposta de Álvaro Cunha, Mário Soares disse que se iria estudar a possibilidade de uma Conferência Nacional dos Antifascistas Portugueses e prometeu que o Governo estudaria, também, a possibilidade de se erguer, que, durante a longa «noite fascista», souberam lutar e morrer pela defesa e pelo triunfo da Liberdade em Portugal.

A cerimónia terminou com o hino nacional, «A Portuguesa», cantado por milhares de vozes de noite, a que se seguiu a romagem e a deposição de flores no túmulo do que foi em vida, um exemplo de coragem militante, de lutador antifascista de dedicação pela causa da Liberdade e da Democracia, pela Unidade de todos os antifascistas portugueses. Bento Jesus Caraça que, por a sua memória seja, como foi o seu exemplo pelos diversos oradores, um exemplo sempre vivo para a Juventude de hoje, para os homens de todas as gerações!

## notícias e comentários

# notícias e comentários

## Remodelação de «Alavanca»

A partir do próximo número, a sair em 1.º de Outubro, dia do 8.º aniversário da fundação da Interindustrial Nacional, «Alavanca» entrará numa nova fase, com o formato habitual das outras revistas portuguesas e melhoramentos fundamentais, como sejam os da capa a papel couche e o interior a papel 10. Desta forma, esperamos corresponder aos muitos amigos e leitores de «Alavanca», cujo formato actual e papel interior não eram de seu agrado.

Por este facto, esperamos que os nossos amigos desenvolvam um largo esforço de divulgação da nossa revista, que é a de todos os trabalhadores, conseguindo interessar os seus/nossos amigos e tornarem-se assinantes de «Alavanca». Desde já, expressamos as nossas melhores saudações sindicais pelo facto.

## Produtores de batata em situação catastrófica

A Liga dos Pequenos e Médios Agricultores de Montalegre, afirmando que o Governo continua sem cumprir o que prometeu, não poder deixar, por mais tempo de denunciar as atitudes do Governo, perante a situação catastrófica dos agricultores transmontanos produtores de batata.

A batata, entregue desde há meses nos armazéns da J.N.F., continua por pagar e o subsídio prometido aos agricultores de Montalegre ainda nem sequer foi fixado. Isto demonstra o desprezo que os senhores do Governo têm para com aqueles que neste País trabalham da sol a sol, e entre os quais se encontram os produtores de batata de Montalegre.

Os agricultores de Montalegre estão com o cordão da garganta. E o Governo nada faz para aliviar dessa aflição situação.

O Governo só escuta os tubarões da CAP e da CIP e despreza quem trabalha. Esta situação é intolerável. A Liga dos Pequenos e Médios Agricultores de Montalegre exige que a Junta Nacional das Frutas pague rapidamente a batata e que a Secretaria de Estado do Comércio Interno honre os compromissos assumidos. Os agricultores de Montalegre, tal como muitos outros agricultores transmontanos, não podem esperar mais que isto seja regularizado.

## Unões locais no distrito do Porto

Em 30 de Junho, convocado pela União dos Sindicatos do Porto/CGTP-IN, realizou-se em Penafiel um plenário aberto à participação de sindicatos filiados e não filiados na CGTP-IN, para eleição de uma comissão instaladora para a União Local de Penafiel resulto de todo um trabalho preparatório no concelho, com vista à constituição da respectiva união local. Em 15 de Julho, será a vez, de, em Felgueiras, se efectivar um

em Felgueiras, se efectivar um plenário de sindicatos, com idêntico objectivo. Noutros concelhos do distrito, casos de Povoa do Varzim, Vila do Conde, Amarante, Santo Tirso e Paços de Ferreira, tem-se avançado no trabalho preparatório com objectivos semelhantes: a constituição de uniões locais, que desempenhem «um papel coordenador da actividade dos sindicatos e das lutas dos trabalhadores, dando corpo às lutas dos sectores e das empresas e ligando-as ao movimento Nacional dos Sindicatos e de todos os Trabalhadores Portugueses».

O trabalho de descentralização da organização sindical no distrito do Porto, agora num ponto alto de concretização, leva à prática uma das orientações definidas no congresso de todos os sindicatos e inscrita no programa de acção da União Nacional dos Sindicatos para o triénio de 1977/80.

## Ataque terrorista contra uma UCP

Por vezes, temos a impressão que estamos vivendo no «Far-west», nos velhos tempos das conquistas das terras e do gado aos índios pela força das armas dos bandeoleiros.

Mas estamos vivendo em Portugal. Em Portugal, numa época de democracia e de liberdade. E por isso que mais nos alarmamos, quando se podem ler notícias como estas, vindas nos nossos jornais:

«Um grupo de indivíduos, marginalizados, bem armados de caçadeiras, assaltaram, há dias, a Herdade do Ramilho, integrada na U.C.P. «Flor do Sul», no concelho de Estremoz. Incendiaram dois tractores, depois de terem assaltado, a tiro, o guarda dessa herdade».

É opinião generalizada entre os trabalhadores que mais esta acção terrorista se enquadrava num plano, ambicioso e perigoso, de intimidação, que os grandes agrários da CAP pretendem estender à zona da Reforma Agrária.

Sobre esse ataque de terroristas à Herdade do Ramilho, da UCP «Flor do Sul», o Sindicato dos Trabalhadores Agrícolas de Évora exige, num comunicado tornado público, que o Governo tome energias medidas, inscritas na Lei contra tais bandeoleiros, que seja severa e exemplar a sua punição, para se evitar que novos ataques terroristas possam desencadear-se contra as UCP.

## Função Pública exige negociações

Em Assembleia Geral, realizada no Pavilhão dos Deportivos, em Lábios, os trabalhadores da Função Pública da Zona Sul mandaram a Direcção do seu sindicato para utilizar as negociações com o Governo, em relação ao Estatuto Di. disciplinar.

Aquelas trabalhadores defenderam ainda exigir garantias quanto à provisoriedade máxima da vigência daquele diploma até à aprovação da Lei de Bases.

## Hotelaria para lá de um nível nacional

Os trabalhadores da Indústria Hoteleira, em luta pelo Contrato Colectivo de Trabalho Vertical vão a paralisar a nível nacional no próximo dia 29.

Esta forma de luta que foi decidida pelo plenário dos sindicatos do sector, destinou-se a protestar contra a mesa do patronato em se sentar à mesa das negociações.

## Manifestação de Trabalhadores da Comunicação Social

Partindo da Praça dos Restauradores, com cartazes, bandeirinhas e panos com palavras de ordem inscritas, uma manifestação de trabalhadores da Imprensa dirigiu-se, em 28 de Junho passado, para o Palácio

baixa lisboeta, gritaram-se várias palavras de ordem, de entre as quais se destacavam: «Trabalho, sim, desemprego, não!» e «O Século é do Povo, não é do capital».

No momento da chegada



de S. Bento, a fim de protestar contra a reprivatização da empresa de «O Século» e o encerramento do «Jornal do Comércio».

Durante o trajecto, que atravessou as principais ruas da

dos manifestantes e S. Bento, o Governo encontrava-se reunido, tendo num dos pontos da sua agenda de trabalhos o discussão da situação dessas duas empresas da Comunicação Social.

## COMMISSIONISTAS



Precisa de colaboradores para trabalharem à comissão na venda de livros, discos e outros artigos.

Resposta detalhada à



DEPARTAMENTO DE VENDA DIRECTA  
AV. SANTOS DUMONT, 57-C - LISBOA-1

## Conferência sobre o Ensino

Na cidade de Colônia, na Alemanha Federal, realizou-se em 2 e 3 de Junho último, uma Conferência de Ensino para crianças portuguesas, filhas de emigrantes trabalhando nos países.

Muita longa exposição, os seus responsáveis pedem ao Governo de Bonn para que este assunto seja devidamente estudado e levado à prática.

Destaca-se o papel que a Central Sindical dos Trabalhadores Alemães, a D.G.B., tem tido em relação aos problemas sociais e educativos, em que não só deste importante problema, mas também de outros igualmente importantes: em que os emigrantes portugueses estão inseridos.

Fuam moções foram apresentadas e aprovadas, durante essa Conferência. A CGT-IP esteve directamente representada nesta Conferência, através do seu responsável pela emigração, Orlando Laranjeiro.

## Mais protestos contra o regresso de Américo Tomás

Os trabalhadores portugueses trabalhando nas Fábricas Renault-Billancourt, arredores de Paris (França), protestaram enérgicamente contra o regresso do ex-presidente fascista Américo Tomás, afirmando que o mesmo deve, se entrar em Portugal, ser julgado pelos crimes cometidos, pelos crimes e afrontas contra o Povo português, feitos durante os longos anos do seu reinado, sem prestação de contas ao País.

A organização de solidariedade paga pelo Portugal Democrático, «Tulipa Vermelha», com sede em Amsterdã (Holanda) enviou ao sr. Presidente da República Portuguesa um telegrama de protesto contra a decisão de permitir o regresso do último Presidente fascista, «sem julgamento», e «exigindo julgamento dos responsáveis pelos 48 anos de fascismo em Portugal».

## Trabalhadores do Porto em excursão às UCP's de Pias

Em 15 de 16 de Julho, trabalhadores do distrito do Porto

deslocam-se a Pias, no Alentejo, para uma visita às unidades colectivas de produção da zona da Reforma Agrária. A iniciativa é do Departamento de Tempos Livres da USP, que procura, deste modo, proporcionar aos trabalhadores do distrito «uma oportunidade de aprofundarem os seus conhecimentos sobre a zona da Reforma Agrária e os seus trabalhadores, para o reforço da solidariedade na luta comum em defesa de uma das maiores conquistas da Revolução».

## Mensagem de solidariedade com Moçambique

Por ocasião da passagem do 3.º aniversário da independência da República Popular de Moçambique, evento glorioso da libertação do povo irrombado moçambicano, a Conferência Geral dos Trabalhadores

Portugueses — Intersindical Nacional enviou uma mensagem à Direcção Sindical de Moçambique, na qual saudou fraternalmente esse Movimento Sindical, assim como os trabalhadores e o Povo em geral dessa nova nação livre e democrática, de expressão portuguesa. Eis uma passagem da referida mensagem:

«Em nome dos Trabalhadores Portugueses, a CGT-IP reafirma a sua solidariedade militante à luta do povo da RPM para o estabelecimento duma sociedade justa, em paz e progressosocial, condenando, uma vez mais, todos os ataques que o imperialismo desenvolve para pôr em causa os legítimos anseios dos trabalhadores dos nossos dois países.»

«Viva o 3.º aniversário da independência da República Popular de Moçambique! Viva a amizade dos Trabalhadores Moçambicanos e dos Trabalhadores Portugueses! Viva a Solidariedade Internacionalista!».

## Pequenas notícias da Emigração

### ● LUXEMBURGO

De um grupo de trabalhadores portugueses emigrados no Luxemburgo, recebeu a CGT-IP um telegrama, por ocasião da festa do «Dia dos Trabalhadores», que a seguir transcrevemos, agradecendo aos nossos amigos mais esse testemunho de solidariedade de classe:

«Saudações ocasião 1.º Maio trabalhadores portugueses unidos grande jornada de luta promovida pela Intersindical na defesa das conquistas da Revolução conta a ofensiva reaccionária em cumprimento da Constituição da República.»

### ● HOLANDA

Sessenta e quatro trabalhadores portugueses emigrados, reunidos na Casa Portuguesa, de Amsterdã, em 21 de Maio último, aprovaram uma moção, por unanimidade, que enviaram ao Presidente da República na qual «manifestam a sua indignação pela autorização concedida ao ex-presidente fascista Américo Tomás de regressar a Portugal».

Essa moção termina afirmando: «Temos confiança que o povo português dará a resposta devida a todos os que quiserem em

causa o 25 de Abril e as conquistas populares alcançadas. Os trabalhadores portugueses emigrados estão com o 25 de Abril. Morte ao fascismo. A luta continua. Unidos e organizados, venceremos.»

### ● FRANÇA

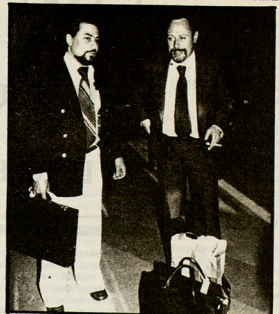
Do Club Sportif Portugais de Fontainebleau, arredores de Paris, fundado em 1971 recebemos a informação de que a sua equipa de futebol tem alcançado excelentes resultados no Campeonato de França da sua categoria.

Os últimos resultados conhecidos são dois vitórias da sua equipa sobre o Souppes, por 7-1; sobre o Combes-Villa, por 4-1, e sobre o Bray, por 6-0. Desta forma, o CSFP está isolado na frente da classificação, passando na próxima época a actuar no escalão imediatamente superior do futebol francês.

Esta equipa é já conhecida dos desportistas lisboetas e norte-lisboetas, pelo facto de ter actuado, no ano passado, em diversas localidades do nosso país.

Bom prospectivo tem os seus dirigentes, para a próxima época futebolística. Não nos parte, desportivismo-le bo sorte e o maior desportivismo possível.

## A 64.ª Conferência da O.I.T. em Genebra



A chegada de uma parte da delegação portuguesa

A Conferência sobre os trabalhadores da Função Pública foi um dos importantes problemas aprovados, depois de longos debates de delegados de numerosos países participantes na 64.ª Conferência da Organização Internacional do Trabalho, que esteve reunida em Genebra de 7 a 28 de Junho último.

O comportamento dos representantes do Governo Português nos diversos debates e votações de algumas das resoluções apresentadas mereceu da parte da delegação da CGT-IP, chefiada por Alvaro Neta, severas e justas críticas. Disse esse nosso camarada do secretariado da CGT-IP que «se tornou evidente que estas posições dos representantes do Governo português, nas sessões da O.I.T., são o fruto da presença do CDS no Ministério dos Negócios Estrangeiros do Governo português».

«Quero referir-me concretamente à incompreensível ausência da delegação governamental do nosso País nas votações para a admissão da Namíbia como membro de pleno direito na OIT; na recusa apresentada pelas três grandes confederações sindicais a nível mundial (FSM, CTE e CISE), na qual se pede a abstenção de poderes ao delegado chileno que se apresentou como representante dos trabalhadores desse território, país dominado por uma feroz ditadura militar; e finalmente, no convénio que vem beneficiar os trabalhadores da

Função Pública, no âmbito das garantias e maiores possibilidades de mobilidade nas suas actividades sindicais». As intervenções dos trabalhadores portugueses nesta conferência internacional seguiram os interesses dos trabalhadores, que não só prestigiaram o nosso País como se identificaram com os interesses nacionais.

Uma resolução sobre a Reforma Agrária e a política rural, apresentada pela delegação sindical portuguesa, não viria a ser incluída para discussão. Entre as cinco primeiras aprovadas, estavam as que se referiam à condenação das autoridades de Israel em relação aos trabalhadores dos territórios ocupados; e da Palestina (que não obstante a votação maço favorável) não chegou a ser aprovada, por falta de maioria; sobre instituições sociais, apresentada pelo patronato, que foi rejeitada em bloco; e a que se referia ao emprego dos jovens. A delegação portuguesa apresentou nesta Conferência era composta por: Alvaro Neta, Joaquim Calhau, José Santana Costa, Rosa Maria Marques, Ana Vale, Alexandre Gonçalves, José Manuel Covas, Salvador António Martins Augusto Silva. Todos eles lamentam as incompreensíveis abstenções dos representantes do Governo português, nesta 64.ª Conferência da OIT, as quais em nada melhoram a situação económica em que presentemente se está vivendo em Portugal.

## Notícia e comentários

## ● JOSÉ DE OLIVEIRA MÁTIAS — Lisboa

É curioso o que diz acerca da Radiodifusão Portuguesa (RP), pois tínhamos notado idênticos «fenómenos» de há certo tempo a esta parte.

Diz-nos que, com muita frequência, nos vários emissores, ouve-se um «risco», ou coisa que o valha, onde se informa que: «Trabalhamos 24 horas por dia para informar, contactar, dizer aos portugueses o que somos e o que fazemos». E que acabam normalmente por dizer: «Trabalhamos para todos... para si». E, normalmente, vem em seguida música em inglês, dos mais complicados estilos e completamente ininteligíveis para os portugueses (com poucas excepções, como é evidente). Pergunta: «Será que não haverá música portuguesa capaz de encher esses programas, uma vez que trabalhamos para todos nós... para si». «Final, para quem está a trabalhar essa gente na RDP Radiodifusão Portuguesa?»

## ● ALBERTO DUARTE DOS SANTOS — Lisboa

Suas cartas de 22/3 e 28/3 dão-nos conta, uma vez mais, das grandes anomalias que se verificam nos locais onde se encontram.

Cremos que há um grupo de pessoas interessadas na melhoria desse ambiente, que têm procurado, com a melhor das boas vontades, estudar convenientemente esses problemas e propor soluções que pareçam ser as mais justas e humanas para todos.

Agradecemos as suas palavras e registamos a sua assinatura de «Alavença» na forma a que se refere.

## ● LUIS GOUVEIA — Porto

A propósito das suas impressões acerca das «Crónicas da Manhã» transmitidas pela RDP, as quais classificava de «peçonha e reaccionarismo», estamos de acordo que faz essa excepção ao cronista Assis Pacheco. Seria uma grande injustiça meter todos os esses cronistas (e suas crónicas) no mesmo saco...

## EM DIRECTO COM OS LEITORES

Também nos diz que, através dessas crónicas radiofónicas da manhã, se ataca com frequência, quer directa, quer indirectamente, o 25 de Abril e todas as suas conquistas». Custosamente transcrevemos, por estarmos de acordo com as suas considerações e a sua justa indignação, mais outra passagem da sua interessante carta: «Tendo em conta os novos efeitos sobre o nosso País de tão sua propaganda, e levando em conta que o mundo do trabalho tem os seus órgãos representativos, é de toda a justiça e direito que eles, também, tenham participação nesses meios de Comunicação Social, de acordo com o tão apregoadado pluralismo democrático...». Estranho, portanto, que a CGTP-IP não seja também ouvida, como julgou de direito intervir-se e, como tal, deva veria exigir-lhe, se é que já o não fez».

Tomamos razão e, quanto a ela. A CGTP-IP tem, por várias vezes, exigido ao Governo o direito de antena correspondido ao Lei Fundamental, e os nossos governantes «pluralistas, democráticos, exemplares», até agora têm exercido esse direito à Central Unica dos Trabalhadores Portugueses, uma das muitas injustiças com que o Movimento Sindical Unitário não se conforma, continuando a lutar para que, também neste aspecto, a Lei seja cumprida.

## ● AMÂNDIO DE JESUS MADEIRA — Lisboa

Recebemos a sua carta, muito agradecendo as suas boas impressões acerca de «Alavença», em especial dos últimos números publicados.

Nota-mos quanto nos diz sobre o papel extremamente reaccionário que presente mente Rádio Renascença está ten-

do, caso que se tem estado a verificar de há dois anos a esta parte.

Pouco podemos comentar sobre as suas afirmações, pois só esporadicamente podemos estar em emissão radiofónica. Mas sabemos que, como nos afirma, tem estado a fazer de Rádio Renascença um potente meio de propaganda contra os antifascistas e contra o socialismo, em especial contra os meios socialistas. Podemos sinceramente que não é essa a real e a mais correcta linha da emissão radiofónica católica que, como todos sabem, é um potente e influente meio de comunicação social com implantação nos ouvintes de todo o país.

Cremos que tem razão quando afirma que «Rádio Renascença deveria ocupar-se essencialmente com a educação religiosa dos seus ouvintes, que deveria lutar através da palavra, pela salvação da alma dos católicos — e tantos são, não importa a religião — que prevaleçam na vida de todos os dias, zelando mais por seus interesses pessoais que pela fraternidade cristã. Para esses é que essa Rádio deveria dedicar a maior parte de seu tempo de antena, e não em especial nos seus noticiários, para enganar os seus ouvintes, com notícias mais ou menos imbitivas de um espírito anti-socialista, merecedor de toda a crítica dos que lutam pela verdade na informação e pela democracia e liberdade entre os homens».

## ● LUIS FURTADO FIGUEIREDO MADEIRA — PICO (A cores)

Menciona-se a maior atenção a leitura da sua carta de 16/3. Não estranha, portanto, que só em parte estejamos de acordo com as considerações que nela faz. Se há algumas verdades amargas, nela, no que respeita à situação política actual, há, também, muitas contradições. E, sobretudo, nota-se uma falta de confiança na democracia que os «capitães de Abril» proporcionaram, no que à liberdade diz respeito, ao nosso Povo, o qual esteve, como sabe, cerca de meio século esmagado política e socialmente, com todas as liberdades coroadas. Gostariamos de receber novas castas suas, mas já medidas por um espírito menos derrotista, de análise crítica aos acontecimentos pós-25 de Abril, sim, mas no sentido construtivo da força que a crítica representa.

## ● FRANCISCO FILIPE ROSA — Beja

Toda a sua longa exposição acerca das injustiças sociais e

políticas que vão pelo mundo são de molde a fazer meditar. Mas uma coisa é a vontade, de um bem intencionado, escola. Outra, a nossa vontade colectiva. Não basta denunciar o que lhe parece mal. Inclui-se o que diz acerca das injustiças do Governo. Para nós, sindicalistas, o que importa é, além

do mais, que cada trabalhador tenha a consciência necessária para lutar pela defesa dos interesses da sua classe — unido a sua vontade à dos seus companheiros, através dos Sindicatos, numa luta por uma vida mais justa e próspera para toda a classe trabalhadora.

## REVISTAS RECEBIDAS

### Revista internacional

Problemas da Paz e do Socialismo, Nº 2 de 1978. Traz, em outros artigos de muito interesse: «O movimento de libertação árabe»; «Aspectos da crise e motivos de optimismo»; «Como se alimenta o anticomunismo?»

### Revista portuguesa de Esperanto

Vai já no nº 24. De Fevereiro de 1978, esta revista bimestral, da Potugala Esperanto Asocio, com sede em Lisboa. Eis uma parte do sumário deste número: «A culpa é só dos editores?»; «Assinaturas e doações»; «118º aniversário de Zamenhof»; e «Curiosidades do Esperanto».

### Seara Nova

Sau o nº 1590 desta revista, que se dedica aos problemas mais importantes da literatura, ciência e tecnologia nacionais e internacionais... No número que temos presente, publica, entre outros artigos: «Dossier Brasil: Católicos e Mandatistas» Depoimentos de Eduardo Moura e José Paulo Netto; «O prelo da escola e o mercado de trabalho»; «Desempenho da educação que todos agrãria brasileiros»; «Ainda Abri!»; «O bom e o mau em arte como resultado de um processo de modernização».

### Guia geral dos Caminhos de Ferro

45 anos. «Como deve consultar-se o Guia dos Caminhos de Ferro que os oferece nas páginas de informação (1-60)», etc.

## LIVROS RECEBIDOS

### Edições Avante

«A Revolução Chilena, a ditadura fascista e a luta para a derubra e criar uma nova democracia», por Luis Corvalán; «Tases de Abril», de V. I. Lénine; «Dossier Anticomunismo»; «Dossier Carliouk AN», recollido e redactado de Ruben de Carvalho; «A Revolução Latino-Americana», de Rodney Arismendi; «História e Política — A Historiografia America sobre a sociedade sovietica», por B. I. Mauchovine; da Coleção Conferência: «Economia do CCP»; «Indústrias do Cimento», «Petróleo e Energia»; — Panorama da Energia em Portugal; «Indústrias de Transformação da Energia — Energia Nuclear».

### Edições Novosti

«Direitos e Liberdades dos soviéticos... A democracia so-

viética em acção»; e «J.R.S.S. N.º 10 e o factor».

### Diversos

«A nova Lei Constitucional da Empresa da República Federal Alemã»; «América Latina»; «O Instituto de América Latina»; «Elsinki, que caminho a seguir»; de Panorama D.D.R.; «Documentos de la Quinta Sesión del Comité Central del Partido Socialista Unificado de Alemania»; «25 de Abril — Textos Críticos — Novembro 25», das Edições Utopia; «Prospectas de Guerra — Mercenários de hoje — Angola, Tumulo dos Mercenários», por Wilfred Burck e Donk Roebuck; «O Sindonismo e o Movimento Operário Portugues — Lutas de classe em Portugal — 1917-1919», por António José Teló; «Cabo Verde — Classes Sociais», por António José Teló; «Manifesto sobre política energética... Mais uma tela do imperialismo»; e «As Manifestações da autenticidade africana», por N. Tutashinda.

# a nossa Imprensa

sem inscrições, não será realidade»; «Encontro Nacional de Juristas Sindicais»; «1.ª Conferência de Reformados»; «Escolas — O que conseguimos foi à custa do Sindicato»; «Jovens trabalhadores contra o desemprego»; «MEC — Quadros únicos»; e «Quotização Sindical — Uma importante frente de luta».

## Roda do leme

Mensário dos Trabalhadores do ENVC nº 28; Publica: «Editorial — Os Amigos e os Inimigos»; «Reportagem: Flutuação de dois navios para a URSS — A admisão de Quadros Técnicos»; «Tem a palavra os Quadros Técnicos»; «Abri! reabro em Maio»; «Críticas construtivas, SIM — Divisões, m e a venturéisimo, NÃO»; e «A questão do analfabetismo em Portugal».

## O vidro

Do Sindicato dos Trabalhadores da Indústria Vidreira, recebemos este Boletim Formativo e informativo, que publica: «1.º Maio assume grande significado político»; «O Governo não publica as leis que anulam a luta contínua, apesar da vitória do Movimento Sindical»; «A tomada de posse dos corpos gerentes do Sindicato»; «Que futuro para os trabalhadores vidreiros da cristalaría?»; «Opeplo de Praga»; e «Entrevista com o ex-delegado sindical da CRISTAL».

## Trabalhadores de armazém

Boletim mensal informativo cujo nº 4 tem presente. Publica, entre outros artigos: «Editorial»; «Ser comunista»; «A Previdência dos Trabalhadores»; «Tribunal — Situação dos Processos e Resultados de outros»; «O Movimento Sindical e as suas estruturas na República Popular da Bulgária»; «Orçamento ordinário — Ano de 1978»; e «A Contatação Colectiva e as negociações».

## O electrão

Falamos do nº 2 deste Boletim Informativo do Sindicato

das Indústrias Eléctricas, que publica: «Viva o Dia Mundial do Trabalhador»; «Aprovado o Orçamento Geral do Sindicato para o ano de 1978»; «Aplicação da Contratação Colectiva»; «Verticalização Sindical»; «Grande plenário de Dirigentes, Delegados sindicais e Comissões de Trabalhadores»; «Fólar a Unidade Sindical»; «Trabalhadores lutam»; «Organização Sindical»; «Electrónica Básica»; «Ação intracanal contra o Apartheid»; e «Alteração dos Estatutos do Sindicato das Indústrias Eléctricas de São Paulo».

## O trabalhador químico

Da Federação dos Sindicatos dos Trabalhadores das Indústrias Químicas, temos presente o nº 3 que, além do «Editorial», publica: «Defender a Constituição e defender a Democracia»; «IX Congresso Sindical Mundial — Pela Unidade e Solidariedade dos Trabalhadores e Sindicatos»; «Federação dos Sindicatos de Químicos visita a QUIMIGAL-Barril»; «Cuba, 28 Julho a 5 de Agosto — XI Festival da Juventude dos Estudantes»; «Orçamento Geral do Estado — Maiores impostos, menos dinheiro para os trabalhadores»; «Quimárias, V.N. de Manólio

Trabalhadores pelo reforço da Unidade»; «Direito a férias»; «Trabalhadores da PETROGAL pedem Sindicato sindicalista»; «Fólar na Unidade dos Trabalhadores dos Sabões»; e «O 25 de Abril veio para ficar».

## Círculo

Boletim informativo do Sindicato dos Trabalhadores Electricistas do Centro. O nº 3 publica: «Editorial — Contra a direita e o patronato, Unidade em torno dos Sindicatos»; «1.º de Maio — Unidade e luta»; «Aumento das tarifas — Solução mais fácil»; e «Situação Colectiva — Situação dos Contratados».

## Nota da Redacção:

A falta de espaço impediu-nos de fazer mais referências a outras publicações e notícias, o que faremos no próximo número. De facto, pedimos desculpa aos nossos amigos e camaradas.

rab», publica: «História do Movimento Sindical — do 18 de Janeiro à Fundação da Intersindical»; «1.º de Maio-reportagem em Lisboa»; «ACT Cervejeira — CSN na Conferência de Imprensa»; e «Reformados organizam Conferência Nacional».

## Informação ex-CUF-Quimigal-EP

Dos trabalhadores para trabalhadores, é a divisa deste mensário, a cujo número de Maio nos referimos. Publica, entre outros artigos: «1977 — Ano Internacional da Criança»; «Assembleia Extraordinária do CGT da Ex-CUF-Quimigal-EP»; «Socorro ao Trabalho — Um elemento importante da prevenção»; «Isto é uma pouca vergonha»; «Mocambiques — Estratégia do Desenvolvimento»; «Curiosidades»; «Medicina e Saúde»; e «Tempos Livres».

## O pão

Mensário do Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias de Panificação e Produtos Alimentares Afins do Distrito de Lisboa, cujo nº 20 inclui os artigos: «Revisão da Tabela Salarial para os trabalhadores da Panificação»; «Salário Mínimo Nacional»; «Fundo Monetário Internacional»; «O trabalhador e as leis»; «Segurança Social e Previdência»; «Legislação»; «O Problema da sindicalização dos trabalhadores civis dos Estabelecimentos Militares»; e «A Juventude e o Sindicato».

## O trabalhador da Função Pública

Foi publicado o nº 5 deste Boletim do Sindicato dos Trabalhadores da Função Pública da Zona Sul, que traz, entre outros artigos: «Negociação Colectiva — Uma exigência dos TFP's Portugueses em discussão na OIT»; «Cooperativa

## Ofuso

Sala o nº 34, respeitante a Junho, do Sindicato dos Trabalhadores Têxteis, Lanifícios e Vestuário do Sul. Tra, no seu todo, dos problemas relaciona-dos com o II Congresso Nacional dos Têxteis, efectuado de 19 a 21 de Maio último, na Covilhã.

## O metalúrgico

Órgão da Federação Nacional dos Sindicatos Metalúrgicos, nº 13, que publica: «Do Minho aos Açores, um só povo, uma só luta»; «Editorial: Dinâmica dos trabalhadores açoriana Unidade Sindical»; «Tabela Salarial visa fazer face ao custo de vida»; «1.º de Maio nos Açores: Solidariedade metalúrgica atomiza a reacção separatista»; «Conferência dos Reformados: Unidade e Confiança»; «Tribunal Cívico Humberto Delgado: Julgar a Pide-DCS, condena o fascismo»; «Dificuldades na indústria naval reflectem crise no mundo capitalista»; «Em Chaves, o patronato não cumpre a portaria»; «A multinacional Agfa-Gevaert viola acordo — denuncia trabalhadores despedidos, etc.».

## Boletim informativo

Da Federação Nacional dos Sindicatos da Indústria de Hotelaria de Turismo, recebemos o nº 1, de Junho de 1978, que traz, entre outros artigos: «Editorial»; «Novo Contrato 1978»; «Fundamentação da proposta de tabela salarial»; «Lutar contra o sindicato paralelo com quem luta contra o patronato»; «Proposta do novo CCTV para o sector apresentado pela nossa Federação»; e «O patronato pode pagar à vontade os salários, que os Sindicatos prope-m».

## Oscritório

Sau o nº 16, referente a Maio. Revista do Sindicato dos Trabalhadores de Escritório do Distrito de Lisboa. «Editorial»; «Pacote 3 — que fazer?»; «Organização Internacional do Trabalho»; «História do Movimento Sindical Português»; «Pontos de vista sindical»; «Assim vai a vida — cabaz de 1978», etc.

## Elo sindical

Órgão da União dos Sindicatos de Viana do Castelo, nº 3, que publica: «A memória de Maio. Publica: «A memória dos homens»; «Ainda sob a lei dos despedimentos»; «Vida sindical»; «INATEL? Mas que INATEL?»; «O abono de família»; «Intervenção do Movimento Sindical no 1.º de Maio/78, em Viana do Castelo»; «Pela Independência, pela P.z. e pela Liberdade»; e «O que é o Teatro».

## Jornal do Sindicato dos Trabalhadores da Marinha Mercante, Aeronav e Pesca

Referimo-nos ao nº 9, do Boletim deste Sindicato, que publica, entre outros artigos: «Editorial»; «Sobre a necessidade de cooperação com o Movimento Sindical nas Ilhas»; «CAMISA»; «Combater a pulverização sindical»; «Sobre o serviço de abastecimento de Peixe ao Fales»; José Saramago: «Estamos vivos é já em si uma vitória»; «Serviço Nacional de Saúde»; «Notícia do Sindicato»; e «Encontro sobre o Direito ao Trabalho».

## A carica

Boletim do Sindicato Nacional dos Trabalhadores da Indústria de Bebidas. Número de Maio de 1978. Além do «Edito-

alhador  
neces-  
defesa  
classe  
da a dos  
através  
luta por  
mas  
esse tra-

revista,  
abremas,  
seratura,  
acionais  
número  
publica,  
Dossier  
Eduar-  
Netto;  
Evo-  
a brasi-  
O hom  
neutráti-  
co.

consul-  
tamos  
nas  
(1-60)».

R.S.S.

cional  
do Fede-  
Latina,  
e a se-  
Carrel  
nta Se-  
del Pa-  
o de  
Tex-  
ro 25»,  
consti-  
mários  
do des-  
nd Bur-  
O S.T.  
Ope-  
das de  
de 197-  
o Telo;  
s So-  
r, Mi-  
Carrel  
política  
na tela  
Mistifi-  
a africa-

# CONFERÊNCIA NACIONAL DE ORGANIZAÇÃO SINDICAL

**D**E acordo com a proposta apresentada pelo seu Secretariado Nacional, que obteve parecer favorável do Conselho Geral, a Confederação Geral dos Trabalhadores Portugueses — Intersindical Nacional acaba de anunciar publicamente a realização de uma Conferência Nacional de Organização Sindical, na qual estará empenhada toda a estrutura sindical portuguesa, de forma a transformar essa iniciativa numa grande acção de massas e fazer das suas conclusões as linhas mestras da orientação para o Movimento Sindical, no campo da organização.

O constante prestígio e crescimento do Movimento Sindical Unitário, a evolução das condições político-sociais, a diversificação das táticas desenvolvidas pelas forças divisionistas, tornam necessário que se avance decisivamente na reestruturação sindical, encontrando as soluções que, assentes na prática e colhendo os seus ensinamentos, melhor adaptem o Movimento Sindical Unitário às tarefas actuais de defesa do projecto constitucional e das conquistas dos trabalhadores, dos seus interesses e direitos, clarificando a definição global de uma prática político-sindical e garantindo, através da discussão e da participação ampla e democrática, a mobilização dos trabalhadores e das suas estruturas representativas para a defesa intransigente da unidade.

A Conferência tem, pois, como objectivo fundamental consolidar e desenvolver a unidade dos trabalhadores e a unidade orgânica do Movimento Sindical com a finalidade de fortalecer este e assegurar, face às novas circunstâncias, condições que lhe permitam continuar a assumir, com maior eficácia, as suas responsabilidades na defesa dos interesses e direitos dos trabalhadores, designadamente das conquistas da Revolução, bem como na realização do projecto constitucional que aponta ao Socialismo.

Eis a discussão dos três temas fundamentais da sua ordem de trabalhos:

- A situação do Movimento Sindical e reestruturação.
- O reforço da democratização das estruturas e órgãos e participação dos trabalhadores.
- A Unidade do Movimento Sindical.

A realização da Conferência Sindical Nacional sobre os problemas da mulher trabalhadora, a efectuar provavelmente em 4 e 5 de Novembro próximo, conforme proposta do Secretariado Nacional e também ratificada pela reunião do Conselho Geral, e a realização de congressos sindicais de diversos e importantes sectores de actividade, tais como dos Metalúrgicos, Têxteis, Hotelaria e outros, constituem uma contribuição importante para o aprofundamento e desenvolvimento da própria Conferência.

A Conferência Nacional de Organização Sindical será aberta à participação de todas as associações sindicais, filiadas ou não na CGTP-IN, de acordo com a prática seguida pelo Movimento Sindical Unitário, e à sua realização preside o espírito aberto e democrático do Congresso, de modo a assegurar a livre expressão e discussão de todas as ideias e pontos de vista existentes no seio do Movimento Sindical e dos trabalhadores, sem qualquer excepção.

Até à organização descentralizada, do empenho de toda a estrutura sindical, da participação activa dos trabalhadores, da recolha sistemática e exaustiva das experiências, será possível transformar a Conferência numa grande acção de massas e fazer das suas conclusões linhas seguras de orientação para o Movimento Sindical no campo da organização.

Do que fica exposto, verifica-se que o objectivo fundamental dessa iniciativa da CGTP-IN é o de tornar este acontecimento sindical de maior vulto entre o último Congresso de Todos os Sindicatos, efectuado em Janeiro de 1977 e o próximo Congresso, a realizar em 1980.